

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC- SP

Isabela Pereira Barros

**À redação do Diário – uma análise das cartas dos leitores do
*Diário de S. Paulo***

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

São Paulo

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Isabela Pereira Barros

À redação do Diário – uma análise das cartas dos leitores do *Diário de S. Paulo*

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Leda Tenório da Motta

SÃO PAULO

Julho/ 2009

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, dois grandes incentivadores.

A Leda, a melhor e a mais atenciosa das orientadoras.

A Felipe e Miguel, meus irmãos, sempre na torcida.

A Fábio, pela força e por ter me ajudado a ficar bem quando eu mais precisei.

A Vanessa, chefe e amiga, pelo apoio para a conclusão do mestrado.

Aos amigos Alynne, Débora, Mona, Beta e Breno, pelo incentivo.

A Jorge e Jonas, pela ajuda valiosa com as cartas e arquivos do *Diário*.

A Heloísa, minha luxuosa revisora.

Cartas produzem memórias, que se desdobram em críticas, que desencadeiam cartas, que engendram memórias... É o grande circuito dos discursos, onde se pode observar a inscrição das trajetórias de leitor e autor, de remetente e destinatário.

Marília Rothier Cardoso

RESUMO

A pesquisa “À redação do Diário – uma análise das cartas dos leitores do *Diário de S. Paulo*” objetiva realizar uma análise semiótica do discurso dos missivistas do jornal *Diário de S. Paulo* e entender através desse exame semiótico a relação que se estabelece entre eles e o jornal. A escolha do *Diário de S. Paulo* justifica-se pelo caráter popular do jornal e pela sua antiguidade (125 anos). Mais especificamente, trata-se de avaliar se os conteúdos veiculados pelo jornal são considerados relevantes para esses leitores e de descobrir que temas geram cartas. Será verificado se as demandas variam em função do momento político, a que tipo de noticiário reage o leitor interativo. Analisar como esses missivistas reagem e se essas respostas lançam novos temas na agenda do periódico. Ao mapear a enunciação dos leitores, seus temas e demandas, será possível entender que espaço é o jornal para os seus missivistas. Ponto fundamental para esta pesquisa, o conceito de leitor imersivo será utilizado para analisar a postura do leitor que se vê diante de um novo modo de ler, marcado pela interatividade do ciberespaço. Assim, a comparação entre a postura dos leitores de um jornal impresso e dos leitores de blogs na internet será fundamental para este trabalho na medida em que analisa as transformações trazidas pela internet e pelo leitor imersivo que ela introduz. O corpus da pesquisa é constituído por uma seleção de cartas enviadas ao *Diário de S. Paulo*. Serão consideradas as cartas publicadas em 2007, 2008 e nos três primeiros meses de 2009: janeiro, fevereiro e março. Serão analisadas as cartas cujo conteúdo esteja relacionado a três temas: religião, sexualidade e política. O objetivo é acompanhar as reações dos leitores diante de casos recentes de grande repercussão local e nacional, sempre a partir dos temas delimitados; analisar como esses missivistas reagem e se essas respostas geram novos temas na agenda do jornal; mapear a enunciação desse grupo de leitores. A metodologia envolverá a análise do discurso das cartas e dos textos do jornal que têm ligação com essas, pesquisa bibliográfica e documental. Entre os autores selecionados como referência teórica estão Roland Barthes, Eugênio Bucci e Lúcia Santaella.

PALAVRAS- CHAVE: leitor, carta do leitor, leitor imersivo, epistolografia, blog

ABSTRACT

The research “*To the Press Office of the Diary- A review of the letters from readers of the Diário de S. Paulo*” aims to conduct a semiotic analysis of the discourse of the newspaper daily readers of the newspaper and further understanding, through semiotic examination, the relation between those and the newspaper. The choice of the *Diário* is justified by the popular character of the newspaper and its experience in this field through the years (125). Hence, By mapping these readers reactions, their points and requirements it will be possible to understand what place has the newspaper achieved in their lives. Additionally, it aims to analyse if the responses of the readers make new topics emerge on the daily draft of the newspaper. The concept of immersive reader will be used in this research as a fundamental point of analysis of the point of views of the readers who found themselves embraced by a new concept of reading, marked by the interactivity of the cyberspace. Thus, the comparison between the attitude of readers of a newspaper printed and readers of blogs on the internet will be crucial to this work as it examines the changes brought by internet and the immersive lector that it introduces. The *corpus* of this research is composed by a selection of letters to the *Diário de S. Paulo*. It will be considered the letters published in 2007, 2008 and 2009 (from January to March). The reactions of the readers after cases of great commotion, related to religion, sexuality and policies. The methodology involves the discourse analysis of the contents of the letters and also the newspaper that are connected, as well as bibliographic and documentary literature. Among the authors selected as main references are Roland Barthes, Eugênio Bucci, Lúcia Santaella and José Luiz Fiorin.

KEYWORDS: reader, the reader’s letter, immersive reader, blog

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I: A LEITURA EM BREVE PERSPECTIVA	8
1.1 Três tipos de leitores.....	10
1.2 Sobre a epistolografia	17
1.3 Leitores e missivistas do Diário de S. Paulo	22
CAPÍTULO II: A INTERLOCUÇÃO ENTRE O JORNAL E OS LEITORES	26
2.1 Uma cultura própria	29
2.2 O exemplo do jornalismo digital	35
CAPÍTULO III: O DISCURSO DAS CARTAS	41
3.1 Religião.....	42
3.2 Sexualidade.....	61
3.3 Política.....	78
3.4 As demandas do leitor no jornal.....	92
3.5 O leitor imersivo do Diário.....	95
CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

A resposta de um leitor, telespectador, ouvinte ou internauta diante dos conteúdos apresentados a ele pelos diferentes veículos de comunicação sempre foi, para mim, um dos maiores alvos de interesse em meu trabalho como jornalista. Uma interação fundamental para aprimorar e orientar o trabalho de repórteres e editores. Tanto que, até hoje, com muita frequência, os telefonistas do jornal em que trabalho atualmente, o *Diário de S. Paulo*, passam a ligação para o meu ramal sempre que alguém quer comentar alguma notícia ou sugerir alguma ideia de reportagem para o primeiro caderno do periódico, chamado *São Paulo*, do qual sou editora-assistente. Esse contato com a redação, no caso do *Diário de S. Paulo*, normalmente tem como base uma reclamação ou denúncia a respeito dos mais variados assuntos: da falta de iluminação pública na rua até a percepção de alguma conduta fora dos padrões no ambiente em que o leitor trabalha. Há muitos policiais, por exemplo, que, sem se identificar, ligam para relatar situações de privilégio ou corrupção dentro das polícias Militar ou Civil. E assim por diante. Tal interação se verifica ainda no envio de cartas e e-mails à redação, para publicação na seção *Diário do Leitor*, situada na página A2 do jornal.

Foi essa curiosidade que me motivou a pesquisar o assunto, ingressando no mestrado em Comunicação e Semiótica da PUC em São Paulo. E, uma vez no programa, a elaborar a presente dissertação: *A redação do Diário - Uma análise das cartas dos leitores do Diário de S. Paulo*. Este trabalho visa realizar uma análise semiótica do discurso dos missivistas do referido jornal, entender através desse exame semiótico os termos das relações que se estabelecem entre eles e o periódico. A proposta é analisar o que o leitor recebe e o que retorna ao *Diário*, segundo o que está escrito nas cartas, apontando seus enunciados, identificando os termos dessa relação.

Trata-se também de verificar que aspectos desses conteúdos são mais destacados, os temas que mais interessam e geram debate, que novos temas são, eventualmente, lançados no jornal em função disso, desse retorno por parte dos leitores. Será verificado ainda se as demandas variam em função do momento político. Isto é, de

que forma os leitores reagem ao noticiário. E ainda apontar recorrências dentro do material analisado: os leitores escrevem mais para apoiar o jornal ou para criticar?

Tudo isso dá-se à luz do conceito de leitor imersivo. Essa comparação entre a postura do leitor interativo do jornal e o leitor imersivo da internet será feita a partir da análise dos e-mails enviados pelos internautas para o próprio blog do jornal *Diário de S. Paulo*, o *Blogão do Diário*. O canal, baseado no site do periódico (www.diariosp.com.br), começou a funcionar em 22 de outubro de 2008 e reúne 13 diferentes blogs sobre cultura, entretenimento, comportamento, trânsito e futebol. Todos os conteúdos veiculados no *Blogão* são produzidos pelos próprios jornalistas e colaboradores do periódico, e servirão de base para entender o que está por trás dos enunciados dos leitores num caso e no outro. O comparativo entre a postura dos leitores de um jornal impresso e dos leitores de blogs na internet será enriquecedor para este trabalho, pois revelará as transformações trazidas pela internet e pelo leitor imersivo que ela introduz.

A análise das cartas enviadas pelos leitores do *Diário de S. Paulo* permitirá não apenas entender melhor a posição do leitor diante de seu jornal, mas estabelecer pontes entre figuras de leitores: estes antigos leitores massivos e já imersivos e os atuais navegadores da internet que vivenciam aí um novo modo de ler.

Um leitor que navega numa tela, programando leituras num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contando que não se perca a rota que leva a eles. Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as sequências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc (SANTAELLA, 2004, p.33).

A grande marca do leitor imersivo está na interatividade. E nas transformações surgidas com esse tipo de leitura, como a mudança de ritmo, a maior agilidade dos movimentos e escolhas. O leitor imersivo tem à sua disposição ferramentas múltiplas e diferenciadas em relação ao chamado leitor movente.

É o leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas sígnicas, um leitor que é filho da revolução industrial e do

aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem na multidão. Esse leitor, que nasce com a explosão do jornal e com o universo reprodutivo da fotografia e do cinema, atravessa não só a era industrial, mas mantém suas características básicas quando se dá o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão” (SANTAELLA, 2004, p 19).

Diante desse cenário de mudanças, trata-se de investigar também qual o significado do bom e velho jornal num contexto em que as notícias são oferecidas de graça, minutos depois que os fatos acontecem. Analisar as cartas recebidas pelo *Diário* ajudará a entender que papéis são atribuídos ao jornal nesse cenário de mudança no acesso à informação, verificar como se dá a relação desse veículo com os seus leitores.

No campo de pesquisas da comunicação, o trabalho é relevante no sentido de que fornecerá subsídios para o entendimento daquilo que o leitor retorna para o jornal, de quais são os enunciados desses missivistas. São considerações que podem ajudar os pesquisadores da área a entender melhor as posturas dos leitores. E os jornalistas a trabalhar com maior embasamento, mais afinados com seu público. De acordo com Eugênio Bucci, essa proximidade ajuda os profissionais da imprensa a fazerem suas leituras do mundo.

As revistas não pretendem nem dizem pretender retratar o mundo e a vida como eles são, mas pretendem fazer uma leitura do mundo, uma interpretação da realidade – e é com isso (com essa interpretação) que o leitor se identifica. Diz-se até, não sem vaidade, que as revistas devem ter “a cara do editor”. Além de vaidosa, é uma presunção ilusória. Na verdade, a boa revista tem a cara de seu público. A visão de mundo do editor não é forjada no interior da cabeça dele para daí espalhar-se pelo universo dos leitores; apenas representa uma consolidação de opiniões médias do público ao qual se destina, e a isso acrescenta alguma pitada de surpresa e de invenção. O bom editor já não é o visionário que, como nos ideais do iluminismo, iria promover o esclarecimento do povo sequioso de luzes. O bom editor é aquele cuja visão de mundo é bem próxima a do seu leitor. Tem uma certa ousadia aqui, um toque de conservadorismo ali, mas não pode pretender nada de espetacularmente original sob pena de não conseguir termos de diálogo com o leitorado (BUCCI, 2000, p.111).

É preciso entender os interesses do leitor, estabelecer um diálogo. É daí que vem a relevância dessa pesquisa, da necessidade de valorizar o pensar na prática jornalística.

A prática jornalística nunca dependeu tanto da reflexão e do estudo como agora. Uma redação não é um balcão onde notícias são

empacotadas. Uma redação é um núcleo encarregado de pensar (BUCCI, 2000, p.111).

Para tanto, serão investigadas as perspectivas da história da leitura ao longo do tempo, as mudanças pelas quais o ato de ler vem passando, mas sem perder o foco, a noção de que um leitor pode ser um sujeito ativo diante de um mundo de signos e possibilidades. “Um leitor também é aquele que lê mal, distorce, percebe confusamente. Na clínica da arte de ler, nem sempre o que tem melhor visão lê melhor” (PIGLIA, 2006, p. 19). As distorções, vontades, confusões, vaidades, medos, protestos, críticas e elogios dos leitores do *Diário* estão também nas cartas que eles escrevem, em seus posicionamentos no espaço conferido a eles dentro do jornal. Isso tendo noção, claro, de que, assim como há “maus leitores”, segundo descreveu o autor, também há “maus jornalistas”, digamos assim. “A versão contemporânea da pergunta ‘o que é um leitor?’ se instala nesse lugar. O leitor perante o infinito e a proliferação. Não o leitor que lê um livro, mas o leitor perdido numa rede de signos” (PIGLIA, 2006, p. 27).

Por outro prisma, as considerações tecidas por Eugênio Trivinho, em seu livro *Dromocracia Cibercultural*, sobre a patologia que acomete alguns navegadores da internet, nos sugerem questionar se, já na relação com os jornais, isso pode ser verificado. Essa relação com o jornal passa também pela tentativa de afirmação de identidade por parte do leitor.

Nessa perspectiva, pode-se melhor apreender a significação do desejo de identidade. Ela é a protuberância psicopulsional da equação cifrada de algo mais denso e supostamente mais estruturante. Esse desejo porta, no bojo, outro desejo, menos patente no âmbito de si- próprio: o de dar solução ao escombro originário, à sensação dispersiva de uma não-organicidade constitutiva, de uma não-sistematicidade heurística. Nesse sentido, o desejo de identidade desempenha a função de “sujeito” do cumprimento de uma parcela de libido conexa e mais fundamental: desejo do desejo, se assim se pode dizer (TRIVINHO, 2007, p. 373).

Estamos diante da ideia de que, enquanto nos chats, por exemplo, a identidade é muitas vezes corroída, em outros setores do ciberespaço, como os sites que apresentam culturas próprias, como os sites de jornais, a identidade é previamente articulada num contexto presencial. Ou seja, o leitor do *Diário de S. Paulo* conhece o periódico, firma a

sua identidade de leitor do jornal e dá um passo adiante ao acessar o site e visitar os blogs oferecidos.

É interessante observar como, a despeito das muitas formas de acesso à informação, como a própria internet, o leitor/missivista do *Diário de S. Paulo* ainda mantém uma relação de proximidade com o jornal, o que o leva a atribuir ao periódico o papel de porta-voz de suas opiniões e ou reivindicações e a concretizar o desejo de afirmação e poder simbólico consistente em ver o próprio nome e assinatura estampados num cotidiano. Uma relação que, no caso do leitor imersivo, pode chegar à dependência, à patologia já apontada por alguns, como Trivinho, que vem da sociabilidade própria do ciberespaço, da relação imaterial de troca, da representação da internet no discurso verbal e imagético.

O *corpus* da dissertação é constituído por uma seleção de cartas e e-mails enviados pelos leitores do *Diário de S. Paulo* para a seção *Diário do Leitor*. Serão consideradas as mensagens enviadas e publicadas em 2007, 2008 e nos três primeiros meses de 2009, ou seja, janeiro, fevereiro e março. O objetivo é conferir a maior atualidade possível ao trabalho. Serão analisadas aquelas cujo conteúdo seja relacionado a três temas: religião, sexualidade e política. O objetivo é acompanhar as reações dos leitores diante de casos recentes de grande repercussão local e nacional, sempre a partir dos temas delimitados. Analisar como esses missivistas reagem e se essas respostas geram novos temas na agenda do jornal. Mapear a enunciação desse grupo de leitores. O critério de escolha dessas cartas será dado pelo impacto das notícias a que elas reagiam.

Entre os casos que motivaram mais cartas por parte dos leitores no período considerado no *corpus* está o assassinato da menina Isabella Nardoni, cujos principais suspeitos são seu pai, Alexandre Nardoni, e sua madrasta, Ana Carolina Jatobá, em março de 2008.

A morte de Isabella Nardoni foi um dos fatos que mais geraram missivas para o jornal, que mais indignaram os leitores, muitos dos quais se mostraram chocados com a atitude do pai que atira a filha de 5 anos de idade pela janela após a criança ter sido agredida por sua segunda esposa, versão apresentada pela polícia para o caso após

alguns meses de investigação. O casal deve ir a júri popular em 2009, de modo que o assunto não sairá do cotidiano dos leitores do *Diário* e de outros periódicos tão cedo.

O impacto do caso Isabella no discurso do jornal e dos leitores constituirá, para este trabalho, uma fonte de análise importante por diferentes aspectos. Trata-se de um drama que remeteu diretamente à falência de uma família de classe média, que poderia muito bem ser a família do leitor, o que gera identidade e indignação. Está-se falando aqui da derrocada de valores básicos de proteção familiar como a premissa de que os pais devem prover e proteger seus filhos. E tudo isso se reflete nas palavras, no discurso. Como observou Leda Tenório da Motta em seu artigo *Antígona em São Paulo: um diálogo entre duas tragédias*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, chamou a atenção no caso Isabella o uso do termo “madrasta” para denominar a segunda mulher de Alexandre Nardoni, Ana Carolina Jatobá. E não simplesmente “tia” ou “a segunda esposa do pai”, usos mais correntes para esse tipo de situação no Brasil.

Isso torna, aliás, surpreendente a maneira como, até mesmo na Rede Globo, que normalmente observa a regra da coloquialidade – os deles e os delas da Globo, como diria Caetano Veloso – prosperou “a madrasta”, em lugar de “a mulher” de Alexandre Nardoni, trocando-se, assim, também no registro do padrão de qualidade, uma formulação em bom português por outra pomposa, falseada e punitiva. É que, em sua desenvoltura, “a companheira” ou “a segunda mulher do pai” exporiam demais a falência do casamento e da família a que chegamos, daí esse tipo de expressão, embora cada vez mais corriqueiro, incomodar até mesmo a representação da vida como ela é no jornalismo botânico, diriam alguns. É que “madrasta” já é um veredicto, uma condenação prévia, daí sua utilidade, diriam outros (MOTTA, 2008, p. D6).

Chamar Ana Carolina Jatobá de madrasta é, nesse contexto, uma forma de punição para a maldade possivelmente cometida, já que, até julho de 2009, o casal não havia sido condenado pela Justiça. De certa forma, é a voz da versão paulistana do coro grego a se manifestar diante da tragédia.

Seria o clamor das pessoas às portas das casas, delegacias e presídios que ouvimos hoje uma espécie de recondução das vozes de um coro grego trágico cantando o fatídico de nossa existência, que algumas famílias malfadadas têm na cidade a missão de relembrar? (MOTTA, 2008, p. D7).

O “coro grego” à paulista se reflete na seção *Diário do Leitor*. E fala por meio das vozes dos leitores, expressas por suas palavras, registradas em suas cartas. É o que veremos na análise das missivas selecionadas para esta dissertação.

Para tanto, a base metodológica desse trabalho envolverá a análise do discurso das cartas, o que será feito por meio de pesquisa bibliográfica e documental junto ao jornal *Diário de S. Paulo*. O embasamento teórico para tanto virá de autores selecionados como referência para tal, como José Luiz Fiorin, Eugênio Bucci, Eugênio Trivinho, Lúcia Santaella, Pierre Leva, Ricardo Piglia, Roger Chartier e Roland Barthes, entre outros presentes na bibliografia. A análise do discurso das cartas, por outro lado, será baseada em José Luiz Fiorin, já citado anteriormente.

A estrutura da dissertação apresenta a seguinte divisão de capítulos: Introdução; 1) Leitores e missivistas em perspectivas históricas, com um apanhado das mudanças pelas quais passou a leitura e passaram os leitores ao longo do tempo, além da história da epistolografia, destacando a importância da carta no século XVIII; 2) Reflexões sobre o jornalismo contemporâneo, com ênfase nas relações dos veículos de imprensa com seus leitores, internautas, telespectadores, e no peso que isso tem para o fazer jornalístico; 3) Exame do *corpus*, com a análise das cartas dos leitores propriamente dita e Conclusão. Esses capítulos serão alinhados com o objeto de análise deste trabalho, as cartas dos leitores do *Diário*, com referências nesse sentido. A abordagem dos diferentes tipos de leitores, citada anteriormente, também será feita à luz do perfil do leitor do *Diário de S. Paulo*.

1. A LEITURA EM BREVE PERSPECTIVA

Apesar da visão eurocentrista que perdurou durante muito tempo a respeito do assunto, as relações entre impressão, publicação e leitura não começaram com Gutenberg, até porque a gravação na madeira já existia antes da invenção da prensa em países como a China e o Japão. Outra informação importante: mesmo que a impressão tenha substituído o manuscrito como forma de reprodução e propagação dos textos na segunda metade do século XV, a cópia manual não deixou de existir. De qualquer forma, o ano de 1450 é a data aproximada para a invenção, na Europa, por Gutenberg, da prensa gráfica. O inventor pode ter se inspirado nas prensas de vinho de sua região natal, que usava tipos móveis de metal. Por esse motivo, estudiosos proeminentes da história da leitura, como Roger Chartier, apontam que as revoluções, nesse campo, são muitas.

As “revoluções da leitura” são múltiplas e não estão imediatamente ligadas à invenção ou às transformações da impressão. A primeira consiste no longo processo que leva um número crescente de leitores a passar de uma prática de leitura necessariamente oral, na qual ler em voz alta era indispensável para a compreensão do significado, para uma leitura visual, puramente silenciosa. (CHARTIER, 2005, p. 23).

Dessa forma, Chartier coloca que a primeira revolução da leitura na Idade Moderna está ligada à transformação da função mesma da palavra escrita, substituindo o modelo monástico pelo chamado modelo escolástico, que tornou o livro tanto um objeto como um instrumento de trabalho intelectual. É aí que entra a leitura silenciosa como ruptura, como o passo que permite uma relação mais íntima e livre com a escrita. Ler em silêncio é poder ler mais rápido, assimilar conteúdos mais complexos.

Outra revolução apontada pelo autor se deu no século XVIII, apoiada, entre outros fatores, no crescimento da produção do livro: a transformação dos jornais, a ascensão dos códices de pequeno formato e a multiplicação de bibliotecas e sociedades de leitura, nas quais era possível ler sem ter que comprar os livros. A partir desse momento, os leitores passaram a ler mais e avidamente, um caminho que só avançaria,

até chegar nos dias de hoje, em que o acesso à leitura é amplo, irrestrito, repleto de possibilidades. Ainda que isso aconteça de forma mais despreziosa, despreendida e, muitas vezes, caótica.

Em nossa época, a transmissão eletrônica de textos trouxe outra revolução na leitura. Primeiramente, transforma essa noção de contexto, ao substituir a contiguidade física entre os textos presentes no mesmo objeto (um livro, uma revista, um jornal) por sua distribuição nas arquiteturas lógicas que regem os bancos de dados, os arquivos eletrônicos e sistemas de processamento, que tornam possível o acesso à informação. Redefine também a natureza “material” dos trabalhos, ao suprimir a relação imediata e visível que existe entre o objeto impresso (ou manuscrito) e o texto ou textos que contém (CHARTIER, 2005, p. 26).

Assim, estamos diante de reorganização da escrita, numa lógica que muda os processos de produção, transmissão e leitura dos textos, redefinindo papéis e funções sociais. Agora, é possível, com o suporte de um computador apenas, ser escritor, editor e propagador de um novo livro, por exemplo. Basta fazê-lo na internet.

O mundo dos textos eletrônicos também remove a rígida limitação imposta à capacidade do leitor de intervir no livro. O objeto impresso impunha sua forma, estrutura e espaços ao leitor e não supunha nenhuma participação material física do leitor. Se, contudo, quisesse inscrever sua presença no objeto, ele só poderia fazê-lo clandestinamente, ocupando com seu manuscrito as margens ou as páginas em branco. Tudo isso muda com o texto eletrônico. Não apenas os leitores podem submeter o texto a uma série de operações (podem indexá-lo, mudá-lo de um lugar para outro, decompô-lo e recompô-lo), mas podem também tornar-se co-autores. A distinção entre escrever e ler, entre o autor do texto e o leitor do livro, que é imediatamente discernível na cultura impressa, dá lugar agora a uma nova realidade: o leitor torna-se um dos possíveis autores de um texto multiautoral ou, no mínimo, o criador de novos textos compostos por fragmentos deslocados de outros autores. Os leitores da era eletrônica podem construir textos originais, cuja existência, organização e aparência dependem somente deles. Além disso, têm o poder de intervir a qualquer momento para modificar o texto e reescrevê-lo. Tudo isso, assim como a possibilidade de receber textos, imagens e sons no mesmo objeto – o computador –, altera profundamente todo o relacionamento com a cultura escrita (CHARTIER, 2005, p. 27).

Tantas mudanças conferem ao leitor uma posição de maior comando diante do texto eletrônico. E isso transforma a leitura de uma prática à primeira vista passiva em uma atividade mais criativa, repleta de possibilidades e conexões, com as técnicas à disposição dos produtores e usuários. É por isso que, hoje, os leitores/missivistas do *Diário de S. Paulo*, alvo de análise neste trabalho, se sentem mais à vontade para escrever cartas, e-mails, para interagir com o jornal que têm em mãos, para vivenciar uma leitura ativa, digamos assim.

Aparentemente passiva e submissa, a leitura é, em si, inventiva e criativa. Uma história abrangente da leitura dos leitores deve, assim, considerar a variação, de acordo com o tempo e o local, das condições de possibilidade e das operações e efeitos de tal invenção e criação. Em nosso mundo, a imaginação do leitor pode mobilizar simultaneamente os diferentes e sucessivos modos de inscrição e transmissão da palavra escrita que herdamos no passado: manuscrito, impresso e comunicação eletrônica. É impossível saber como os leitores vão combinar, no futuro, essa pluralidade de possibilidades (CHARTIER, 2005, p. 31).

É justamente de possibilidades que vamos falar no próximo ponto deste trabalho. Das lógicas e recursos à disposição dos diferentes tipos de leitores.

1.1 TRÊS TIPOS DE LEITORES

Não restam dúvidas de que o leitor da internet não é mais o mesmo leitor do tempo em que o livro era a principal mídia no campo da escrita. E que agora as ferramentas, suportes e referências são outras. De acordo com a professora Lúcia Santaella, pesquisadora do ciberespaço e seus caminhos e descaminhos, entre outros objetos de estudo, há muitos tipos de leitores: do livro, da imagem, do desenho, da pintura, gravura, fotografia, jornal, etc (SANTAELLA, 2004, p. 18). Mas, entre esses, é possível estabelecer três tipos gerais de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo. Uma classificação baseada nos tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que envolvem o ato de ler. Observação importante: um tipo não exclui o outro, já que os três existem continuamente.

Assim, em linhas gerais, o leitor contemplativo é aquele meditativo da idade pré-industrial, o da era do livro impresso e da imagem expositiva, sendo essa imagem fixa.

Situa-se do Renascimento até meados do século XIX. Já o leitor movente é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas sígnicas. Um homem que é filho da Revolução Industrial e dos grandes centros: o homem da multidão. Esse leitor nasce com a explosão do jornal e com o universo da fotografia e do cinema, atravessando a era industrial e mantendo seu perfil, suas características básicas, mesmo quando se dá o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão. O terceiro tipo dessa classificação, o leitor imersivo, é aquele que surge nos novos espaços incorpóreos da virtualidade (SANTAELLA, 2004, p. 19). Como já foi citado anteriormente, a autora destaca que os três tipos de leitores existem de forma contínua e cumulativa, existindo entre eles convivência e reciprocidade. Um tipo não exclui o outro. O leitor que escreve cartas ao *Diário de S. Paulo*, por exemplo, pode ser contemplativo, movente e imersivo ao mesmo tempo: contemplativo quando lê um livro em casa, com mais atenção, movente quando compra o jornal na banca para ler no metrô, a caminho do trabalho, imersivo quando entra no *Blogão do Diário* e deixa um comentário no blog de sua preferência.

No caminho que nos trouxe até a era do leitor imersivo, a leitura do livro era (e ainda é) basicamente contemplativa. O ir e vir de páginas, ler e reler, num diálogo individual, íntimo e pessoal com a mídia livro. Posteriormente, o advento do jornal, trazido pela concentração do capital nos grandes centros urbanos, trouxe novas variáveis para a relação do leitor com a escrita.

É nesse ambiente que surge o nosso segundo tipo de leitor, aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos. É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos de atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. Mistura que está no cerne do jornal, primeiro grande rival do livro. A impressão mecânica aliada ao telégrafo e à fotografia gerou essa linguagem híbrida, a do jornal, testemunha do cotidiano, fadada a durar o tempo exato daquilo que noticia. Aparece assim, com o jornal, o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta de tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade (SANTAELLA, 2004, p. 19).

O leitor do livro aprende a conviver com esse leitor movente, apressado, consumidor do jornal. De certa forma, também é o leitor missivista do *Diário de S. Paulo*, que será alvo de atenção neste trabalho, que se deterá ainda nas aventuras e desventuras do leitor imersivo. Mas, de volta para a ascensão do jornal e seguindo o curso da história, é o leitor movente, por sua vez, que prepara o terreno para o desenvolvimento do leitor imersivo. Para o surgimento de uma nova forma de ler, multifacetada, ágil, repleta de estímulos e referências, que culminam, hoje, nas muitas janelas abertas do computador, cada qual com um fragmento de leitura que desperta a nossa atenção naquele momento. Sempre seguindo a lógica do tudo ao mesmo tempo agora.

Nessa medida, as semelhanças não podem nos levar a menosprezar o fato de que se trata de um modo inteiramente novo de ler, distinto não só do leitor contemplativo da linguagem impressa, mas também do leitor movente, pois não se trata mais de um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como é o caso desse segundo tipo de leitor, mas de um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as sequências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc. (SANTAELLA, 2004, p. 33).

O receptor da internet, aquele que lê navegando no ciberespaço, consegue juntar, na sequência que quiser, recortes de informação diversos, copiando e colando à vontade, fazendo e desfazendo, editando e mudando, interagindo com a hipermídia ao circular numa espécie de labirinto comunicacional. O leitor imersivo é livre para fazer o seu próprio caminho na web. Para se achar e se perder como bem entender, pois o ciberespaço é o não-limite nesse caso. Quer ler mais sobre literatura inglesa, por exemplo? Há sites, blogs, fóruns de discussão, registros de debates e congressos sobre o assunto, reportagens em portais jornalísticos, enciclopédias colaborativas, referências de toda ordem. E numa quantidade ilimitada de opções de acesso à informação de todos os

quilates e origens geográficas. De fato, um labirinto de dados a serem usados da forma desejada pelo internauta.

Esse labirinto no qual navega o leitor imersivo é o ciberespaço, uma realidade multidirecional integrada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso. O ciberespaço é um espaço de informação, onde os dados são organizados de forma que possam ser acessados e trabalhados por um número praticamente infinito de usuários. Um espaço que se abre a cada link, a cada clique rumo a uma direção nova. E essa abertura pode ser medida pelo alcance da hipermídia, que é a linguagem do ciberespaço.

Segundo Santaella, são quatro os traços definidores da hipermídia: hibridização de linguagens, processos sígnicos, códigos e mídias; capacidade de armazenar informação e transmutar-se em incontáveis versões virtuais; caráter descontínuo de nós, como num sistema alinear de conexões; linguagem marcada pela interatividade, com a escolha de um novo caminho a seguir ao final de cada tela. Nesse caso, quanto maior a interatividade, mais profunda será a experiência de imersão do leitor no ciberespaço. Mais ele será envolvido por um mundo de informação, sons e imagens de toda ordem.

Também nas redes, a grande inovação da comunicação encontra-se no seu caráter interativo que é inseparável do caráter hipertextual e hipermidiático de sua linguagem. Comparando-se com as outras mídias, de fato, a internet é a única inteiramente dialógica e interativa. O rádio e a televisão são capazes de colocar milhões de pessoas na sintonia de um único acontecimento, mas sua comunicação é assimétrica, tem um só sentido. A única reação que os receptores podem ter é a de ligar, mudar de canal, ou desligar a transmissão. O telefone e o fax já são interativos, mas só são capazes de conectar um número limitado de pessoas em cada ligação. Além disso, são mono-semióticos. O telefone centraliza-se na voz, e o fax, na mensagem impressa em papel. Contrariamente, graças à digitalização, a informação hipermídia é transmitida sob as mais diversas formas de linguagem escrita, visual e sonora, dirigindo-se simultaneamente a diversos sistemas sensoriais aptos a perceber a informação à distância, especialmente a olho e ao ouvido, com grande interferência no sentido tátil-motor na interatividade. (SANTAELLA, 2004, p. 52).

No ciberespaço, a interatividade é um traço que envolve multiplicidade, não-linearidade, imprevisibilidade, troca e potencialidade, sempre com muita liberdade de

participação e intervenção. A tal da possibilidade de fazer e desfazer já citada anteriormente; aquela liberdade de ação já assinalada previamente.

As características da interatividade no ciberespaço são distintas da comunicação interativa estabelecida em outras esferas, como face a face, por carta ou por telefone. No que diz respeito às cartas, objeto de estudo deste trabalho, podem ser feitas as seguintes observações:

Não obstante sua natureza também interativa, a forma epistolar sofre dos limites da linguagem escrita e do largo espaço de tempo entre a emissão e a recepção. De fato, a temporalidade da comunicação epistolar pode ser tão lenta até o ponto de anular sua potencialidade interativa. Na forma epistolar, os participantes não compartilham o mesmo sistema de referências espaço-temporal. Por isso mesmo, esse tipo de interação exige a inclusão de dados contextuais para suprir a falta de expressões dêiticas e de componentes semióticos. (SANTAELLA, 2004, p. 161).

Sim, a carta enviada ao jornal pede um espaço de tempo considerável entre as mãos do leitor e a mesa do secretário gráfico responsável pela sessão de missivas do *Diário de S. Paulo*, no caso desta pesquisa. Cientes disso, alguns leitores, ao escreverem suas cartas, tratam de incluir dados contextuais que visam suprir a falta de componentes semióticos a que se refere a autora. Tal característica poderá ser constatada na análise das cartas do periódico em questão, que será detalhada a partir de exemplos concretos de textos dos leitores.

Cientes dessa falta de agilidade na produção e envio de uma carta, a maioria dos leitores do *Diário de S. Paulo* opta por enviar e-mails em vez de cartas para o jornal. Das 600 missivas recebidas pelo jornal todos os meses, cerca de 500 são mensagens eletrônicas e 100 são correspondências que chegam à redação dentro de um envelope, enviadas pelos Correios.

Diferentemente do que acontece com as cartas, o ciberespaço é capaz de proporcionar graus de interatividade parecidos com aqueles observados na própria conversação. Uma lógica que muda a natureza da mensagem e o papel do emissor. Na rede, a interatividade existe a partir do que muda, do efêmero, do vir-a-ser em processos que envolvem reciprocidade, colaboração e partilha. Leitura nômade, solta e prestes a

ser redirecionada ao sabor dos acontecimentos. Mesmo para os internautas mais experientes, aqueles que sabem mais a respeito das ferramentas de navegação e atalhos da web, a rede continua sendo um espaço labiríntico. E, de certa forma, novo a cada viagem.

A grande marca identificatória do leitor imersivo está, sem dúvida, na interatividade. Não é por casualidade que esse tema vem sendo tratado com tanta intensidade nos últimos anos. Um tipo de interatividade inaugural que colocou em questão os conceitos centrais dos processos comunicativos, o de emissor e o de receptor, assim como o da mensagem. Onde se situam as mensagens no ciberespaço? No ponto de emissão ou de recepção? Nem em um, nem em outro, pois elas mais parecem estar no espaço de comutação, que permite conectar o infonauta com seus interlocutores e onde não há lugar para emissores ou receptores definidos, apenas trânsito informacional. Nesses ambientes, todos se tornam negociadores de um fluxo indefinido de signos que surgem e desaparecem em função do acesso e das comutações. Outro traço identificador do leitor imersivo encontra-se nas transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que emergem nesse tipo de leitura. No ciberespaço, a informação transita à velocidade da luz. As reações motoras, perceptivas e mentais também se fazem acompanhar por uma mudança de ritmo que é visível na agilidade dos movimentos multidirecionais, zigzagueantes na horizontal, vertical e diagonal com que o olhar do internauta varre ininterruptamente a tela, na movimentação multiativa do ponteiro do mouse e na velocidade com que a navegação é executada. Não há mais tempo para a contemplação (SANTAELLA, 2004, p. 181).

Independentemente do tipo de leitura em questão, e das características que marcam os diferentes perfis de leitores, o ponto central deste trabalho está em entender os termos da relação que se estabelece entre o leitor missivista e o *Diário de S. Paulo*, o que será feito através da análise semiótica do discurso desses missivistas, expresso nas missivas enviadas. Para tanto, o entendimento da leitura como uma prática livre, aberta e multifacetada será um requisito básico.

Para ler tais cartas, é preciso colocar-se na pele dos correspondentes, fazer-se solitário, provinciano, estrangeiro, criança. Fazer-se criança é desaprender a ler como adulto, desfazer-se de toda a bagagem cultural que pesa sobre a alma e sufoca a virtude. (CHARTIER, 2001, p. 158)

E mais:

Não creio – e retornarei a esse ponto - que exista leitura ingênua, quer dizer, pré-cultural, longe de qualquer referência exterior a ela. O que desejaria entender aqui são os jogos de conotações que a leitura produz, sem que ela exija para isso um discurso crítico e empregue uma metalinguagem.

Primeiro, algumas evidências. Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. (CHARTIER, 2001, p. 107)

Está em questão, aqui, o ato de ler que leva à produção e envio de uma missiva ao periódico selecionado para esse trabalho. É esse gesto que importa.

Depois do encontro crucial com o fantasma do pai, Hamlet, como dissemos, entra com o livro na mão. Era muito raro que Shakespeare fizesse marcações de cena, mas desde as primeiras edições consta a especificação: “Hamlet entra lendo um livro”.

É claro que nos perguntamos se ele está mesmo lendo ou se finge que lê. O fato é que ele se apresenta com um livro. O que significa ler naquele contexto, na corte? Que tipo de situação está implícita no fato de alguém se apresentar lendo um livro no quadro de lutas de poder?

Não sabemos que livro ele lê, e não vem ao caso. Mais adiante, Hamlet descarta a importância do conteúdo. Polônio lhe pergunta o que está lendo. “Palavras, palavras, palavras”, responde Hamlet. O livro está vazio; o que importa é o próprio ato de ler, sua função na tragédia. (PIGLIA, 2006, p. 35).

Assim como o livro nas mãos de Hamlet, o jornal é, por assim dizer, um objeto tecnológico nas mãos dos leitores missivistas do *Diário de S. Paulo*. E a leitura deste objeto é repleta de significados. Ao lançar o desabafo “Palavras, palavras, palavras”, Shakespeare já insinua um cansaço dos livros, já cita um leitor que se vê no labirinto de signos e informações proporcionado pela leitura. Ou seja, o tal labirinto já existia, não está ligado ao surgimento das novas mídias que hoje fazem parte do cotidiano do leitor missivista considerado neste trabalho, o leitor do *Diário de S. Paulo* que pode ser, ao mesmo tempo, contemplativo, movente e imersivo.

De outro lado, o momento antitrágico do homem que lê, ou finge que lê. A leitura, como dissemos, é vista como isolamento e solidão, como outro tipo de subjetividade. Nesse sentido, Hamlet é um herói da consciência moderna porque é um leitor. O que está em jogo é a interioridade. (PIGLIA, 2006, p. 36).

Ou ainda:

A letra tem algo de mágico, como se convocasse um mundo ou o anulasse.

Seria possível afirmar que Hamlet vacila porque se perde na vacilação dos signos. Se afasta, tenta afastar-se, de um mundo para entrar em outro. De um lado parece estar o sentido pleno, embora enigmático, da palavra que vem do Além; do outro está o livro. No meio, está o palco. (PIGLIA, 2006, p. 37).

Está em jogo a interioridade da leitura, a subjetividade expressa em cada uma das cartas a serem analisadas nesse trabalho, a postura de cada missivista selecionado para servir de objeto de estudo. Os mesmos que, assim como Hamlet, tal como o vê Piglia, são heróis da consciência moderna porque são leitores. Os leitores que, motivados pela vacilação dos signos contida nas reportagens do *Diário de S. Paulo*, decidem se dirigir ao periódico por meio de cartas. Cartas repletas de sentido pleno, embora enigmático, cheias de palavras que vão além. Como se de um lado estivesse o jornal, com o palco no meio, como bem ilustrou Piglia em sua análise sobre a leitura a partir da cena de Hamlet, do significado envolto no ato de ler. São todas noções que servirão de norte para este trabalho.

1.2 SOBRE A EPISTOLOGRAFIA

Fora estar atento à evolução da história da leitura e do surgimento de um novo tipo de leitor com o advento da internet, este trabalho também pede como referencial teórico os estudos existentes sobre o gênero epistolar. E não necessariamente as missivas de leitores de jornais, como é o nosso caso. Para tanto, a reunião de pesquisas sobre cartas encontrada no volume *Prezado Senhor, Prezada Senhora*, sob a organização das professoras Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib,

constituirá um suporte teórico importante. O objetivo é entender os sentidos que existem por trás do ato de enviar uma carta, as motivações, melindres e sutilezas dos missivistas nas mais diversas situações.

...espero que não saibas ler estas palavras que te são dirigidas, tal como sempre soubeste ler as que não soube dirigir-te.

...espero que um pouco de mim ressurgja da linha do horizonte enquanto os galos não cantam nem os olhos vêem.

...numa noturna sensação de não saber se no escuro espero que não leias (esta carta). (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 17)

O “pouco” do missivista que “ressurge” na carta é a tentativa de chegar junto, o pedido de comunicação feito por quem escreve. Mesmo que esse pedido venha embalado pela “sensação de não saber” se quer que o conteúdo seja lido de fato. Pelo sem querer querendo, na verdade. Porque quem escreve uma carta quer ser lido, quer interagir, se fazer ouvir. Cartas são desejos também. E é com sensações do tipo que trabalharemos neste estudo. Com a diversidade de todos e as particularidades de cada um.

Sensações como o prazer que teve Madame de Sévigné, a mais famosa missivista da França no século XVII, ao escrever suas 1.155 cartas. Um acervo que deixou sua marca na cultura literária daquele país. Que deixou como legado um registro importante de uma época e seu país, que serve como referência e objeto de estudo até hoje. Entre os destinatários da Marquesa, um merece destaque: Madame de Grignan, sua filha, que se mudou para a Provence depois de casar. São textos que revelam o amor exclusivista que existia entre aquela mãe e sua filha, considerado uma verdadeira avalanche afetiva. Além dos laços de família, Sévigné insere-se no mundo da História a partir do diálogo com personagens como Turenne, Fouquet, La Rochefoucauld e até o rei Luís XIV. Trata-se do relato de aspectos saborosos do cotidiano na França do século XVII, como as intrigas da corte, fofocas de bastidores, conversas domésticas, receitas e palpites médicos, entre outras possibilidades. Um conjunto de registros que ganhou status literário, além de seu valor como documento histórico.

E qual a função prática de uma correspondência, a não ser a da comunicação? É que, na verdade, as cartas de Madame de Sévigné,

mais do que a tão propalada e explicitada necessidade de mostrar seu amor pela filha, respondiam ao prazer da escritura, como ela mesma percebe, estupefata: “E então, minha filha, gosto de escrever para você, isto é terrível, quer dizer que aprecio sua ausência!”- que pode ser entendido como “adoro escrever, minha filha!”. Adorar a filha e escrever são amores inseparáveis para ela. (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 23)

Ou ainda:

Ao lado dos retratos e dos acontecimentos importantes, a marquesa narra o cotidiano. O primeiro episódio que aparece nas cartas a Madame de Grignan é um incêndio na casa do conde e da condessa de Guitaut, que moravam também na rua de Thorigny. Apesar de sua declaração inicial de que quer distrair a filha, na verdade é ela que se diverte com o relato, em cuja narrativa está totalmente implicada. Sem se lançar de imediato, cria um clima de suspense, contando como se levanta, na calada da noite, assustada, com gritos. Pensando que alguma coisa acontece com a neta, vai até o quarto dela: tudo tranqüilo, é casa dos Guitaut que está em chamas... E a partir daí, da janela, nada escapa à atenta marquesa: a tragédia, os prejuízos financeiros, o lado dramático da mãe de M. Guitaut, velhinha, ainda dentro de casa, e Madame Guitaut, grávida, impedindo o marido de voltar a entrar. Apesar da narradora estar penalizada com as perdas morais e materiais dos vizinhos e amigos, o que acaba prevalecendo é o lado cômico das pessoas em roupa de dormir, surpreendidas na intimidade. (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 29)

Certamente, um dos sentidos primordiais de uma carta é eliminar distâncias. Enxergar além disso é buscar a construção de um laço social a partir de um gesto subjetivo, individual. Uma construção feita a partir de regras e estratégias de persuasão. As cartas a um jornal, que são o nosso foco, são escritas na intimidade, mas visam a um pronunciamento público, buscam apresentar um ponto de vista, um recorte da compreensão da realidade a partir de seu conteúdo. No caso do jornal, as cartas envolvem ainda um desejo de reconhecimento, de responder ao periódico, de interagir, entre outras possibilidades. De certa forma, assim eram também as missivas de Sévigné para sua filha e para os seus outros destinatários.

Outro ponto em comum entre as cartas da Madame de Sévigné e as missivas dos leitores do *Diário de S. Paulo*, por mais distantes que sejam essas experiências, está no registro do cotidiano, na narração de situações que, se lidas daqui a um século, servirão para mostrar aos futuros curiosos ou estudiosos da História e da Comunicação como viviam, pensavam e registravam suas observações os leitores de um jornal popular com atuação nos séculos XX e XXI.

Nessa linha de interação e registro cotidiano, um dos capítulos de *Prezado Senhor, Prezada Senhora*, de Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib, apresenta o estudo das cartas de missivistas de diferentes perfis enviadas ao memorialista Pedro Nava entre 1972 e 1984. Esse conjunto de cartas pertence hoje à Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. E representa uma boa mostra da postura do chamado remetente “comum”, “anônimo”, que visa uma aproximação com o destinatário estudioso do cotidiano. Diante de tais missivas, qualquer pesquisador terá à sua disposição traços da chamada epistolografia ordinária, fragmentos da recepção de uma literatura autobiográfica. Um material de análise rico, embalado numa caixa sedutora de curiosidade e bisbilhotice.

O olhar que se dirige à correspondência alheia precisa primeiro assumir seu voyeurismo para depois transformá-lo em curiosidade intelectual. O fascínio exercido pelas cartas – esses registros precários de uma intimidade fugidia – estende-se a outros papéis pessoais, desde os mais estritamente privados, os diários e os cadernos de notas, até os que se destinam à publicação como memória e autobiografia. Não resta dúvida que a atitude tão caracteristicamente vitoriana do voyer ainda tem lugar na cena contemporânea, pois, se a psicanálise vai desfazendo a ilusão da profundidade interior, enquanto a mídia simula o desnudamento dos corpos e das almas, permanece insistente o desejo de desvendar o segredo do outro. Observe-se o sucesso editorial das narrativas biográficas e das coletâneas de cartas. Observe-se também, no plano mais restrito das instituições do saber, o incremento de ações preservadoras de arquivos pessoais e o esforço teórico para conceituar as “escritas de si” (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 333)

Os segredos, desejos, sutilezas de muitos outros aparecem nas cartas enviadas a Pedro Nava, muitas das quais revelam uma relação de proximidade com o memorialista, cumprindo, assim, a função da superação da distância. E é interessante observar como em cada uma existe um tom diferente, uma tentativa de fazer contato a partir de

estratégias diversas. Como os seis volumes de memórias de Pedro Nava (*Baú de ossos*, *Balão cativo*, *Chão de ferro*, *Beira-mar*, *Galo das trevas*, *O círio perfeito*) falam muito sobre lembranças, o leitor não-especializado, digamos assim, deve ter se sentido confortável para escrever-lhe como se escreve a um amigo, a um velho conhecido.

Escrevendo de Duas Barras, RJ em novembro de 1981, depois de ter lido Galo das trevas, Jefferson Leão de Almeida apresenta-se e justifica a iniciativa por (possíveis) coincidências entre sua própria biografia e a obra autobiográfica que motivou a carta. Depois de expressar sua admiração pelo escritor e reconhecer – se “tão beneficiado pela leitura”, o remetente revela o objeto principal de seu interesse - a palavra impressa. De uma parte, mostra-se inconformado pela ausência de seu nome nas memórias: “Ah, Nava, por que não fui seu amigo na juventude para ser lembrado ao menos numa pequenina linha desse seu Galo das trevas? (...) quase morro de inveja daquela gente toda citada (...). De outra parte, insiste em revelar-se um futuro escritor. Menciona periódicos em que colabora, enumera originais de sua lavra e promete publicar um artigo sobre o memorialista no jornal local, de que é fundador.

Jefferson Almeida dirige a agência dos correios de sua cidade e, pelo valor emblemático dessa situação, pode ser tomado como missivista-referência. As três cartas que dirigiu a Nava resumem, grosso modo, os temas tratados no conjunto da correspondência dos leitores – o desejo de passar do prazer da leitura à escrita (de carta, de artigo crítico, de obra literária) e o gesto irresistível de reproduzir o modelo, narrando também suas lembranças pessoais. Além disso, como profissional do circuito epistolar, explora a função mediadora da correspondência entre o espaço privado e o público, entre recordação espontânea e registro formal da mesma, entre experiência e linguagem. Como Jefferson, outros leitores-missivistas vão delineando sua identidade à medida que escrevem e é a leitura da autobiografia do outro que os confronta com sua própria condição de sujeitos capazes de construir-se na e pela narrativa. (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 334)

O trecho destacado resume bem a ideia do leitor que quer ser escritor, o gesto narcísico, o desejo autoral que se pretende investigar se existe nas cartas dos missivistas do *Diário de S. Paulo*. Destacando, claro, as diferenças que existem entre escrever uma carta para Pedro Nava e para um jornal, em que se estabelece ainda uma relação institucional entre o leitor e o veículo de comunicação. No caso dessas cartas ao escritor, estão em jogo o tom de proximidade, a vontade de ser personagem de um livro de Pedro Nava, a construção de uma identidade como sujeito-missivista a partir da marca subjetiva que é a carta. Tudo isso aliado à vontade de ultrapassar o limite do

privado, publicando verdadeiros exercícios literários no ato da interação, do fazer contato com o memorialista.

A referência paralela ao prático e ao literário não é apenas uma característica do informalismo da carta. Constitui um sintoma do modo como os leitores-remetentes delineiam suas marcas subjetivas, à medida que registram suas lembranças e desejos em contraponto à vida que encontram escrita diante de seus olhos. (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 335)

Tem-se aqui a marca subjetiva, o registro das lembranças a partir da informalidade da carta. Lembranças no caso dos leitores de Pedro Nava, as quais, no nosso contexto, se apresentam por meio de críticas, comentários, sugestões, reclamações e pedidos dos leitores do *Diário de S. Paulo*.

A escrita que se engendrou no contato com as memórias encena dois desejos: o de ultrapassar o limite do privado, publicando exercícios literários ou críticos, e o de esboçar um retrato de si mesmo que justifique a almejada passagem para o espaço público. Tornados conscientes por meio da leitura, tais desejos registram-se à semelhança do texto lido, mas, quando este parece ousado ou discrepante, é substituído por, ou condensado a, imagens do senso comum. (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 337).

Nesse ponto, as cartas ao memorialista se aproximam um pouco do gesto que assumem as missivas dos leitores do *Diário de S. Paulo*. A distância que se quer vencer, nesse caso, é aquela que separa o público do privado, publicando os tais exercícios literários ou críticos citados acima. Trata-se de conseguir a almejada passagem do anonimato para o espaço público, afinal. É o desejo de reconhecimento que envolve a relação entre um jornal e seus leitores.

1.3 LEITORES E MISSIVISTAS DO DIÁRIO DE S.PAULO

O Diário de S. Paulo circulou pela primeira vez em 8 de novembro de 1884. Assim, completará, em 2009, 125 anos de existência. O jornal foi fundado por Américo de Campos e José Maria Lisboa. Na época de sua fundação, o periódico era chamado de *Diário Popular*, nome que o acompanhou até 2001, quando este foi adquirido pela Infoglobo, braço das Organizações Globo para jornais. O primeiro número publicado

com a nova marca, que foi para as ruas em 23 de setembro de 2001, teve a seguinte manchete: “Prefeitura doa uniformes para um milhão de alunos” (LEITE; NUNES, 2004). O objetivo era marcar a nova linha editorial da publicação, que a partir daí teria um caráter um pouco menos popular, com menor espaço para a cobertura de reportagens sobre casos de polícia. É importante destacar que, apesar da tentativa, as matérias policiais ainda são um dos destaques do periódico, que tampouco deixou de ser popular.

De volta ao começo, o *Diário* foi lançado quando o Brasil ainda vivia sob a monarquia, o uso de trabalhadores escravos era permitido no país e São Paulo não passava de uma cidade promissora, mas ainda não tão expressiva, digamos assim. O termo “Popular” no nome não foi escolhido à toa. No número 1 da publicação, um dos fundadores do jornal, Américo de Campos, escreveu que o *Diário* prometia ser “o fiscal dos fiscais, a polícia da polícia, mas sem intenções pessoais, sem injúria, apenas estudando os fatos, discutindo, aconselhando, aprendendo e demonstrando” (LEITE; NUNES, 2004).

O *Diário de S. Paulo* é, junto com *O Estado de São Paulo*, um dos dois jornais paulistas com mais de 100 anos de existência. Desde o princípio, o jornal era voltado para os assuntos da cidade, com destaque ainda para a economia popular. Trabalhadores e aposentados, por exemplo, até hoje rendem manchetes para o periódico, como se diz no jargão jornalístico, merecem atenção especial. A cobertura esportiva, hoje outro carro-chefe, passou a ganhar maior visibilidade nas décadas de 1950 e 1960.

Hoje, o *Diário de S. Paulo* tem uma tiragem de 58 mil exemplares nos chamados dias úteis entre aqueles vendidos em bancas e entregues em domicílio, para os assinantes, sendo 38 mil no primeiro caso e 20 mil no segundo. Aos domingos, a circulação sobe para 53 mil exemplares vendidos de forma avulsa e 20 mil para assinantes. As informações, obtidas junto ao periódico, que as expõe num quadro afixado na parede da redação, são do Instituto Verificador de Circulação (IVC) e se referem ao mês de fevereiro de 2009. O IVC é uma empresa sem fins lucrativos, fundada no Brasil em 1962, que tem como objetivo estabelecer autenticidade à circulação de jornais e revistas por meio de auditorias e verificações específicas. A ideia é permitir que os anunciantes, as agências de publicidade e os próprios veículos possam

ter acesso a essas informações, com vistas a possibilidades de veiculação de propaganda.

Os dois principais concorrentes do periódico, *Agora São Paulo* e *Jornal da Tarde*, têm, respectivamente, tiragens de 85 mil e 50 mil exemplares nos dias úteis e de 131 mil e de 44 mil aos domingos.

Conforme pesquisa realizada pelo Instituto Marplan sobre os leitores do *Diário de S. Paulo* e divulgada em março de 2009, com números referentes a 2008, 55% dos leitores do jornal são homens. Em relação à classe social, 52% dizem pertencer à classe B, 35% à classe C, 8% à classe A e 5% à classe D. Por faixa etária, tem-se maioria entre os leitores com 40 anos ou mais (42%), seguidos por pessoas entre 20 e 39 anos (39%) e entre 10 e 19 anos (19%). Na categoria escolaridade, 42% do total terminaram o Ensino Médio, 34% o Ensino Fundamental e 24% o Ensino Superior. Entre aqueles que lêem o jornal, 30% moram na Zona Sul da capital paulista, 27% na Zona Leste, 20% na Zona Norte, 12% na Zona Oeste, 4% nas cidades do ABC e em Mauá e 7% em outros pontos, como o interior do estado, por exemplo.

No item “Forma de obtenção de leitura”, descobriu-se que 51% dos leitores se classificam como “caronas”, ou seja, leem a publicação sem tê-la comprado. São aquelas pessoas que têm acesso ao jornal no trabalho, na escola, ou emprestado de parentes, amigos ou conhecidos. Os compradores são 15% do total e os assinantes, 7%. O chamado índice de fidelidade dos leitores da publicação, o percentual daqueles que dizem ler apenas o *Diário de S. Paulo*, é de 32% do total. É o terceiro maior índice entre os sete jornais paulistas considerados na pesquisa: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário de S. Paulo*, *Agora São Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Metro News* e *Destak Notícias*. Assim, acima do *Diário* no item fidelidade, estão o *Agora São Paulo*, com 48% de leitores fiéis, e a *Folha de S. Paulo*, com 39%.

No que se refere às cartas, conforme já observado, o *Diário de S. Paulo* recebe, em média, 600 correspondências de leitores por mês, das quais 100 cartas e 500 e-mails. São selecionadas, normalmente, 150 cartas/ mensagens eletrônicas. E publicadas cerca de 120 todos os meses. Os critérios de seleção dessas missivas não estão escritos em nenhum manual, foram estabelecidos na própria redação. No dia a dia, são colocados

em prática pelos dois secretários gráficos do jornal, responsáveis pela seção *Diário do Leitor*. Entre os critérios para a seleção dessas missivas estão as manifestações de caráter público e de interesse mais geral, que envolvem assuntos da ordem do dia, política e problemas da cidade, por exemplo. Também merecem espaço textos que repercutem reportagens do jornal e direito de resposta das prefeituras, estado e órgãos oficiais. Não são publicadas manifestações ofensivas à honra de pessoas públicas nem cartas que contenham insultos ou palavras de baixo calão. Por fim, até mesmo a caligrafia é usada como um critério para a escolha de quem vai ganhar espaço no *Diário do Leitor*, no caso das missivas que chegam pelo correio. Nesse ponto, vale o critério da legibilidade: não são publicadas cartas cuja caligrafia não é completamente compreendida. Segundo os secretários gráficos do jornal, os homens são maioria entre os missivistas da publicação, o que está de acordo com a proporção geral de leitores do periódico, que aponta 55% de leitura entre o sexo masculino, embora nunca tenham sido feitas pesquisas específicas sobre aqueles que enviam missivas à redação. A informação é uma constatação empírica daqueles que recebem e leem diariamente as mensagens dos leitores. Não há informações organizadas sobre a faixa etária dos missivistas que enviam cartas ao jornal, até porque nem todos incluem esse dado em seus textos.

O mais importante é registrar, desde já, que o tom de proximidade em relação ao jornal é uma marca dos leitores do *Diário de S. Paulo*, característica que será abordada mais adiante, durante a análise das cartas dos missivistas do periódico. E isso pode ser percebido no discurso contido nas missivas.

Publicado na página A2 do jornal, o *Diário do Leitor* ocupava, até o dia 25 de abril de 2009, três colunas na parte inferior da página. Na reforma gráfica implantada pelo jornal em 26 de abril de 2009, a coluna passou a ganhar mais destaque, passando a ocupar seis colunas ainda na parte inferior da página, de modo a ficar mais visível, embora o espaço para a publicação das cartas não tenha crescido em número de caracteres contidos. Ou seja, o espaço para a publicação das missivas não ficou maior, mas os textos publicados passaram a ser melhor vistos a partir da remodelação do visual do periódico.

2. A INTERLOCUÇÃO ENTRE O JORNAL E OS LEITORES

Por motivos diversos, nem sempre se estabelece um diálogo entre jornalistas e leitores, telespectadores, ouvintes e internautas no jornalismo contemporâneo. Sim, as seções de cartas e e-mails estão lá. A questão é que, na prática, raros são os profissionais de imprensa que dedicam parte de sua jornada de trabalho à tarefa de ouvir seu público. A exceção fica aqui por conta da figura do *ombudsman*, encarregado de receber as respostas do público e de analisar o trabalho do veículo de modo geral, presente, entre os jornais paulistas, apenas na *Folha de S. Paulo*. Por que isso acontece? O fator primordial não poderia ser outro que não a falta de tempo para tal, num contexto em que os profissionais de redação trabalham acumulando funções, muitas vezes produzindo conteúdos para diferentes veículos de uma mesma empresa. O chamado conceito de “sinergia”, troca de colaboração, nunca foi tão empregado nas redações brasileiras. No *Diário de S. Paulo*, por exemplo, além de escrever para o próprio jornal, alguns jornalistas acumulam as funções de colaboradores da *Rádio Globo* (empresa das Organizações Globo, a qual pertence o periódico), com flashes e participações em programas da emissora, eventualmente repassam alguns textos para a publicação nos jornais cariocas *O Globo*, *Extra* e *Expresso* (também da empresa) e ainda são responsáveis pela produção de textos para o *Blogão do Diário*, no site do próprio periódico. Assim, de fato não sobra muito tempo para atividades complementares ao trabalho como o acompanhamento das missivas que chegam à redação, para a leitura regular da seção *Diário do Leitor*. Mas, além do fator tempo, há outras variáveis em jogo.

Uma delas é a própria arrogância que acomete muitos jornalistas. A opção por fugir do debate pura e simplesmente. Uma arrogância que pode ter uma explicação histórica. Ou seja, em outros tempos, para evitar que fosse feito qualquer tipo de interferência no trabalho da imprensa por parte de grupos econômicos ou de governos, profissionais e veículos se fecharam, se “armaram” para manter distância. E essa conduta pode sim ter espirrado no leitor, na opção por não dar ouvidos a críticas e colocações externas, na falta de paciência para ouvir. Por entender toda crítica como uma tentativa de censura.

Olhando para o passado recente do Brasil, nota-se que, sem a “casca grossa” desenvolvida pelas redações para se proteger da

prepotência estatal e do tráfico de influência dos corruptos, é provável que a democracia brasileira estivesse hoje mais atrasada do que está. Pelo menos, com arrogância ou não, os jornalistas se protegeram para fazer jornalismo. Fizeram-no sem ter de falar em ética. Em lugar de falar, agiram eticamente ao realizar boas reportagens e dar notícias relevantes. Além de informar o público, garantiram com o seu trabalho a construção da democracia contemporânea e a liberdade de imprensa. Não fossem as reportagens que expuseram a prática da torturas, as mordomias e a corrupção, entre tantas outras, o regime militar talvez durasse um pouco mais do que durou (BUCCI, 2000, p. 41).

Ler as cartas enviadas pelos leitores, ter a atenção voltada para esses retornos, pedidos de comunicação, é ter subsídios para trabalhar melhor, com mais afinidade com o público, isto é, para aqueles que, ao menos em teoria, deveriam ser os “patrões” dos jornalistas. E isso tem caráter prático: muitas sugestões de pauta interessantes, assuntos de grande interesse coletivo podem vir à tona a partir das reivindicações, colocações e anseios dos leitores. Isso sem falar na possibilidade de surgimento de denúncias de corrupção ou mau funcionamento de serviços públicos, por exemplo.

Voltando ao ponto de vista dos veículos, há uma outra ordem de atitudes que ajudam a evitar que visões subjetivas contaminem o relato dos fatos. Agora, já não se trata da escolha do time, da gestão de recursos humanos, mas da transparência em relação ao público. Do mesmo modo que é preciso zelar para que a independência de cada repórter contribua para a independência final do veículo, é preciso ajudar o leitor a distinguir o que é opinião do que é informação. Daí vem a antiga norma ética de separar aos olhos do público o que são artigos opinativos (que expressam visões subjetivas) do que são as reportagens (que têm a pretensão de objetividade). Separando uma coisa da outra, joga-se limpo.

Nos Estados Unidos, os mais importantes códigos de ética, tanto de associações profissionais como de associações de empresas, recomendam a distinção. Assim acontece com o Código da Sociedade de Jornalistas Profissionais americana. (BUCCI, 2000, p. 108).

A separação clara entre opinião e informação visa orientar o leitor, trabalhar as informações com clareza. E isso é um sinal de respeito, um compromisso que jornalistas e veículos precisam assumir.

É preciso ter as atenções voltadas para o leitor, entender seus interesses. Valorizar o pensar na prática jornalística. A boa revista, o bom jornal, o bom site e assim por diante devem ter a cara de seu público, não satisfazer as aspirações, vaidades

e vontades de seus editores. Até porque o público é capaz de perceber esse foco, valorizando os veículos melhor direcionados nesse sentido, digamos assim.

Além do quê, quanto mais democrática é a sociedade, mas a imprensa tem obrigação de dividir com o público os métodos e processos com o suporte dos quais o seu trabalho é desenvolvido. Sempre com a porta aberta para que esses receptores possam opinar. O jornalismo não é uma atividade estranha à maioria das pessoas, não é um assunto sobre o qual seja difícil debater. Muito pelo contrário: poucos assuntos rendem mais conversas de bar do que as aventuras e desventuras da mídia ao cobrir esse ou aquele assunto.

A prática jornalística nunca dependeu tanto da reflexão e do estudo como agora. Uma redação não é um balcão onde notícias são empacotadas. Uma redação é um núcleo encarregado de pensar (BUCCI, 2000, p. 199).

Nesse contexto, a imprensa tem obrigação de estar aberta, de estabelecer uma relação de confiança com seu público. O jornalismo fechado em si é um traço a ser superado.

Por isso, a pretensão da autosuficiência ética é a negação do jornalismo. E é também a negação da ética, pois esta, afinal, funda-se no reconhecimento do outro como parte solidária e não como estranho a ser calado ou eliminado - a ética é a busca e o cultivo de valores capazes de orientar a conduta de cada um para tornar melhor e mais profícua a convivência entre todos (BUCCI, 2000, p. 55).

Posto isso, alguns autores, como o jornalista Bernardo Kucinski em *Jornalismo na Era Virtual*, vão além e chegam a afirmar que existe um “vazio ético” nas redações hoje. Uma problemática que envolve, entre outros pontos, a fusão mercadológica da notícia, a manipulação da informação por grupos de interesse e a mentalidade que celebra o individualismo e o sucesso pessoal. Assim, haveria um declínio de valores como solidariedade e compaixão, vivendo-se a dualidade indivíduo versus sociedade. Para o autor, a formação de uma nova ética passa pelos direitos do consumidor da informação.

Na busca de uma ética não-metafísica, contemporânea e condizente com o ambiente discursivo da pós-modernidade, há três outros aportes possíveis. O primeiro é o que cobra a qualidade do jornalismo e da informação como um dos direitos do consumidor. O consumidor em duas dimensões: como indivíduo que paga e tem o

direito de receber um produto de qualidade, e como cidadão, membro de uma sociedade, que tem o direito de informar e ser informado como parte de seus direitos de cidadania. Essas são abordagens compatíveis com a mentalidade neoliberal e, portanto, mais fáceis de ser trabalhadas. (KUCINSKI, 2005, p.27)

A expressão “mais fáceis de ser trabalhadas” se refere ao modo como o autor trata o assunto com seus alunos, estudantes de Jornalismo, sempre que deseja abordar as relações entre profissionais da imprensa e público, discutir a necessidade de trabalhar tendo por base uma ética que passa pelos interesses do leitor, espectador, internauta, ouvinte. Na visão do jornalista, os jovens alunos entendem mais facilmente a questão da noção da relação transparente com o leitor a partir de uma lógica de respeito ao direito do consumidor da informação, do pragmatismo que essa relação envolve. Esse é um trunfo para dar início à discussão do assunto em sala de aula, para a formação de novos profissionais, mais atentos a essas questões.

2.1. UMA CULTURA PRÓPRIA

Apesar de todas essas reflexões, na prática os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia, seguem critérios próprios, que julgam óbvios, até automatizados na rotina de trabalho. Nem sempre direcionam o seu foco de acordo com os interesses e aspirações de seu público.

O fato é que os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia. Ou seja, têm critérios próprios, que consideram óbvios, quase instintivos. No livro Teorias da Comunicação, o professor Mauro Wolf procura sistematizar esses critérios, mostrando que não são tão óbvios e instintivos assim. Wolf chama de noticiabilidade a capacidade que os fatos têm de virar ou não notícia. Quanto maior o grau de noticiabilidade, maior essa capacidade. E ele é medido pelo que Wolf denomina valores-notícia (PENA, 2007, p.71).

Entre os chamados valores-notícia estão critérios como a importância dos envolvidos no fato, a quantidade de pessoas envolvidas, o interesse nacional, o interesse humano e os feitos excepcionais que eventualmente façam parte da história. Há ainda outros pontos, como o caráter de atualidade, novidade, a acessibilidade à fonte, política editorial, serviço/interesse público, exclusividade da informação, o que caracteriza o chamado “furo” de reportagem.

É importante ressaltar que a noticiabilidade é negociada, o que faz com que todos esses critérios sejam variáveis. O repórter negocia com o editor, que negocia com o diretor de redação, e assim por diante. E os próprios critérios estão inseridos na rotina jornalística, ou melhor, tornam possível essa rotina, pois são contextualizados no processo produtivo, em que adquirem significado, desempenham função e tornam-se elementos dados como certos, o conhecido senso comum da redação (PENA, 2007, p.73).

Essa possibilidade de negociação da noticiabilidade é que abre espaço para a produção de um jornalismo mais voltado para o público, para os anseios do leitor, internauta, telespectador, ouvinte. Vale destacar aqui que o jornalismo não é um espelho do real, mas antes a construção social de uma suposta realidade. Uma realidade que cresce e ganha novas dimensões nas páginas dos jornais, a chamada repercussão dos casos na imprensa. Assim, é por meio da enunciação que os jornalistas elaboram os discursos. E que a imprensa ajuda a construir a realidade. A mesma realidade que pode ser melhor construída quando considera o perfil do público em questão. Um exemplo concreto: no caso do *Diário de S. Paulo*, uma reportagem sobre problemas de atendimento em hospitais da rede pública de saúde certamente renderia mais cartas e e-mails ao jornal do que um texto sobre o padrão de atendimento nos centros hospitalares mais sofisticados da capital paulista. E mais: isso se refletiria inclusive nas vendas do jornal. Quanto melhor focada é a manchete, mais edições são vendidas. Afinal, o que de fato interessa ao leitor são os seus próprios interesses.

Trata-se da necessidade de diferenciação, da importância de cada jornal firmar a sua marca entre as opções disponíveis na banca mais próxima, estabelecendo traços e características que são só seus.

Quando os meios eletrônicos tiram do jornal impresso o primeiro lugar na fila dos acontecimentos, a necessidade de veicular informações que cheguem além de um mero mostruário de fatos obriga o jornal a penetrar a crosta aparente dos fenômenos – e agora é sua vez de questionar sua própria ilusão de imparcialidade objetiva, repensando suas funções e seu ser de linguagem. Já se torna possível delinear algumas reações que o jornal tem revelado diante de seu próprio impacto. Está se tornando voz quase corrente que muitas das realizações da linguagem jornalística pouco ou nada têm a dever a uma criação literária. (SANTAELLA, 1996, p. 53)

O uso da sedução literária, acentuado diante do acirramento da concorrência entre os meios, remonta ao interesse que já existia pelas chamadas “histórias”, destacadas nos jornais do século XIX.

A ênfase recaía sobre “histórias”, acompanhadas ou suplementadas pelo que veio a ser chamado de “modelos” (alguns deliberadamente dirigidos às mulheres) e, a partir de 1800, por colunas de fofocas e entrevistas. Em 1800 já havia interesse em “histórias”, mas no decorrer do século elas começaram a chegar com maior rapidez, e os editores queriam acelerar esse processo; os jornalistas passaram a escrevê-las com menos palavras e em parágrafos mais curtos. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 206)

A atual disputa pela atenção dos leitores leva cada meio a explorar recursos próprios, cada vez mais particulares, na tentativa de atrair o seu público. Cada jornal precisa oferecer as suas “histórias”. Uma tendência que ganhou força com o advento da internet e com a distribuição de jornais gratuitos nas ruas das grandes cidades brasileiras. É o caso, por exemplo, das publicações *Metrô News* e *Destak*, ambos distribuídos em locais de grande circulação na capital paulista. Ou seja, para que o leitor do *Diário de S. Paulo*, por exemplo, compre o periódico, ele precisa estar convencido de que vai encontrar algo além das notícias mais importantes do dia em seu jornal de preferência, já que o noticiário básico está disponível de graça, na saída do Metrô ou no primeiro semáforo. Isso para não citar a internet e o bom e velho rádio, que oferecem informações o dia inteiro, muitas das quais praticamente em tempo real.

Diante de um caso de grande repercussão, como o assassinato da menina Isabela Nardoni, em março de 2008, é preciso ir à caça de notícias e informações exclusivas. Reportagens de caráter mais “humano”, nesse caso, “histórias” que ganham pontos na conquista do leitor, o comovem e levam a ficar curioso para abrir seu jornal de preferência no dia seguinte. Não é à toa que os repórteres disputam tanto entrevistas exclusivas com parentes e amigos em situações como a morte de Isabella. Vale lembrar, conforme já foi citado anteriormente, que o crime envolvendo a menina foi um dos assuntos que mais geraram cartas para a redação do *Diário de S. Paulo* em 2008. Tais missivas serão tratadas adiante, quando da análise das cartas.

Mas, por outro lado, é exatamente esse confronto de linguagens que leva cada meio a explorar radicalmente recursos que são só seus, que

o diferenciam dos demais, garantindo sua sobrevivência e funcionalidade. É assim que o jornalismo se lança à exploração de seu caráter de montagem gráfico-visual-imagética, configurando processos simultaneístas, contrapontísticos que procuram tirar um máximo de efeitos significativos de seu espaço mosaíquico.

Cumpra, no entanto, salientar que tais realizações só se tornam realmente efetivas no jornal (como jornal) na medida em que não visem simplesmente um “décor” chamativo, mistificador, mas saibam tirar partido desse campo de relações entre a palavra, a imagem, a arquitetura gráfica, fazendo germinar nos interstícios do dito e do entredito as raízes críticas que fundamentalmente caracterizam (hoje, mais do que nunca, e no Brasil) a função do jornal. Isto porque o processo criativo no jornalismo é tanto mais criativo quanto mais despertar para uma vinculação crítica com o imediatismo dos acontecimentos, pois o jornal trabalha dentro de uma função-compromisso social explícito: gerar no seu mosaico do mundo-de-cada-dia a visão crítica da atualidade. (SANTAELLA,1996, p. 54)

Vale lembrar que, conforme notado anteriormente, o *Diário de S. Paulo* inaugurou um novo projeto gráfico em 26 de abril de 2009. Um passo no sentido de melhor compor o seu “espaço mosaíquico”, unindo com mais leveza e cor “palavra, imagem e arquitetura gráfica”. O objetivo do jornal com tal medida era ter páginas com mais fotos e blocos de texto melhor organizados, facilitando a leitura. Cada editoria ganhou uma cor específica para marcar seu logotipo, sempre na primeira página de cada um dos cadernos. A seção de Esportes, por exemplo, passou a ser publicada em formato tablóide, de modo a ser mais facilmente manuseada pelos leitores.

Dentro dessa discussão em torno da marca de cada veículo, da importância da diferenciação, a chamada noticiabilidade ou o fazer notícia pode ser analisada segundo uma teoria do Jornalismo chamada *newsmaking*.

A hipótese de newsmaking dá especial ênfase à produção de informações, ou melhor, à potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia. Deste modo, é especialmente sobre o emissor, no caso o profissional da informação, visto enquanto intermediário entre o acontecimento e sua narratividade, que é a notícia, que está centrada a atenção desses estudos, que incluem sobretudo o relacionamento em entre fontes primeiras e jornalistas, bem como as diferentes etapas da produção informacional, seja ao nível da captação da informação, seja em seu tratamento e edição e,

enfim, em sua distribuição. (FRANÇA; HOLFELDT; MARTINO, 2001, p.203)

Enquanto intermediário, o jornalista é responsável pela seleção das informações, por atribuir a cada uma delas, em tese, a importância devida.

Em síntese, a perspectiva do newsmaking evidencia uma espécie de auto-suficiência do jornalismo, em que o processo comunicacional se coloca com absoluta autonomia em relação às demais categorias sociais, o que, sabidamente, é equivocado. (FRANÇA; HOLFELDT; MARTINO, 2001, p.219)

Aqui entra, mais uma vez, a responsabilidade pela produção da notícia. E por dar ouvidos ao leitor, mantendo o foco do veículo nas necessidades de seu público, conforme foi citado anteriormente, com o cuidado para evitar a autosuficiência do Jornalismo.

Vale destacar que o tema da interação com o leitor, evitando a autosuficiência, é discutido pelo menos desde o século XVII entre os jornais europeus.

Outro exemplo de interação entre manuscritos e impressos nos leva de volta à carta. Os editores de jornais impressos de tipos diferentes, desde o Transactions of the Royal Society até The Spectator, frequentemente solicitavam e recebiam correspondência de seus leitores. Algumas dessas cartas eram impressas, enquanto outras influenciavam os tópicos escolhidos para discussão e as opiniões expressas pelo jornal. (BRIGGS, BURKE, 2006: 53)

A presunção ligada à autosuficiência e aqui criticada foi alvo das atenções, ainda no século XIX, de autores como Honoré de Balzac. Publicado originalmente em 1844, *Os Jornalistas* critica a imprensa parisiense daquela época a partir de um texto ácido, recheado de ironia. E que surpreende pela atualidade. Em diversos momentos da obra, é como se Balzac estivesse descrevendo as redações brasileiras em pleno começo de século XXI. A obra surgiu a partir do contato do próprio autor com os profissionais das redações, com jornalistas que escrevem segundo interesses pré-determinados. E que nem sempre passam pelas necessidades dos leitores.

Balzac divide os jornalistas e profissionais ligados aos jornais em dois grandes gêneros: o Publicista e o Crítico, por sua vez subdivididos em várias categorias. O grupo Publicista, por exemplo, inclui: o jornalista, o homem de estado, o panfletário, o

nadólogo, o publicista de carteira, o escritor monobíblia, o tradutor e o autor com convicções. Fazem parte do grupo do Crítico: o crítico da nobreza antiga, o jovem crítico louro, o grande crítico, o folhetinista e os pequenos jornalistas. Uma observação importante: muitos desses tipos possuem ainda as suas subvariedades. E todas são descritas por Balzac em separado. Para sustentar suas observações, o escritor intercala o texto com axiomas, pausas venenosas que resumem o perfil do tipo analisado, explicam o contexto em que atua aquela figura. Vejamos, por exemplo, como o autor descreve o chamado nadólogo.

A França tem o mais profundo respeito por tudo o que é tedioso. Assim, o vulgarizador chega prontamente a uma posição: ele passa a homem grave de uma hora para outra, com a ajuda do tédio que emana. Esta escola é numerosa. O vulgarizador coloca uma idéia de ideia de uma cesta de lugares-comuns e derrama mecanicamente essa horrorosa mistura filosófico - literária em folhas contínuas. A página parece estar cheia, parece contar ideias; mas, quando o homem instruído mete o nariz nela, sente o odor dos subterrâneos vazios. É profundo e não há nada: a inteligência nela se apaga como uma vela em uma cova sem ar. O Nadólogo é o Deus da burguesia atual; ele está à altura dela, é limpo, é transparente, é sem acidentes. Esta torneira de água quente gruguleja e grugulejaria in soecula soeculorum sem parar. (BALZAC, 2004: 74)

Tem-se aqui a típica descrição do jornalista presunçoso, que trabalha sob o escudo da superficialidade, escondida atrás de uma pretensa profundidade. No Brasil, em que a formação superior dos jornalistas é baseada na generalidade, ou seja, no contato com diferentes conteúdos a fim de obter conhecimentos superficiais sobre algumas áreas principais, vale mais a postura do profissional que tem consciência de seu papel de servidor público enquanto responsável pela produção de notícias, pela divulgação das informações. Nas redações, há uma afirmação recorrente que diz que, mais importante do que saber alguma coisa, é ter o telefone de quem sabe. É saber os caminhos para chegar até a informação desejada. Mais do que fingir saber o que não sabe, o jornalista deve ter competência para saber levantar todos os dados que deseja obter para produzir uma reportagem. E isso nem sempre é tarefa simples. Com a profissionalização dos departamentos de comunicação e imprensa de empresas,

instituições e órgãos públicos de modo geral, tem-se cada vez mais blindado o acesso a determinados conteúdos.

Assim como fez Balzac ao dividir os profissionais em diferentes categorias, Pena levanta outro detalhe curioso a respeito das rotinas dos veículos de comunicação. Segundo o autor, as redações funcionam como uma espécie de templo próprio.

O lugar social da produção das notícias, a redação, funciona como um templo próprio. Sua hierarquização permite aos pajés da tribo um controle rígido sobre os súditos, no melhor estilo maçônico. Transitar pelas editorias só é possível para quem conhece o mapa das divindades, o lugar de cada santo. Em alguns casos, o “fumódromo” pode ser mais importante do que a sala do diretor de redação. Basta uma “oração coletiva” em torno de um novo conhecimento gnóstico. A rotinização da produção, dividida entre a apuração, captação e edição, passando por editorias distintas como arte, fotografia ou outra qualquer, também é um conhecimento específico, quase secreto (PENA, 2005, p. 141)

Dessa forma, as notícias têm uma estrutura de valores que são compartilhados pelos jornalistas entre si, ainda que carreguem algum traço de interação com a sociedade. Traço esse, destaque-se aqui mais uma vez, que poderia ser maior se os profissionais de imprensa atentassem mais para os anseios e discursos de seu público.

2.2 O EXEMPLO DO JORNALISMO DIGITAL

No que se refere à interação com o leitor, o jornalismo digital encontra-se à frente de seus correlatos baseados em outras mídias. Até mesmo devido às características de interatividade envolvidas na chamada leitura imersiva, advinda da internet. Grosso modo, o jornalismo digital pode ser definido com a disponibilização de informações no ciberespaço, oferecidas ao internauta com o suporte de recursos hipertextuais, multimidiáticos e interativos. Em alguns sites de conteúdo jornalístico, como o portal *GI* (www.g1.com.br), das Organizações Globo, existem seções produzidas a partir de textos, informações e imagens enviadas pelos internautas. No caso do site em questão, esse espaço foi batizado de *Vc no GI*.

É por isso que se diz que o ambiente virtual influenciou todos os tipos de veículos, modificando os critérios de produção e recepção da notícia. O próprio conceito de leitor imersivo, discutido anteriormente neste trabalho, está aí para comprovar essa tendência.

Na própria internet, os conceitos mudam a uma velocidade impressionante, embora a linguagem para congrega todas as suas potencialidades pareça ainda não ter sido encontrada. Portais, websites e blogs descentralizam a informação. Estes últimos, pela facilidade de acesso, vêm formando o que os medalhões do jornalismo americano chamam pejorativamente de jornalistas de pijama. A alegação é que a grande quantidade de blogs inviabiliza a verificação de suas informações, o que os torna pouco confiáveis (PENA, 2005, p. 177).

A apresentação das notícias minuto a minuto na internet, à medida que os fatos acontecem, provocou mudanças também no modo de produção dos veículos impressos e da televisão (mesmo que, nesse caso, a velocidade se sobreponha à veracidade muitas vezes). No rádio o impacto não foi tão grande, já que a facilidade de transmissão confere a esse tipo de mídia uma agilidade superior até a da web. Assim, jornais impressos e televisivos têm na internet uma espécie de fornecedora de pautas em tempo real. Nas redações dos jornais, por exemplo, é corriqueiro que os repórteres sejam pautados pelos sites noticiosos, o que pode fazer até com que reportagens estabelecidas no começo do dia como prioridade “caiam” em detrimento do factual levantado pela internet. E essas pautas podem bem estar escondidas nas seções dedicadas aos fatos apresentados pelos internautas.

É como se a nova mídia pudesse sintetizar todas as anteriores, abrindo possibilidades novas de acesso à comunicação. O reforço da ideia de que uma mídia não elimina a outra, mas sim a incorpora. Mais ainda: na internet, abre-se espaço para um novo tipo de socialização, em que a interlocução é total. Assim, define-se um novo tipo de socialização, com grande alcance. Segundo Kucinski, “o novo ‘cidadão digital’ é um ser engajado. Pode ser de esquerda ou de extrema direita, mas é um ser engajado” (KUCINSKI, 2005, p. 76).

Como mídia, ou meio de comunicação social, a internet se apresenta de várias formas: blogs pessoais, sites e portais, que são amplos

espaços com grande número de conteúdos e informações, inclusive publicidade e programas de venda direta; boletins, que são pequenos jornais ou newsletters em forma exclusivamente eletrônica, que não existiriam se não fosse a internet; jornais e revistas on line, que são versões às vezes resumidas ou seletivas de publicações que já existiam e continuam a existir em forma impressa; e, finalmente, os e-mails, uma modalidade de correio ou comunicação interpessoal, mas que na internet assume caráter também de comunicação socializada. Em todas essas formas, há uma superação dialética entre o público e o privado. (KUCINSKI, 2005, p. 76)

Essa proximidade entre o público e o privado, aliada à vontade e à possibilidade de publicar na web de forma muito simples, é reforçada pelo fato de que escrever na rede tem um caráter lúdico, prazeroso, amparado por ferramentas como o hipertexto. Isso para não citar o uso de imagens, sons e referências diversas completando o texto, dando-lhe, de certa forma, um caráter mais multimídia e divertido. Tudo a critério do produtor da informação, do trabalhador intelectual em questão, numa autonomia nunca vista antes do surgimento da internet. Uma comunicação libertária, mas fragmentada sob esse ponto de vista. Mais uma vez: a internet é uma mídia mais interativa do que os veículos impressos, o rádio e a televisão, sendo dotada de mecanismos de interatividade infinitamente mais rápidos, como os chats.

Exatamente por isso, em termos de jornalismo, pois - e exatamente por isso - o jornalismo digital impõe desafios como o de prender a atenção do internauta diante de um mundo de possibilidades. Os chamados leitores digitais entram nos sites sem maiores comprometimentos, apenas seguindo o curso daquilo que lhes chama a atenção. Segundo a jornalista Pollyana Ferrari apontou no livro *Jornalismo Digital*, “a importância e repercussão de uma manchete da revista *Veja* continua sendo bem maior do que a do seu portal preferido” (FERRARI, 2006, p. 19). É preciso ganhar esse leitor a partir da diferenciação, da oferta de vários canais extra de leitura, proporcionados pelos chamados hiperlinks, pela continuação da notícia a partir de vários desdobramentos. Tudo embalado em páginas coloridas, chamativas, capazes de atrair a atenção de quem passa descuidado, sem procurar nada especificamente. Seguindo o raciocínio da autora, ninguém abre a página de um site como abre a *Veja* para ler uma manchete. E isso representa um desafio na interlocução entre o meio digital e os

internautas, já que a fidelidade do leitor é mais visível no jornal impresso do que na internet, onde têm peso a navegação, o apelo lúdico, o visual caprichado dos sites.

Por ser bombardeado diariamente por uma quantidade avassaladora de informações, o internauta não se sente fiel a qualquer veículo digital, nem mesmo ao portal do provedor de acesso que ele assina. No caso dos jornais impressos, ocorre o inverso. A fidelidade do leitor é visível. Quem se habitou à linha editorial mais conservadora de O Estado de São Paulo dificilmente torna-se leitor do Diário de S. Paulo, ex-Diário Popular. Na Internet, contudo, a viagem é lúdica e o apelo visual e textual falam mais alto. (FERRARI, 2006, p. 20)

Segundo a autora, o primeiro site jornalístico brasileiro foi o do *Jornal do Brasil*, criado em maio de 1995, seguido pela versão eletrônica do jornal *O Globo*. Nessa época, a Agência Estado também colocou sua página na internet (FERRARI, 2006, p. 25). É importante destacar que, desse período até o ano 2000, os principais sites de notícia brasileiros estavam focados na oferta de amplo conteúdo, mais do que no aprofundamento das reportagens, mais do que na diferenciação.

Se olharmos o cenário a partir do início de 2001, no entanto, percebemos que a internet abandonou o glamour de 2000, quando todo proprietário de site imaginava que, com pouco investimento e muita criatividade, ficaria rico e faria com que seu site figurasse como um case de sucesso nas revistas especializadas. O mercado passou a preocupar-se mais seriamente com a integração entre conteúdo de qualidade, design acessível e viabilidade financeira – a ser obtida não mais com aporte abundante de capital dos investidores, mas com obtenção de receita por publicidade, um caminho certamente bem mais difícil. (FERRARI, 2006, p. 28).

Assim como aconteceu fora do país, a internet brasileira surgiu em meio a muita euforia. Como descreve a autora, a sensação de todo proprietário de site era a de que seu portal viraria “um case de sucesso nas revistas especializadas”. Nas redações, a migração de profissionais de jornais e revistas para os sites promoveu um período nunca antes visto de salários altos e sobra de vagas de emprego. Nunca antes visto e jamais visto dali por diante. Diga-se de passagem que o mercado nunca mais foi tão generoso com os profissionais de imprensa. Agora, passada a euforia dos primeiros tempos, com estruturas infinitamente mais enxutas, os sites tentam oferecer cada vez mais diferenciais aos internautas. Trata-se da lei básica da sobrevivência da internet que já sabe não se tratar de uma máquina de fazer dinheiro. É preciso ir além, trabalhar com

profissionais ágeis e donos de uma visão multidisciplinar do fazer jornalístico, já que a internet pode reunir todas as mídias numa só. Jornalistas conscientes do perfil do internauta, da efemeridade da leitura em ambiente virtual, da necessidade de tornar o produto jornalístico, a informação, dinâmico, desdobrado, fragmentado.

E como oferecer diferenciais no jornalismo digital? Nesse caso, não se trata apenas de produzir reportagens e colocá-las no ar. Tais textos precisam estar “linkados” a outros, como chats, enquetes, galerias de fotos, cronologia dos fatos, vídeos, áudios, ou seja, recursos que venham para complementar o conteúdo da reportagem propriamente dito. Muito provavelmente o leitor não vai circular por todas essas esferas, mas, certamente, quer tê-las à disposição no site de sua preferência, quer poder navegar entre muitos hiperlinks.

Como oferecer algo mais para o leitor? Como agarrá-lo e tornar o ato de visitar diariamente determinado portal um trunfo editorial? Se os fornecedores de conteúdo são os mesmos, como criar a fidelidade do internauta? Não tenho a menor dúvida de que é pela informação bem trabalhada, explorando ao máximo os recursos de hipermídia. Não existe segredo: o leitor percebe quando encontra uma página completa ou outra “rasa”. (FERRARI, 2006, p. 47).

Além de pensar na informação, como fazem os repórteres de mídia impressa, ou em fatos que rendam boas imagens para o próximo noticiário, como fazem os profissionais que trabalham em televisão, os jornalistas de internet precisam pensar nos tais recursos extra que farão de suas páginas ambientes completos e não “rasos”. Mas isso não é tudo. É preciso ainda escrever com clareza e concisão, de forma a facilitar a leitura, acompanhando o dinamismo, a leveza e o próprio caráter lúdico que tem a internet para os seus internautas, mesmo que estejamos falando de sites noticiosos.

A Web não é sisuda, ela tem humor. O público on-line é mais receptivo para estilos não convencionais, já que o leitor não tem tanto compromisso ao navegar, ele “zapeia” pelos canais, ficando pouco tempo mesmo na notícia que lhe interessa.

Se analisarmos os principais veículos on-line nacionais, iremos encontrar matérias recheadas de verbos na forma passiva, sentenças muito longas e uma mistura de metáforas com clichês. Isso pode ser consequência de equipes enxutas, formadas rapidamente, e da presença de jornalistas inexperientes - que, magicamente, de

estagiários passam a editores e, às vezes, comandam, sozinhos, um canal inteiro de notícias. (FERRARI, 2006, p. 49).

Além da falta de objetividade e da inexperiência de alguns profissionais, muitos dos quais trabalham recebendo baixos salários, destaque-se aqui, é possível apontar outra falha recorrente da internet brasileira, ou seja, dos sites nacionais noticiosos: a preocupação com a agilidade da informação, com o “furo” primordialmente, em detrimento da apuração minimamente embasada. Muitas vezes, notícias superficiais, sequer verdadeiras, vão ao ar em poucos minutos apenas para garantir a dianteira em relação à concorrência. Para o internauta, que na prática não fica com todos os sites abertos para ver quem foi mais rápido a cada matéria nova que entra no ar, pouca diferença faz. Ele sequer se dá conta dessa corrida travada em torno da informação. É o tipo do detalhe que só interessa a repórteres e editores de veículos concorrentes.

Há no jornalismo on line a primazia da velocidade sobre outros atributos da informação, tais como precisão, contextualização e interpretação. Esses atributos são sacrificados em nome da velocidade. No jornalismo on line as informações são enviadas continuamente, aos pedaços, ao mesmo tempo que os fatos estão acontecendo. A fragmentação da informação, uma característica do processo de produção da notícia, é levada ao extremo no jornalismo on line. É um jornalismo que não espera o resultado da batalha. Informa cada troca de tiros. Se um presidente faz um longo discurso, o jornalismo on line transmite um despacho atrás do outro com pedaços sucessivos do discurso. (KUCINSKI, 2005, p. 98)

Melhor oferecer um produto bem acabado, uma informação na qual se possa confiar. E, mais uma vez, publicada de acordo com o perfil e os interesses do internauta que a lerá, de acordo com a lógica de que, independentemente do meio, a produção será melhor sempre que passar pela interlocução eficiente entre os jornalistas e seus leitores, internautas, ouvintes, telespectadores. Uma interlocução que ainda é falha, mas que tende a evoluir até mesmo por uma questão de ajustamento, de disputa entre os veículos pela melhor posição no mercado. Uma atitude que passa, entre outras coisas, pela leitura das cartas e e-mails do público em questão, como faremos no capítulo a seguir, com a análise das missivas e mensagens eletrônicas dos leitores do *Diário de S. Paulo*.

3. O DISCURSO DAS CARTAS

Conforme explicitado anteriormente, a análise semiótica do discurso dos missivistas do *Diário de S. Paulo* a ser realizada neste trabalho envolverá uma seleção das cartas enviadas e publicadas no jornal nos anos de 2007, 2008 e nos três primeiros meses de 2009: janeiro, fevereiro e março. A inclusão desse último trimestre, mais recente, tem por objetivo conferir ao trabalho um caráter mais atual, com a citação de fatos que há pouco saíram do noticiário. Serão analisadas 30 cartas cujos conteúdos estejam ligados a três temas: religião, sexualidade e política.

No período considerado, as cartas que faziam referência a reclamações e pedidos de ajuda com relação ao funcionamento de serviços públicos foram maioria e somaram 704 correspondências. Tais textos envolvem assuntos que vão desde o excesso de lixo nas ruas até a falta de banheiros públicos para a população no Centro da capital paulista. Outros assuntos identificados: falta de iluminação nas ruas, problemas com ônibus, dificuldade de marcação de exames e consultas em hospitais das redes municipal e estadual, placas de ruas apagadas ou tortas, vazamento de esgoto, falta de varrição nas vias da cidade, excesso de barulho provocado por bares ou vizinhos, camelôs que atrapalham a movimentação de pedestres em locais de grande circulação de consumidores, como a Rua 25 de Março, na região central, por exemplo. Como é possível perceber, o jornal assume, para os seus leitores, o papel de plataforma para a reivindicação da prestação de melhores serviços para o cidadão. Tanto que as cartas com esse perfil foram maioria dentro do espaço de tempo considerado.

Em segundo lugar entre os temas que mais geram missivas estão os textos que, de alguma forma, incluem manifestações políticas, seja para criticar ou apoiar o presidente, o governador, o prefeito, senadores, deputados e vereadores. Esses somaram 420 correspondências. Dessas, 105 citavam nominalmente o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, 60 o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, e 44 o governador do estado de São Paulo, José Serra.

Em seguida estão os textos que fazem elogios, agradecimentos, críticas e comentários diversos sobre as reportagens do jornal. Esses somam 115 cartas. As missivas com conteúdos religiosos foram 42 e, aquelas que fazem referência à sexualidade, 25. As demais correspondências se dividem em temas diversos, os mais variados possíveis, como esportes, educação, economia, entre outros.

Nesse contexto, por que foram escolhidas as cartas sobre religião, sexualidade e política, se as cartas referentes a serviços públicos são maioria no período selecionado? Porque, dentre esses três temas, são as cartas referentes a questões religiosas, sexuais e políticas as mais elaboradas e ricas. São cartas menos objetivas e diretas, como aquelas que pedem para a Prefeitura tapar o buraco na rua ou consertar o poste quebrado que deixa a via mal iluminada, por exemplo. Uma observação importante: as cartas serão aqui reproduzidas conforme foram publicadas no jornal, com a apresentação de trechos suprimidos tais quais eles foram escritos pelos leitores, sem quaisquer correções de ortografia, regência ou pontuação.

Dessa forma, passemos para a análise do discurso dos missivistas do *Diário de S. Paulo*, a ser dividida por tema.

3.1 RELIGIÃO

Entre as cartas com conteúdo ligado à religião, estão aquelas que se referem ao caso Isabella Nardoni. Como os dois principais suspeitos do assassinato da menina são seu pai, Alexandre Nardoni, e sua madrasta, Ana Carolina Jatobá, o crime motivou um total de 23 cartas ao *Diário de S. Paulo* no período escolhido para este trabalho, muitas das quais com apelo religioso. Daí a inclusão dessas missivas nesta categoria. Serão apresentadas ainda cartas sobre outros assuntos relacionados à religião.

É importante destacar que o assassinato foi um dos crimes que mais mereceram espaço na imprensa em 2008. Senão aquele que mais mereceu, efetivamente. A brutalidade com a qual a criança foi morta motivou alguns missivistas do *Diário de S. Paulo* a desabafarem sua dor, revolta, análises e opiniões diante do caso no *Diário do Leitor*. Para exemplificar melhor essas posturas, serão apresentadas aqui quatro cartas de leitores do jornal a respeito do assunto, correspondências publicadas no periódico

entre os dias 6 e 26 de abril de 2008. O crime ocorreu na noite do dia 29 de março de 2008, quando a menina foi jogada do sexto andar do Edifício London, no bairro do Tucuruvi, onde moravam o seu pai, sua segunda mulher e os dois filhos que eles tiveram, irmãos de Isabella.

O assunto mereceu capa até das revistas de circulação nacional, entre elas a *Veja*, a maior em circulação no Brasil. Nos programas de televisão, o crime rendeu uma série de transmissões ao vivo de etapas da investigação policial, como o dia da tomada de depoimento dos dois principais suspeitos do caso: Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá. Além de algumas entrevistas com a mãe da criança morta, Ana Carolina de Oliveira. Nos jornais locais, o caso rendeu semanas seguidas de manchetes. Especificamente no *Diário de S. Paulo*, a morte de Isabella foi o assunto recordista em páginas A3, a mais nobre do primeiro e mais importante caderno do jornal, tendo ocupado esse espaço por mais de um mês ininterruptamente.

Conforme já foi citado na introdução deste trabalho, o caso Isabella é uma tragédia que passa pela quebra de valores familiares básicos, como o fato de que os pais devem amar e proteger seus filhos. E isso gerou a indignação de muitos leitores, que recorreram ao *Diário do Leitor* para manifestar suas considerações diante do assunto.

Foi o caso do leitor L. (os nomes dos missivistas serão omitidos neste trabalho), da capital paulista. L. enviou um e-mail para a redação do jornal no dia 5 de abril de 2008 e teve sua mensagem publicada já no dia seguinte, 6 de abril. O conteúdo foi colocado exatamente da forma como o missivista o enviou, sem cortes ou quaisquer alterações de texto. A seguir, a carta:

De tudo o que se tem visto na mídia da minha ex-vizinha, o que fica mais gravado na memória é o rostinho alegre e inocente da Isabella. Não a conheci pessoalmente, mas do meu prédio vendo o seu, sinto saudades sua. Os mais íntimos certamente a tratavam apenas de Isa, a Isa que era muito bela. Mal passou pela porta de entrada desta vida e já entrou na vida eterna, para gozar tudo que está preparado para aqueles que morrem amigos de Deus. Isabella, peça ao Pai Misericordioso pela humanidade, particularmente pelas pessoas que lhe trouxeram ao mundo. Quanto a mim, seria uma honra ser um dia seu vizinho no Céu!.

Em seu discurso, o leitor usa os adjetivos para provocar comoção, num tom de proximidade que visa causar nos receptores, grupo do qual fazem parte, nesse caso, primeiro os jornalistas do *Diário de S. Paulo* e depois os demais leitores do jornal, a sensação de que, para ele, a morte da menina teve um sentido ainda mais forte do que teve para todos os que se sensibilizaram com a tragédia. No plano morfológico, os já citados adjetivos modificam as propriedades dos substantivos em situações-chave. Antes da primeira menção ao nome da menina, por exemplo, L. conta que a criança era sua “ex-vizinha”. E faz referência ao rostinho “alegre e inocente da Isabella”, para mais adiante completar: “a Isa que era muito bela”. São termos que, no plano pragmático do discurso, servem para acentuar a tragédia do infanticídio, a covardia daquele crime. Expressões que visam sensibilizar os receptores diante da morte de uma criança indefesa. E, destaque-se outra vez, convencê-los da proximidade daquele interlocutor com a situação, a partir da condição de morador de um prédio de onde se podia avistar o Edifício London. Com isso, L. tenta legitimar suas saudades e dor diante do caso. Ele pode desabafar dessa forma porque de seu prédio era possível ver o prédio onde a menina morava. L. se coloca na condição de testemunha privilegiada. E legitima essa posição ao ter sua carta publicada no *Diário do Leitor*. Tanto que finaliza o seu texto manifestando a vontade de continuar a ter a “honra” ser vizinho de Isabella no céu.

No plano semântico da análise da carta em questão, o leitor faz uso de um discurso religioso, a partir de uma linguagem na qual predomina o caráter emotivo. E aqui entram falas como “Mal passou pela porta de entrada desta vida e já entrou na vida eterna, para gozar tudo que está preparado para aqueles que morrem amigos de Deus”. Ou ainda: “Isabella, peça ao Pai Misericordioso pela humanidade, particularmente pelas pessoas que lhe trouxeram ao mundo”. Aqui, L. afirma sua crença na fé religiosa. O leitor usa Isabella como interlocutora para pedir “pela humanidade”, querendo demonstrar ter piedade “particularmente pelas pessoas que lhe trouxeram ao mundo”, grupo em que se inclui Alexandre Nardoni, o pai apontado como principal suspeito da morte da criança. Destacar o nome de Isabella como interlocutora diante de “Deus”, nesse trecho, finalizando o e-mail com o “seria uma honra ser um dia seu vizinho no céu!”, é uma estratégia que sintetiza o principal objetivo da correspondência:

demonstrar proximidade de Isabella, a personagem mais importante do jornalismo policial da cidade e do país em 2008. A partir daí, é externado um discurso religioso, de piedade e compaixão diante da barbárie.

L. diz ter “gravado na memória” aquilo que viu “na mídia”, mas acredita que os valores religiosos são o caminho para ter esperança depois da brutalidade do crime. E usa a seção de cartas do *Diário de S. Paulo* para manifestar sua crença, tentar comover os outros leitores. O jornal proporciona a L. esse espaço de manifestação pública.

Na carta apresentada, o leitor busca persuadir a partir de atos argumentativos. E adota o discurso direto para proporcionar aos receptores/enunciatários a ilusão de ouvi-lo, de ter acesso às suas verdadeiras palavras. Não há, aqui, o distanciamento da terceira pessoa.

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. Por isso, ele é sempre persuasão.

Nesse jogo de persuasão, o enunciador utiliza-se de certos procedimentos argumentativos visando levar o enunciatário a admitir como certo, como válido o sentido produzido. A argumentação consiste no conjunto de procedimentos linguísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário (FIORIN, 2006, p. 75).

Assim como o leitor L., outro missivista do jornal, G., segue na mesma linha do leitor que quer desabafar, “subir” no “palanque” do *Diário do Leitor* e poder dizer o que sente diante do caso. G enviou um e-mail para o jornal em 19 de abril de 2008, tendo seu texto publicado na edição do dia 1º de maio do mesmo ano. Segue a carta:

Se houvesse sempre manifestações como as do caso Isabella, talvez os covardes matadores se intimidassem. O medo de que esses covardes assassinos têm de morrer é grande! Agora têm medo, mas mataram, tiraram uma vida, o que, por princípio, só Deus poderia...E agora? Imagine o pânico e a contradição que passou pela cabeça dessa garota, vendo aquela violência gratuita. Ao lado de quem só esperava segurança e amor, encontrou a morte...O pai, sempre nosso herói, às vezes pode ser bandido...O pão lhe foi negado, o amor também...Essa criança de 5 anos que não merecia viver? Que Deus faça justiça. Que Deus tenha piedade dos assassinos, porque Isabella voa no paraíso

como um pássaro encantado e já está além de todas essas hipocrisias e baboseiras aqui na terra.

O discurso religioso está presente mais uma vez. Só que num tom um pouco mais assertivo, firme. G. tem piedade, mas quer “que Deus faça justiça”. Abrindo o texto, a referência à imprensa é um pouco mais expressiva que a do leitor anterior, que dizia ter “gravado na memória” algo que tem visto “na mídia”. E apóia o espaço dado pela imprensa ao caso: “Se houvesse mais manifestações como as do caso Isabella, talvez os covardes matadores se intimidassem”. G. se manifesta diante do teatro da tragédia com palavras mais firmes, de condenação, mas seus adjetivos também querem comover, o que pode ser percebido em trechos como “(...) o medo de que esses covardes assassinos têm de morrer é grande!”. Além de Isabella voar no “paraíso como um pássaro encantado”.

Além dos adjetivos, o missivista também soube escolher bem os substantivos que colocou em seu texto: “Ao lado de quem só esperava segurança e amor, encontrou a morte... O pai, sempre nosso herói, às vezes pode ser bandido...O pão lhe foi negado, o amor também...” Segurança, amor, morte, herói, bandido, pão. No plano morfológico de seu discurso, G. escolheu palavras fortes, de significado profundo no imaginário coletivo, substantivos que vêm para causar impacto, que definem o caso Isabella como uma tragédia grega à paulista, um espetáculo sem tons pela metade.

No plano semântico, a exemplo do leitor anterior, G. faz uso de um discurso religioso, a partir de uma linguagem emotiva, redigida de forma coloquial, próxima do falar do leitor comum. Um drama que, para o missivista, só pode ser justificado segundo os desígnios de Deus. “Que Deus faça justiça. Que Deus tenha piedade dos assassinos”. A fé, segundo G., redime a menina do sofrimento terreno. E a transforma num “pássaro encantado”, “ (...) além de todas essas hipocrisias e baboseiras aqui na terra”.

Assim, no plano pragmático, o objetivo é chamar a atenção dos receptores, comover, usar a religião como válvula de escape para o caso. E isso tendo como estratégia o uso de uma linguagem mais assertiva e dura. A manipulação a partir de recursos como a intimidação e a provocação. Como diria Fiorin, “Todo discurso se constrói numa relação polêmica, é constitutivamente heterogêneo, trabalha não sobre a realidade mesma, mas sobre outros discursos” (FIORIN, 2008, p. 15).

Um ponto em comum entre os leitores das duas primeiras cartas citadas neste estudo: ao se manifestar através do envio de e-mails para o jornal, ambos o fizeram num tom que vai além da simples expressão da opinião. A linha adotada, em ambos os casos, foi o da emoção, do desabafo, a partir da redação de caráter mais dramático, mais autoral, digamos assim.

E isso nos leva a entrar na seara do desejo de ser escritor na seção de cartas. De emitir sua opinião, seu sentimento, podendo dizer que teria a honra de ser vizinho de Isabella no céu ou colocar a menina como um pássaro que voa no paraíso. São falas que demonstram a vontade de ir além, de aparecer na seção de forma diferenciada dos demais leitores, passando adiante da simples opinião, comentário ou elogio. Ambos os missivistas, aliás, fazem referência à imprensa como gancho para introduzir seus discursos, não indo muito além disso, do gancho propriamente, em suas relações com os veículos de comunicação.

Além das cartas de apelo religioso, o caso Isabella motivou posicionamentos de crítica em relação à postura da própria imprensa diante da cobertura da morte da menina jogada pela janela. Como o fez o leitor H., do Recife, capital de Pernambuco, cidade onde, curiosamente, não circula o *Diário de S. Paulo*. H. enviou um e-mail para o jornal em 19 de abril de 2008, tendo seu texto publicado no dia 1º de maio do mesmo ano.

Perplexidade na população brasileira com a quantidade das informações desconstruídas sobre a morte prematura da menina Isabella, de cinco anos. Será que as mídias nacional e internacional não têm mais nada para explorar? Chega de se satisfazer com a desgraça alheia, pô! Sugestão: que a mídia faça mais reportagens sobre os escândalos e as roubalheiras explícitas de alguns políticos safados do Brasil. Deixem a polícia trabalhar em paz.

H. é um leitor que não aprova o sensacionalismo adotado na cobertura das tragédias familiares. Que não quer fazer parte do “coro grego”: “Chega de se satisfazer com a desgraça alheia, pô!”. Seu discurso é mais objetivo do que aquele encontrado nas duas primeiras cartas apresentadas. H. procura o jornal para fazer uma crítica, pedir menos tinta na cobertura do caso Isabella. E até apresenta uma proposta: “Sugestão: que

a mídia faça mais reportagens sobre os escândalos e as roubalheiras de alguns políticos safados do Brasil”.

No plano morfológico, os adjetivos que apoiam os substantivos são, assim, menos subjetivos, mais precisos. Por exemplo: “informações desencontradas”, “morte prematura”, “políticos safados”. É diferente do “rostinho alegre e inocente de Isabella”, encontrado na carta do leitor L. e que nos remete, diretamente, ao semblante da menina, o que só reforça seu caráter frágil e dócil, acentuando a crueldade de quem a matou. Os substantivos referem-se diretamente aos assuntos abordados: população, informações, morte, mídia, desgraça, escândalos, roubalheiras, polícia.

No plano semântico, o leitor adota um discurso dissertativo, objetivo, como já citado anteriormente. Amparado por uma linguagem coloquial, H. reclama da falta de coerência entre as informações apresentadas na cobertura da morte do crime. Sua indignação requer até o uso de “pô!” como interjeição. Mas não vai muito além disso. Ele quer persuadir o jornal de que existe exagero na condução da cobertura da morte de Isabella.

No plano pragmático, H. quer que o receptor compartilhe da sua indignação, do seu “pô!”, mas não invoca a religião. Seus argumentos se baseiam em fatos, na necessidade de cobrir melhor os escândalos políticos, por exemplo, as “roubalheiras”, os “políticos safados”. H. pede: “Deixem a polícia trabalhar em paz”. Está cansado de ouvir falar do drama dos Nardoni. Da exploração da “desgraça alheia”. A fala de H. não deixa de ser uma reação ao modelo ideal de família apresentado pela imprensa, o mito do casamento burguês citado por Barthes. Se algo sai fora do script desse modelo, o sensacionalismo diante do choque é o que resta.

É uma ilusão reduzir a cultura dominante ao seu núcleo inventivo: existe também uma cultura burguesa de puro consumo. A França inteira está mergulhada nessa ideologia anônima: a nossa imprensa, o nosso cinema, o nosso teatro, a nossa Literatura de grande divulgação, os nossos cerimoniais, a nossa Justiça, a nossa diplomacia, as nossas conversas, o tempo que faz, o crime que julgamos, o casamento com que nos comovemos, a cozinha com que sonhamos, o vestuário que usamos, tudo, na nossa vida cotidiana, é tributário da representação que a burguesia criou para ela e para nós

nas relações entre o homem e o mundo. Estas formas “normalizadas” chamam pouca atenção, devido, justamente, ao seu enorme tamanho; sua origem pode se perder à vontade; elas gozam de uma posição intermediária; não sendo diretamente políticas nem diretamente ideológicas, vivem pacificamente entre a ação dos militantes e o contencioso dos intelectuais: mais ou menos abandonadas por uns e por outros, juntam-se à massa enorme do indiferenciado, do insignificante, em suma, da natureza. É, no entanto, por meio de sua ética que a burguesia impregna a França: praticadas no nível nacional, as normas burguesas são vividas como leis evidentes de uma ordem natural: quanto mais a classe burguesa propaga as suas representações, mais elas se tornam naturais (BARTHES, 2007: 232)

A França, nesse caso, é aqui. Chamar Ana Jatobá de madrasta é exatamente a manifestação da ética da burguesia a que o autor se refere. O horror diante do modelo de família que foge da normalidade entre um grupo de cidadãos de classe média, com personagens que bem poderiam ser parentes da maioria dos leitores do *Diário de S. Paulo*. Entre as camadas menos favorecidas da população, digamos assim, crimes familiares são comuns, recorrentes até. E, muitas vezes, não merecem mais do que uma nota nas páginas do periódico. É esse antimodelo burguês que incomoda, que é rejeitado, que dá margem ao circo quando inevitavelmente escapa do padrão. Mesmo que não tenha tido noção disso, foi a essa lógica que o leitor H. se referiu. Ele não aguenta mais a exploração da “desgraça alheia”.

O leitor M., da capital paulista, que enviou um fax à redação do jornal no dia 22 de abril de 2008, tendo sua carta publicada em 26 de abril do mesmo ano, segue a mesma linha crítica do missivista pernambucano. Vejamos seu texto:

Sensacionalismo exacerbado, pronunciamentos apressados da autoridade policial, presença quase diária do promotor na mídia fazendo prejulgamentos, gritaria de apresentadores de TV, incitando a massa ignára a um pavoroso espetáculo de revolta contra o pai e a madrasta da pequena Isabella, assassinada após ser jogada do sexto andar do prédio. A TV armou o show. É lamentável vermos pessoas gritar “assassinos”, “canalhas”, “pena de morte”, “fogueira na Praça da Sé” contra os suspeitos Alexandre Nardoni e Ana Jatobá. Que se aguarde o julgamento final da Justiça em clima de respeito à ordem e à lei. Jean de La Bruyère, filósofo francês do século 18, sabiamente disse: “A condenação de um réu comprovadamente culpado é uma advertência aos canalhas, mas a punição de um inocente é séria preocupação a todos os homens de bem”.

M. pode até não conhecer Barthes. E muito provavelmente não conhece H., mas também rejeita o sensacionalismo diante da quebra do padrão burguês de família ideal apresentado pela imprensa. Seu discurso é uma crítica direta à atuação dos veículos de comunicação, à cobertura do caso Isabella. No plano morfológico, M. usa adjetivos que modificam as propriedades dos substantivos de forma direta, sem dar margem a interpretações mais subjetivas, como, por exemplo, “sensacionalismo exacerbado”, “pronunciamentos apressados”, “pavoroso espetáculo de revolta”. É interessante observar como, mesmo adotando esse viés crítico, até na escolha dos adjetivos, ao se referir à menina morta o leitor segue na linha dos missivistas mais emotivos e a qualifica como “pequena Isabella”. É público e notório que Isabella era pequena quando morreu, que tinha apenas 5 anos, era uma menina. Mas M. escreve “pequena”. E, nessa passagem, permite-se ele também expressar sua comoção diante da violência cometida. Reforçar o fato de que a vítima de assassinato era absolutamente indefesa.

No plano semântico, o leitor faz uso de um discurso descritivo para compor um cenário, para ambientar o espetáculo do sensacionalismo. E o faz por etapas: primeiro são os “pronunciamentos apressados da autoridade policial”, em seguida vem a “presença quase diária do promotor na mídia fazendo julgamentos”, a “gritaria de apresentadores de TV incitando a massa”. Assim, a massa vivencia o “pavoroso espetáculo de revolta”. Vira o tal “coro grego” citado anteriormente. Observa-se que, no plano sintático da carta, há um encadeamento de fatos, uma relação de causa e efeito. E isso ajuda a compor a descrição.

No plano pragmático, o objetivo é convencer os receptores de que há abusos, exageros no sensacionalismo que envolve a cobertura do caso. É feita inclusive a crítica de que Alexandre Nardoni e Ana Jatobá estão sendo julgados antes da hora. E o leitor usa a fala de um filósofo francês do século XVIII para legitimar sua posição, para convencer os receptores do fato de que, se alguém de renome pensa do jeito que ele pensa, é o caso de fazer ponderações, de pensar melhor a respeito, de não punir inocentes, como recomenda Bruyère no trecho citado dentro da carta. O filósofo é, para o leitor, uma ferramenta de persuasão, um jeito erudito de chamar a atenção, de convencer. De trazer o receptor das notícias do caso Isabella para o seu mundo, para o seu ponto de vista.

Ainda sobre o crime da menina arremesada pela janela, Freud também seria capaz de fazer as suas considerações sobre o assunto, sobretudo no que toca à falência da família, à derrocada de valores básicos, digamos assim.

Quanto à terceira fonte, a fonte social de sofrimento, nossa atitude é diferente. Não a admitimos de modo algum; não podemos perceber que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós. Contudo, quando consideramos o quanto fomos mal sucedidos exatamente nesse campo da prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível fazer, por trás desse fato, uma parcela de natureza inconquistável – dessa vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica.

Quando começamos a considerar essa possibilidade, deparamo-nos com um argumento tão espantoso, que temos que nos demorar nele. Esse argumento sustenta que o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas. Chamo esse argumento de espantoso porque, seja qual for a maneira por que possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização. (FREUD, 2006, p. 96)

Conforme apontou Freud, o sofrimento que vem do desvio, da conduta inesperada, também faz parte da civilização. Do primitivo que existe e, vez por outra, se manifesta em gestos como o do pai que mata a própria filha. Se esse tiver sido o gesto de Alexandre Nardoni, que até o primeiro semestre de 2009 ainda não havia sido julgado pela acusação do caso, a realidade que não se aceita. Por isso a comoção causada pelo assunto entre os leitores do *Diário de S. Paulo*.

Como notado por Leda Tenório da Motta, aqui já citada, o caso Nardoni convoca a mitologia e a tragédia gregas. Não se trata só de Édipo, mas de Saturno, a réplica latina de Crono. Após ouvir da Mãe Terra e de seu pai Urano que um dia seria destronado por um dos próprios filhos, Saturno passa a devorá-los todos os anos, à medida que Reia, sua irmã e esposa, vai dando à luz. Assim ocorreu até o nascimento de Zeus, que foi escondido para ser criado longe do pai. No futuro, Zeus seria responsável por uma guerra contra os titãs, da qual Saturno saiu derrotado e terminou expulso para uma ilha britânica nos confins do ocidente. Ou seja, da mitologia grega a Freud, a

possibilidade de assassinato do filho pelo próprio pai sempre causou repúdio e comoção, o que se refletiu claramente no *Diário do Leitor*. A mesma comoção provocada pelo quadro *Saturno devorando seu filho*, do pintor espanhol Francisco Goya, usada para ilustrar a capa de *O Seminário de Jacques Lacan*.

Entre as demais missivas incluídas no tema religião, fora do caso Isabella, estão ainda cartas como a da leitora J.D, da capital paulista, que escreveu sobre a vinda do papa Bento XVI ao Brasil, em maio de 2007. A missivista enviou um e-mail ao jornal no dia 9 de maio de 2007 e teve sua mensagem publicada na edição do dia 11 de maio. Vamos ao texto, da forma como ele foi publicado no jornal:

Em boa hora, estamos recebendo a visita do papa Bento XVI. Espero que ele nos traga bons ventos e que a onda de paz, tranqüilidade e sossego se espalhe pelo Brasil, com a beatificação de Frei Galvão. Quem sabe o país entre numa nova fase de proporcionar aos seus filhos uma vida mais justa, sem a insegurança que nos assola. Que a corrupção e seus tentáculos sumam da nossa sociedade para as verbas serem usadas corretamente. Que esta visita seja abençoada e nos traga um alento de vida e paz.

Em sua versão original, tal como foi enviada pela leitora, a carta trouxe uma frase a mais, após o nome de Frei Galvão, ao final da segunda oração escrita: “Frei Galvão que já fez mais um milagre o Guará foi o campeão da divisão do interior”. O restante do texto permaneceu inalterado. Em se tratando da eventual edição das cartas, como foi o caso, o *Diário de S. Paulo*, segundo os secretários gráficos responsáveis pelas missivas que chegam à redação, tem como norma suprimir trechos por motivos de espaço, se for o caso, ou correção de eventuais erros de escrita, concordância ou pontuação.

Dito isto, observa-se que a carta adota um discurso emocional, baseado no desejo e na crença de que a vinda da autoridade máxima do catolicismo ao país traga “paz, tranquilidade e sossego”. No plano morfológico, os adjetivos são empregados em momentos importantes, aqueles que esclarecem que a intenção da missivista é desejar a todos tempos melhores com a vinda de Bento XVI, como “bons ventos”, “nova fase” e “vida mais justa”, por exemplo. São termos que explicam o plano pragmático do discurso: a crença de que a vinda de um religioso pode ajudar a promover mudanças no país, pacificando o comportamento da população e até ajudando a combater problemas

arraigados da formação histórico-cultural brasileira, como a corrupção: “Que a corrupção e seus tentáculos sumam da nossa sociedade para as verbas serem usadas corretamente”. No plano semântico, tem-se aqui um discurso religioso claro, que visa chamar a atenção para a importância da crença no poder de ação do maior nome da religião católica. Ao escrever dessa forma ao *Diário de S. Paulo*, a missivista pede espaço na seção de cartas a partir de um discurso voltado a uma comunidade, mesmo que essa comunidade seja ampla e envolva o “Brasil”. J.D passa a impressão de que é católica, dado o seu apoio e contentamento com a visita de Bento XVI, mas quer falar a todos os demais leitores, sejam eles adeptos de sua religião ou não. É a todos que ela se refere por meio do envio de um e-mail ao *Diário do Leitor*.

As palavras da leitora, seu desejo de obtenção da paz coletiva a partir da visita de um religioso ao país nos remete, mais uma vez, a Freud.

A derivação das necessidades religiosas, a partir do desamparo do bebê e do anseio pelo pai que aquela necessidade desperta, parece-me incontrovertível desde que, em particular, o sentimento não seja simplesmente prolongado a partir dos dias da infância, mas permanentemente sustentado pelo medo do poder superior do Destino. Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai. Dessa maneira, o papel desempenhado pelo sentimento oceânico, que poderia buscar algo como a restauração do narcisismo ilimitado, é deslocado de um lugar em primeiro plano. A origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o sentimento de desamparo infantil. .
(FREUD, 2006, p. 80)

No caso da carta em questão, Bento XVI é o pai, o representante máximo da figura divina entre os homens. Sua vinda pode trazer paz e abençoar o país, proteger-nos a nós mesmos de nossas maiores mazelas.

O *Diário de S. Paulo* não tem pesquisas que revelem as preferências religiosas de seus leitores, mas, no período analisado, observou-se que notícias ligadas a denúncias, prisões e arrecadação de recursos de forma ilegal por representantes de Igrejas evangélicas costumam despertar manifestações de repúdio por parte de alguns missivistas. Reações essas que, por sua vez, motivam o envio de cartas e e-mails por leitores evangélicos dispostos a proteger publicamente a sua religião.

Assim, vejamos a carta do leitor R.R, da capital paulista, enviada no dia 2 de setembro de 2008 ao jornal, por e-mail, e publicada em 28 de setembro do mesmo ano, da seguinte forma:

O fenômeno da evasão de fiéis que ocorre na Igreja Renascer em Cristo após a prisão dos fundadores Sônia e Estevam Hernandes poderia servir de exemplo para outras igrejas. A obsessão dos pastores em pedir dinheiro ou estabelecer metas, deixando a palavra de Deus para o último plano, é observada em muitos templos evangélicos. Essas instituições compraram canais de TV e horários nobres para exibir cultos, onde se vê um estelionato ao vivo: paralítico voltando a andar, doentes de Aids curados ou endividados que viraram empresários. É uma exploração da fé, principalmente daqueles menos esclarecidos que se desfazem do pouco que têm para encher os cofres dos pastores.

Em sua versão original, a carta continha dois trechos a mais. O primeiro deles vinha no meio da primeira oração: “Sônia e Estevam Hernandes conforme mostrou o Diário no Caderno São Paulo, pág.A3 de 02/09, poderia servir de exemplo para outras igrejas”. A segunda parte eliminada na edição da seção *Diário do Leitor* estava no final da mensagem de R.R: “Um exemplo é a dissimulação da chamada “Bispa Sônia” que mesmo cumprindo prisão domiciliar em Miami, ainda tem a cara-de-pau de aparecer em telões pedindo dinheiro. Para chegar a Deus não é necessário intermediários e tampouco pagar por isso, mas há pessoas que parecem gostar de ser iludidas e voluntariamente doam até aquilo que não tem para essa quadrilha que se prolifera em templos e na televisão”.

R.R faz uso de um texto baseado em atos, mesmo que os fatos sejam explicados de forma genérica, sem a precisão de dia, hora e local exatos em que teriam acontecido. Trata-se do uso do recurso da manipulação no texto, conforme foi apontado por Fiorin:

Quando o manipulador propõe ao manipulado uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo, com a finalidade de levá-lo a fazer alguma coisa, dá-se uma tentação. Quando o manipulador o obriga a fazer por meio de ameaças, ocorre uma intimidação. Se o manipulador leva a fazer manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado, há uma sedução. Se ele impele à ação, exprimindo um juízo negativo a respeito da competência do manipulado, sucede uma provocação. (FIORIN, 2006, p. 30)

O missivista acusa a Igreja Renascer em Cristo e seus fundadores de promoverem a “exploração da fé”, sobretudo entre os fiéis “menos esclarecidos” e que

“se desfazem do pouco que têm”. Tem-se aqui a ação impelida, descrita sob um juízo negativo. R.R quer convencer os leitores de sua carta a não acreditar nas práticas segundo ele estelionatárias da Igreja em questão.

É importante destacar, conforme apontado anteriormente, que o modelo de análise do discurso adotado neste trabalho é o de Fiorin.

No plano morfológico, o leitor faz uso de substantivos e verbos para descrever atitudes que julga incorretas. E poucos adjetivos, de forma que o texto fica centrado em ações. No plano pragmático, R.R. pretende chamar a atenção para aquilo que, para ele, é um problema: a prática dos pastores que pedem dinheiro aos seus fiéis e a concordância indevida desses fiéis com tal pedido, feito às custas de uma boa dose de manipulação, de situações como a do “paralítico voltando a andar”, a dos “doentes de Aids curados” ou a dos “endividados que viram empresários”. Já no plano semântico, observa-se que o uso da terceira pessoa não foi em vão. R.R visa criticar a conduta de uma Igreja e seus pastores e, fazendo-o sem o recurso do eu, confere um caráter mais objetivo ao seu texto. É como se aquela forma adquirisse um caráter analítico mais marcante do que se viesse expressa de forma mais individualizada. O leitor pretende levar sua opinião para muitos, baseando-se em fatos, conforme foi citado anteriormente.

Quando se emprega a terceira pessoa em lugar da primeira, cria-se um efeito de objetividade, porque se ressalta um papel social e não uma subjetividade. Muitos jogadores de futebol empregam a terceira pessoa para falar de si mesmos, mostrando ter consciência da personagem que encarnam. (FIORIN, 2006, p. 74)

Nessa linha, o missivista em questão pretende ir além da sua opinião pura e simples ao enviar ao periódico um texto repleto de fatos que, segundo ele, depõem contra a imagem da Renascer em Cristo. R.R. pretende ressaltar seu papel social e não uma subjetividade, conforme explica o Fiorin.

Para fechar a análise das cartas cujos conteúdos estão ligados à religião, citemos os exemplos de duas missivas que “conversam” entre si, sendo a segunda uma reação à primeira, que por sua vez se baseou em outra correspondência. Assim, teremos uma defesa da Igreja Renascer em Cristo por um leitor, seguida da sua crítica por outro

missivista do *Diário de S. Paulo*. A primeira delas foi escrita por S.L, da capital, que enviou um e-mail ao jornal no dia 23 de janeiro de 2008, tendo seu texto publicado em 12 de fevereiro de 2008.

Em relação à carta “Doações de Kaká à Igreja Renascer”, de R., publicada em 19/1, devo informar que o jogador Kaká não contribui com a Igreja Renascer e nem com seus líderes, ele dá seu dízimo, o que é bíblico. Caso o leitor não saiba, a Igreja Renascer tem obras sociais como a Casa Lar Abrigo de Franco da Rocha, onde distribuimos cestas básicas e refeições. Temos também a Casa de Recuperação em Santana do Parnaíba, projeto Kalebe (idosos), todos com pessoas necessitadas em que não é cobrado nenhum centavo. Convido o leitor para conhecê-los e tenho certeza que, após verificar, também vai se engajar e ajudar nesses projetos.

S.L se sentiu motivado a escrever após ler uma carta de outro leitor, com críticas à Igreja Renascer em Cristo. Ele faz sua defesa baseado em fatos, primeiro explicando que o jogador Kaká “dá seu dízimo”, o que é “bíblico”. Depois, cita nominalmente instituições apoiadas com os recursos advindos de contribuições do tipo, numa tentativa de provar que o dinheiro em questão é, segundo ele, bem empregado: “todos com pessoas necessitadas”, “não é cobrado nenhum centavo”.

No plano morfológico, a exemplo da carta anterior, são usados poucos adjetivos e mais substantivos e verbos. A ideia é mostrar ação, atos desenvolvidos com o dinheiro do dízimo dos fiéis da Renascer, não exatamente qualificar gestos e condutas. Já no plano pragmático, o objetivo é informar o leitor da missiva sobre Kaká e suas doações, convencê-lo do uso de tais verbas para fins concretos. Conforme apontou Fiorin, trata-se da manipulação manifestada a partir do juízo positivo, da sedução. Ou seja, S.L. convida o missivista R. a conhecer os projetos sociais da Renascer, dizendo ter “certeza” de que este “vai se engajar e ajudar nesses projetos” depois de conhecê-los. Assim, do ponto de vista semântico, a ideia é derrubar a noção de que a Igreja apenas arrecada dinheiro de seus fiéis, sem aplicar devidamente esses recursos. E isso se concretiza, do ponto de vista coletivo, a partir da resposta a R. no *Diário do Leitor*. Primeiro ele e, a partir dele, todos os leitores do jornal são informados das obras da Renascer.

O saber de cada um a respeito do mesmo objeto é diferente, porque é condicionado pelo ponto de vista em que cada um se coloca para apreendê-lo, estudá-lo, analisá-lo. Tendo adquirido um saber a partir

de uma certa perspectiva, cada um dos sujeitos atribui a seu conhecimento a marca da certeza e confere ao do outro a qualificação de equívoco, ou seja, cada um dos sujeitos considera seu saber e o do outro como não-saber. (FIORIN, 2006, p. 18)

Posto isso, e diante dessa troca de qualificações de equívoco, em que cada sujeito considera o seu saber na seção de cartas, vamos ao texto da leitora C.V., que rebateu a missiva de S.L ao enviar, por e-mail, em 12 de fevereiro de 2008, um texto sobre o assunto, com publicação em 17 de fevereiro do mesmo ano.

É um absurdo que existam pessoas alienadas como o sr. S.L. O leitor, na carta “Igreja Renascer ajuda instituições”, ao rebater uma carta que criticava o fato do jogador Kaká despende R\$ 2 milhões anuais para a Renascer, diz que a igreja ajuda vários projetos sociais. O leitor só esqueceu de dizer que a igreja deve precisar muito das doações de Kaká e outros, pois bancar as mordomias e propriedades do casal Hernandez em Miami não deve ser barato. Fôssemos um país sério, muitos exploradores da fé já estariam atrás das grades, como ocorre nos EUA com os fundadores da Renascer.

A mensagem original da leitora continha algumas expressões a mais, como “pessoas totalmente alienadas” ao invés de “pessoas alienadas”. Ao final da segunda oração. C.V. escreveu “diz que a igreja assiste há (sic) vários projetos sociais”. No início da terceira frase, há o termo “caro” antes de “leitor”.

No plano morfológico, há o uso de alguns adjetivos eficientemente empregados para compor a crítica à defesa da Renascer, como “pessoas alienadas” e “país sério”. E substantivos e verbos que, juntos, compõem um outro cenário, o da, segundo a leitora, luxuosa vida do casal Hernandez na cidade de Miami, Estados Unidos: “deve precisar muito das doações”, “mordomias e propriedades” e “não deve ser barato”, por exemplo. Já no plano pragmático, o objetivo é desqualificar, de forma irônica, a argumentação do leitor S.L, mostrar desconfiança diante do uso dos recursos arrecadados com o dízimo dos fiéis para fins de ajuda aos necessitados, não para cobrir os gastos dos fundadores da Igreja no exterior. É um sujeito atribuindo a marca da certeza ao seu texto a partir da derrubada da colocação do outro, como apontou Fiorin. Assim, no plano semântico, C.V. quer dizer que a Renascer não merece confiança. Tanto que não se deve acreditar nem mesmo nas palavras de um leitor que citou nominalmente instituições sociais ajudadas pela Igreja. Até porque esse leitor, ou seja, essa voz que defende a Renascer, é

“alienado”. Trata-se de um confronto criado para chamar a atenção dos demais leitores do *Diário de S. Paulo*, para promover o debate em torno do assunto, para manifestar uma opinião a partir do choque com uma outra ideia, enfim.

Entre as cartas com conteúdo religioso selecionadas entre os três primeiros meses de 2009, está o texto do leitor M.S, da capital paulista. M.S. enviou um e-mail ao jornal no dia 6 de março, tendo sua mensagem publicada em 12 de março. A missiva em questão era sobre um dos assuntos mais polêmicos do ano até então: a excomunhão de médicos e familiares de uma menina de nove anos, em 5 de março de 2009, pelo arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho, por conta de um aborto legal feito depois que a criança ficou grávida de gêmeos de seu padrasto, por quem era abusada desde os seis anos. Na ocasião, a equipe médica responsável pelo procedimento informou que a gestante corria risco de morrer se levasse a gravidez adiante. Após tomar conhecimento do ocorrido, o arcebispo declarou que “a lei de Deus está acima de qualquer lei humana”, numa crítica ao argumento de que, polêmica à parte, o aborto estava de acordo com a legislação brasileira para casos do tipo.

Deve ser terrível para uma mulher ter um filho gerado de um estupro. Quem pensa que é o arcebispo de Olinda, que excomungou a mãe, os médicos e os envolvidos no aborto feito em uma menina de 9 anos? Sou católico e digo a todos os excomungados por d.José: não liguem, esse arcebispo só quer aparecer. Se o céu existe, com certeza, vocês ganharam pontos.

A mensagem original continha alguns termos a mais em relação ao que foi publicado. São eles: “e não menos pelo marido e pelos familiares”, após “Deve ser terrível para uma mulher”; “de Pernambuco”, após “uma menina de 9 anos”; “não”, após “não liguem” e “pois o que fizeram foi uma caridade”, após “vocês ganharam pontos”. A palavra “estupro” estava escrita de forma incorreta: “estrupe” e foi corrigida na edição da missiva.

A partir de um discurso emotivo, em tom coloquial, M.S dá o seu apoio aos familiares da menina violentada. No plano morfológico, o uso de frases interrogativas é estratégico para dar o tom de questionamento à atitude do arcebispo. O leitor fala diretamente aos envolvidos: “não liguem”, “Se o céu existe, vocês ganharam pontos”.

Para expressar sua assertividade, M.S destaca o uso de uso de substantivos e verbos, mais que de adjetivos, usados em momentos-chave como “Deve ser terrível”, antes de apresentar a história da criança estuprada, logo no começo da carta. No plano pragmático, conforme já foi citado, sua intenção é apoiar os familiares e médicos envolvidos na interrupção da gravidez da menina, falar diretamente a eles, confortá-los, inclusive com a “certeza” de que, tendo agido da forma como agiram, eles “ganharam pontos” no “céu”, se este existir. Já no plano semântico, o objetivo é criticar a postura da Igreja, na figura do arcebispo, diante do caso.

O enunciador e o enunciatário são o autor e o leitor. Não são o autor e o leitor reais, de carne e osso, mas o autor e o leitor implícitos, ou seja, uma imagem do autor e do leitor construída pelo texto.

A enunciação define-se como a instância do eu-aqui-agora. O eu é instaurado no ato de dizer: eu é quem diz eu. A pessoa a quem o eu se dirige é estabelecida como tu. O eu e o tu são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa. (FIORIN, 2006, p. 56)

Na carta acima, os participantes da ação enunciativa são o próprio missivista, M.S., e os envolvidos no caso, os já citados familiares e médicos da menina pernambucana. Em seu texto, M.S afirma ser “católico” e diz “a todos os excomungados por d. José”. São esses os seus leitores implícitos, como apontou Fiorin, junto com todos os demais leitores do *Diário de S. Paulo*, obviamente.

A próxima missiva a ser apresentada, a última entre as selecionadas com o tema religião, também se refere à polêmica do aborto feito pela criança abusada pelo padrasto. O leitor M.O. mandou um e-mail para a redação do jornal no dia 10 de março de 2009, tendo seu texto publicado em 13 de março. Uma curiosidade: o missivista é morador da cidade de Teresópolis, no Rio de Janeiro, onde não circula o *Diário de S. Paulo*.

Ninguém tem moral para dizer a um médico de verdade que deve fazer aborto, matar. É um problema de vocação e só o médico pode exercer o ato médico, embora, de tempos para cá, o que mais tem é doutor no nosso meio, mas que não pode nem dar atestado de óbito se fizer asneira, né? O arcebispo de Recife e Olinda excomunga médicos e familiares da menina de 9 anos grávida de gêmeos que estava com a vida claramente em risco. O que essa mesma Igreja já matou e se omitiu ao longo da história em nome de Deus, se conta aos milhões,

como na Inquisição e nas guerras santas. A Igreja se consome por dentro, pusilânime, jurássica, aterrorizante e como diz o comentarista Arnaldo Jabor: “Daí o sucesso dos canalhas que inventaram os bancos de dízimos e os supermercados da fé”.

Na mensagem original, M.O escreveu “O padre lá de não sei onde” ao invés de “O arcebispo de Recife e Olinda”. Em outro trecho, “em nome de Deus”, o e-mail do leitor continha “em nome de seu Deus”. O missivista se referiu ao comentarista do jornal apenas como “Jabor”: “e como diz o Jabor”. No *Diário do Leitor*, a referência foi colocada como “o comentarista Arnaldo Jabor”. De acordo com os secretários gráficos do *Diário de S. Paulo*, que, conforme já foi explicado anteriormente, são os responsáveis pela edição das missivas, tais alterações são feitas para que os leitores da seção não tenham dúvidas quanto aos fatos e pessoas citados nos textos dos missivistas. Sem falar no fator espaço, que leva à redução de determinados trechos eventualmente.

Posto isso, podemos dizer que o leitor faz um encadeamento de ideias para se posicionar contra a Igreja, que condenou o médico responsável pelo aborto. E, para tanto, no plano morfológico, faz uso de um texto assertivo, a exemplo do anterior, sobre o mesmo assunto. Dessa vez, o questionamento não é feito a partir de frases interrogativas, mas de afirmações: “Ninguém tem moral para dizer a um médico de verdade que deve fazer aborto, matar”, “O arcebispo de Recife e Olinda excomunga médicos e familiares da menina de 9 anos grávida de gêmeos que estava com a vida claramente em risco, “O que essa mesma Igreja já matou e se omitiu ao longo da história em nome de Deus se conta aos milhões, como na Inquisição e nas guerras santas”, e assim por diante. Há o uso de verbos que remetem a ações fortes, como excomungar, matar, omitir, consumir. Ainda no plano morfológico, o leitor conclui a carta, antes da citação de Arnaldo Jabor, com adjetivos que classificam a Igreja como “pusilânime, jurássica, aterrorizante”.

No plano pragmático, o objetivo é criticar a Igreja a partir da polêmica em questão, apontar que a condenação da morte de um feto é pequena diante da morte de “milhões” em momentos históricos como a “Inquisição” e as “guerras santas”. O leitor começa o seu texto dizendo que “Ninguém tem moral para dizer a um médico de verdade que deve fazer aborto, matar. É um problema de vocação”. Ou seja, a conduta do médico não pode ser julgada pela Igreja.

Nesse caso, verificamos que as figuras estabelecem entre si relações, formam uma rede. Aliás, devemos ter sempre presente que texto quer dizer tecido. O que interessa, pois, na análise textual é esse encadeamento de figuras, esse tecido figurativo. Ler um texto não é apreender figuras isoladas, mas perceber relações entre elas, avaliando a trama que constituem. A esse encadeamento de figuras, a essa rede relacional reserva-se o nome de percurso figurativo. (FIORIN, 2006, p. 97)

No plano semântico, as figuras apresentadas pelo leitor, do exemplo do médico à crítica de Arnaldo Jabor aos “canalhas que inventaram os bancos de dízimos”, formam um tecido composto de modo a desacreditar nos dogmas e decisões de uma Igreja que, segundo o leitor, tem também um saldo de mortes para com a humanidade. M.O queria colocar a Igreja em questão. E o fez em sua participação no *Diário do Leitor*.

3.2 SEXUALIDADE

Entre as cartas selecionadas sob o tema sexualidade, chama a atenção o debate estabelecido entre os missivistas, no *Diário do Leitor*, em torno do homossexualismo. A partir da realização da Parada Gay de 2007, na capital paulista, e das notícias divulgadas sobre o assunto, seguiu-se uma troca de missivas entre os leitores, com direito a manifestações de apoio e réplicas, essas em menor volume.

Assim, começemos pela carta da leitora M.S, publicada em 12 de junho de 2007, a partir de e-mail enviado no dia anterior, 11 de junho.

Ouvi dizer que a Passeata do Orgulho Gay levou quase 4 milhões de pessoas às ruas de São Paulo. Lamentavelmente isto só prova que o número de homossexuais está aumentando. Por que não há manifestação parecida para protestar contra a avalanche de corrupção que assola o nosso país? Há uma grave relação entre estas crises e a perda do sentido do que é certo e do que é errado e, sobretudo com a covardia da população em se manter em sua aburguesada indiferença.

Na mensagem original, não havia o termo “quase” antes de “4 milhões de pessoas”. A leitora usa o gancho da Parada Gay para criticar um eventual “aumento” no número de homossexuais e reivindicar manifestações com grande número de pessoas

para protestar contra a corrupção. No plano morfológico, faz uso de orações curtas, em tom coloquial, como se conversasse com os demais leitores da seção, para expressar sua crítica. O uso de adjetivos nem é tão numeroso, já que a proposta, aqui, é a de dar o recado a partir de argumentos. “A Passeata do Orgulho Gay levou quase 4 milhões de pessoas às ruas de São Paulo”, logo, “isto só prova que o número de homossexuais está aumentando”. Os adjetivos entram na hora de enfatizar aquilo que, para a leitora, é problemático: “Há uma grave relação entre estas crises”, “aburguesada diferença”. No plano pragmático, a leitora quer deixar clara a sua posição de lamento em relação a um suposto crescimento no número de homossexuais na cidade, levando os outros leitores do periódico a refletir sobre o fato de que manifestações do porte da Parada Gay deveriam ser usadas para fins de protesto político. Ou seja, a Parada consegue reunir “quase 4 milhões de pessoas”, mas não são vistos atos “contra a avalanche de corrupção que assola o nosso país” dessa magnitude. Já no plano semântico, pode-se dizer que M.S critica o homossexualismo e defende o que, para ela, é uma volta ao “sentido do que é certo e do que é errado”: promover a mobilização política, contra a corrupção, em detrimento de atos em prol da cidadania no que se refere ao direito de cada um a vivenciar sua própria orientação sexual.

Publicada na mesma data, 12 de junho, a missiva do leitor H.L., também faz referência à Parada Gay de 2007. O missivista enviou um e-mail para a redação do jornal em 10 de junho.

No momento em que os organizadores da Parada GLBT se conscientizarem de que a grande maioria dos que lá vão estão a fim mesmo é de dar risada dos gays, eles mandam este circo às favas.

A exemplo da leitora M.S., H.L. também tenta minimizar a importância da Parada como um evento em prol do exercício da cidadania e do direito que cada um tem de vivenciar e expressar a própria orientação sexual. A diferença é que, ao contrário da missivista anterior, ele pretende atingir seu objetivo a partir da afirmação de que “a grande maioria dos que lá vão estão a fim mesmo é de dar risada dos gays”. Ou seja, para H.L, a manifestação não é levada a sério.

No plano morfológico, chama a atenção o uso de termos que realçam a ideia que o missivista pretende passar com seu texto: “a grande maioria dos que lá vão”, “a fim

mesmo é de dar risada”. Não basta citar “a maioria” ou “a fim de dar risada”. H.L usou “grande” e “mesmo” para reforçar sua teoria, dar mais ênfase ao seu argumento. Ainda no plano morfológico, observe-se que o missivista registra que a Parada é um “circo”: “eles mandam este circo às favas”. Com isso, mais uma vez, H.L desqualifica o evento, minimiza a sua importância.

No plano pragmático, como já pôde ser percebido, o leitor quer passar a ideia de que a Parada não é um evento a ser considerado relevante para chamar a atenção da população para a expressão e direitos dos homossexuais. Tanto que, para ele, quando seus “organizadores” “se conscientizarem”, “mandam este circo às favas”. No plano semântico, tem-se o registro de que o missivista é contra o evento, considera-o um “circo”, simplesmente.

Em apoio às duas missivas apresentadas acima, o leitor M. enviou um e-mail para a redação do jornal, tendo sua mensagem publicada em 14 de junho de 2007.

Parabéns aos leitores M.S e H.L pela coragem de criticar a passeata gay. Muita gente pensa igual, mas se cala. H tem razão quando diz que a maioria dos que lá estão (duvido que na Paulista caibam 3,5 milhões de pessoas) vai se divertir às custas dos gays. Eu pergunto: orgulho gay por quê? Orgulho, tenho eu, pela minha família. Tenho esposa, filhos e netos e posso sair de casa para onde quiser sem ninguém ficar rindo e se divertindo à minha custa. Por que não se juntam gays e evangélicos e fazem uma passeata. Só assim para derrubar os corruptos!

Na mensagem original, o leitor escreveu “só assim derrubam todos os políticos corruptos” ao invés de “Só assim para derrubar os corruptos”. Assim sendo, pode-se dizer que M. faz uso de um discurso exaltado e moralista para apoiar as cartas dos dois missivistas anteriores. No plano morfológico, o missivista o faz por meio de orações em sua maioria curtas, com forte caráter assertivo. Visa convencer seus interlocutores com argumentos, evitando adjetivos e cuidando dos substantivos e verbos utilizados. “Parabéns aos leitores M.S e H.L pela coragem de criticar”, “Muita gente pensa igual, mas se cala”, “H tem razão”, “Eu pergunto: orgulho gay por quê? Orgulho tenho eu, pela minha família” são alguns bons exemplos de como M. constrói seu discurso. Segundo o leitor, gays não têm motivo para se orgulhar pela sua orientação sexual, mas

ele sim, pelo fato de ter uma família com “esposa, filhos e netos”. M. pode “sair de casa para onde quiser sem ninguém ficar rindo e se divertindo” às suas custas. Ou seja, gays não seriam, para o missivista, motivo de riso apenas na Parada Gay, como afirmava a carta anterior, mas em qualquer outra situação pública, basta sair de casa para tanto. Mantendo o tom político do texto da leitora M.S, ele propõe que “gays e evangélicos”, responsáveis pela reunião do maior número de participantes em eventos do tipo na cidade, se unam e façam uma “passeata” para “derrubar os corruptos”. Ou seja, M. encerra a sua mensagem com uma oração de total concordância com aquilo que foi exposto pela outra missivista, estabelecendo uma ligação clara com esta, ligação que, aliás, começou na primeira linha de sua carta, com o uso de “Parabéns”.

No plano pragmático, a proposta é criticar o homossexualismo e reivindicar a transferência do debate em torno da cidadania e da orientação sexual de cada um para o combate à prática da corrupção no país. No plano semântico, o missivista pretende reforçar os valores tradicionais da família, com a organização do núcleo familiar em torno do marido, mulher, filhos e netos (“esposa, filhos e netos”), criticando qualquer conduta que saia fora desse esquema. É preciso ser heterossexual, não homossexual, para perpetuar esse modelo idealizado de família perfeita, afinal, segundo M, gays não têm motivo para ter orgulho, são motivo de piada. Ao contrário dele, que pode sair de casa sem fazer ninguém rir de sua figura. Prova de que o tom moralista predomina na carta é o fato de que a sugestão de uma mobilização política aparece apenas nas duas últimas das sete linhas escritas, dando a impressão de que foi colocada principalmente para manifestar concordância com a missiva da leitora M.S. Com o leitor H.L ele já havia concordado antes, sob o argumento de que os participantes da Parada Gay só acompanham o evento para rir dos homossexuais.

O grande casamento (aristocrático ou burguês) corresponde à função ancestral e exótica das bodas: é simultaneamente potlatch entre duas famílias e o espetáculo desse potlatch para a multidão que rodeia o consumo das riquezas. A multidão é necessária; portanto, o grande casamento é sempre enfocado na praça pública, em frente à igreja; é aí que se queima o dinheiro com que se ofusca a multidão; jogam-se às chamas uniformes e trajes, armas e laços (da Legião da Honra), o Exército e o Governo, todas as grandes funções do teatro burguês, os adidos militares (enternecidos), um capitão da Legião (cego) e a

multidão parisiense (comovida). A força, a lei, o espírito, o coração, todos estes valores da ordem são lançados em conjunto nas bodas, consumidos no potlatch; contudo, por isso mesmo, mais solidariamente instituídos do que nunca, prevaricando excessivamente a riqueza natural de toda união. É preciso não esquecer que um “grande casamento” é uma operação frutífera no que diz respeito à contabilidade, que consiste em transferir para o crédito da natureza o pesado débito da Ordem, em absorver na euforia pública do casal “a triste e selvagem história dos homens”: a Ordem alimenta-se de Amor; a mentira, a exploração, a cupidez, todo o mal burguês é afastado pela verdade do casal. (BARTHES, 2007, p. 48)

A análise crítica de Barthes a respeito do casamento tradicional burguês e seus significados se encaixa bem no tom apresentado pelo leitor M. na última missiva citada, em sua defesa da família de acordo com a sua composição mais clássica, formada por marido, “esposa, filhos e netos”. O casamento destacado na praça, em frente à igreja, que chama a atenção da “multidão que rodeia o consumo das riquezas”. O espetáculo que une “a força, a lei, o espírito, o coração”, tudo reunido pela dádiva das bodas, da instituição, daquilo que é certo segundo os princípios da ideologia burguesa. “Todo o mal burguês é afastado pela verdade do casal”. O homossexualismo, do qual segundo M. ninguém deveria se orgulhar, seria, dentro dessa lógica idealizada, uma chaga que encontra proteção somente dentro da estruturação da família, dentro da tradição. Dentro da seara do signo burguês do casamento, conforme apresentou o citado missivista no *Diário do Leitor*.

A próxima carta a ser analisada, neste tópico da homossexualidade, é a do leitor M.O, da capital paulista, que enviou um fax à redação do *Diário de S. Paulo* no dia 17 de janeiro de 2008. Seu texto foi publicado em 5 de fevereiro do mesmo ano.

O DIÁRIO publicou em 23/12, na página A7, que lésbicas, transexuais e bissexuais vão fundar uma ONG para poderem frequentar o Autorama, no Ibirapuera, e outros locais sem a interferência das polícias Civil e Militar. Alegam que são vítimas de atos de violência sem que nada justifique as arbitrariedades. O regime é democrático, mas como ficam as famílias residentes no entorno do Autorama e de outras avenidas, que aturam ver atos obscenos em frente a suas casas? Esta turma que se diz perseguida, presa pelos agentes da lei, exige dignidade. O que estas pessoas entendem por dignidade e respeito? Parabéns para as polícias Civil e

Militar, que apenas agem na forma da lei. Quem exige respeito e dignidade é a família desta sofrida metrópole.

A mensagem original do leitor continha vários trechos suprimidos do material publicado no jornal, alguns dos quais ofensivos, o que vai contra as normas de publicação de cartas no *Diário de S. Paulo*, daí a sua retirada. São eles: “Alegam eles que no curso de suas blitz realizadas no Autorama e em outros locais são vítimas de atos de violência”, “Tudo bem, o regime é democrático, a bronca é livre, o trombone aí está à disposição de qualquer boca”, “Mas, como é que ficam as famílias residentes no entorno do Autorama assistindo com seus filhos aos atos imorais de homem beijando homem, masturbando-se, praticando ao vivo cenas de relacionamento sexual, mulheres abraçando-se, esfregando-se com outras mulheres? Discordar dessa prática anormal é ser homófobo? Considerem ainda o fato de os agentes da lei terem encontrado, quando em suas rondas no Autorama, armas de fogo, facas, punhais, etc. Para completar a baderna, também o comércio de drogas no mesmo referido espaço”, “A turma que gosta de chupar pirulito que se lixe”. Essa última oração encerrou o fax enviado pelo leitor.

Dito isto, tem-se aqui uma mensagem no mesmo tom da do leitor M., com caráter homofóbico mais acentuado. Mais uma vez, no plano morfológico, a defesa da família tradicional burguesa, sem a existência de homossexuais para atrapalhar a harmonia do mundo, é sustentada por uma argumentação repleta de orações de caráter assertivo, firme, que dão um tom de debate à carta, de manifestação no “palanque” do *Diário do Leitor*. M. usa poucos adjetivos, prioriza substantivos de significado forte e relacionados à defesa da família de modo geral, como “violência”, “arbitrariedades”, “casas”, “dignidade”, “respeito”, “polícias” e “família”, entre outros. Os homossexuais que frequentam o Autorama são “estas pessoas” e “O que estas pessoas entendem por dignidade e respeito?”. Sem se declarar frequentador do Autorama, portanto sem condições de afirmar com segurança se as polícias agem com violência ou não no local, mesmo assim o leitor parabeniza o trabalho dos policiais que, segundo “gays, lésbicas, transexuais e bissexuais” que querem fundar uma ONG, agem com violência em suas rondas na área. Como se denúncias de ações do tipo vindas de homossexuais não

merecessem atenção, afinal, “Quem exige respeito e dignidade é a família desta sofrida metrópole”.

No plano pragmático, o objetivo do missivista é dizer que as reivindicações dos frequentadores do Autorama não merecem ser consideradas. E que as polícias devem agir com rigor no local, mesmo que isso inclua o uso de violência. Ou seja, M. faz uma crítica ao homossexualismo a partir do exemplo da área destinada ao namoro gay dentro do Parque do Ibirapuera, o maior e mais conhecido da capital paulista.

No plano semântico, a exemplo do leitor M., M.O pretende reforçar os valores da família nos moldes da tradição burguesa, banindo desse cenário os homossexuais que, segundo ele, atrapalham a vida de quem mora perto do Autorama.

Conforme apontou Fiorin, numa observação que cabe bem na análise do texto de M.O, todo discurso se baseia numa relação polêmica, tem constituição heterogênea e trabalha não sobre a realidade mesma, mas sobre outros discursos. Para o autor, o discurso é o lugar da instabilidade das estruturas, onde se criam efeitos de sentido com a infringência ordenada às leis do sistema (FIORIN, 2008, p. 15). Ou seja, a partir desse viés, as palavras de M.O são formadas com base em várias referências, fixam-se na polêmica que envolve os homossexuais que acusam a polícia de violência, na visão moralista de mundo do leitor, baseada na tradição da família e no apoio aos atos de repressão policial contra quem, segundo ele, não age conforme as regras. O missivista une, a partir do seu ponto de vista, vários discursos no texto encaminhado ao jornal, todos eles adaptados aos seus objetivos em enviar aquela carta para o *Diário do Leitor*.

A próxima missiva a ser analisada é uma defesa dos leitores contra os ataques aos homossexuais. Escrita por M.B, da capital, foi enviada pelos Correios ao periódico no dia 6 de fevereiro de 2008, tendo sido publicada em 17 de março do mesmo ano.

Não posso me calar quando vejo missivas como a do leitor M.O apoiando a violência policial em nome da dignidade da família, contra um grupo que normalmente já é discriminado pela sociedade, que não lhes dão o direito de serem livres, pois até um beijo em público são proibidos de dar. O missivista fala da família que vive ao redor do “Autorama”. Pergunto: estas famílias ficam “assistindo” ao que os gays fazem? Pois é, mas basta ligar a TV e vemos cenas muito piores, com muita violência. Os gays só querem o direito de se relacionarem como todas as pessoas o fazem, de forma livre.

A carta original era bem maior, de modo que alguns trechos foram eliminados para adequação ao espaço da seção. São eles: “Leitor assíduo que sou desta coluna, não posso me calar”, “Mas quando isso ocorre entre um homem e uma mulher é considerado expressão do amor!” (após “são proibidos de dar”), “além disso, dentro dos próprios ‘lares’ há violência, brigas, bebedices, traições de parte a parte. Então, me diga, a polícia entra lá para agredir, para restabelecer a moralidade?”, “Os gays desejam apenas ter o direito de se relacionarem como todas as pessoas chamadas “normais”, e como são discriminados são obrigados a tentar criar espaços específicos para si, a fim de evitar a violência e o desrespeito da sociedade, e até nisso estão sendo desrespeitados”, “Há alguns que extrapolam, sim com certeza, mas não é por isso que se deve generalizar. A sociedade tem que aprender que ser gay, não é opção, pois seria ridículo acreditar que alguém escolheria ser isolado de todos, ser maltratado, perseguido! Ser gay é sentir amor, um amor que vem da alma! Espero que aqueles que como o senhor M.O, defendem a violência e truculência como forma de garantir a sua dignidade, consiga com suas atitudes dar o exemplo dessa dignidade! Obrigado”.

Em sua resposta, M.B adotou a mesma estratégia de discurso adotada pelo missivista citado antes dele: apresentar um texto baseado em argumentos, com menos ênfase nos adjetivos e mais nas ações e argumentos, sendo esses amparados por verbos e substantivos. Assim, no plano morfológico, destaque-se o uso de orações curtas com substantivos de forte significado, como “violência”, “dignidade”, “família”, “sociedade”, “direito”, entre outros. Entre os verbos, citemos calar, apoiar, discriminar, proibir, querer, fazer, por exemplo.

No plano pragmático, o missivista quer chamar a atenção dos outros leitores para o preconceito expresso na carta de M.O, colocar sua opinião, que é a de que “Os gays só querem ter o direito de se relacionarem como todas as pessoas o fazem, de forma livre”. Tentar convencê-los a pensar de forma diferente daquela apresentada pelo outro leitor.

Já no plano semântico, M.B visa dizer não ao preconceito contra os homossexuais, repudia a incitação da violência contra aqueles que têm relações sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo, critica a intolerância apontando falhas de conduta que, para ele, são acessíveis até mesmo na programação das emissoras de televisão. E não estão ligadas à orientação sexual: “Pergunto: estas famílias ficam

“assistindo” ao que os gays fazem? Pois é, mas basta ligar a TV e vemos cenas piores, com muita violência”. Ou seja, as “famílias” citadas pelo outro missivista não seriam obrigadas a presenciar quaisquer manifestações de namoro gay pelo fato de morarem perto do Autorama. E, segundo M.B, teriam a violência dentro de suas casas ao ligar a TV.

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma cota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. (FREUD, 2006, p. 116)

Mais uma vez neste trabalho, Freud explica. Os homens não são criaturas gentis. Os leitores missivistas do *Diário de S. Paulo* são homens, logo, não podem ser criaturas gentis. O ataque aos homossexuais na seção de cartas do jornal, que por sinal continua na próxima missiva a ser analisada, é uma prova de que a agressividade, muitas vezes, nos é inerente. E que não faltam pessoas dispostas a querer humilhar e causar sofrimento ao outro. Melhor ainda se isso puder ser feito num espaço público, como um periódico de boa circulação na cidade, por meio do discurso, da argumentação.

Veja-se o texto de M., da capital, autor da terceira missiva cujo conteúdo se refere à sexualidade citada neste trabalho, com publicação em 14 de junho de 2007, em apoio aos leitores M.S e H.L. Desta vez, M. enviou um e-mail para o periódico no dia 17 de março de 2008. Seu texto foi publicado em 29 de março do mesmo ano.

Por que nós, heterossexuais, não fazemos sexo em lugar público, e os gays e lésbicas fazem e, por incrível que pareça, acham isso normal? Na carta “Gays sofrem com discriminação”, publicada em 17/3, M.B reclama da violência policial e da repressão no “Autorama”. Os gays têm direito de se relacionarem, como todas as pessoas o fazem, de forma livre, sim, mas fazer sexo, de maneira depravada no Ibirapuera, isso não. Sexo na rua ou na praça, só para cachorros. Senhor M.B, vamos combinar o seguinte: sexo para nós e para vocês, só em casa, no motel ou em lugar próprio para isso. No Autorama ou em lugar público, não! Quem o fizer vai ter que aguentar o cassetete policial e isso serve para gays, lésbicas ou heteros.

A mensagem original trazia algumas poucas diferenças em relação à forma como foi publicada no *Diário do Leitor*. Vejamos essas mudanças: “Porque nós héteros, ou considerados normais”, “Segundo a carta do Sr. M.B, no dia 17/03, reclama da violência”, “Sexo para nós e para vocês, só em casa, Mothel ou lugar próprio para isso”.

M. mantém o tom do debate iniciado algumas missivas antes na seção. Estrutura seu texto a partir de argumentos que visam convencer os demais leitores. E reverter a argumentação do missivista anterior, M.B, sobre o uso do Autorama como ponto de paquera e namoro gay na capital paulista. M. faz uso de um texto coloquial, em tom de fala, como aliás já havia sido a maioria dos demais em relação ao assunto. Por exemplo: “Os gays têm direito de se relacionarem, como todas as pessoas o fazem, de forma livre sim, mas fazer sexo, de maneira depravada no Ibirapuera, isso não”. Nessa linha, no que se refere ao tom do discurso e à pontuação, além das interrogações, o leitor emprega ainda uma exclamação num momento-chave de seu texto: “No Autorama ou em lugar público, não!”.

Assim, no plano morfológico, M. já abre a carta usando um substantivo a ser destacado nesta análise: “heterossexuais”, empregado estrategicamente da seguinte forma, com o pronome: “Por que nós, heterossexuais, não fazemos sexo em lugar público, e os gays e lésbicas fazem e, por incrível que pareça, acham isso normal?”. Ao escrever “nós, heterossexuais”, o missivista já estabelece uma informação importante para a consolidação da sua fala: heterossexual, ele se separa dos outros sujeitos citados, não age da mesma forma que os “gays e lésbicas” criticados em seu texto, não concorda com a conduta desses que “por incrível que pareça” acham normal fazer sexo em lugar público. Trata-se de uma distinção, de um espaço bem delimitado pelo missivista. De acordo com essa organização do discurso, assim como fez com “heterossexuais”, M. emprega um adjetivo importante quando pondera que “Os gays têm direito de se relacionarem, como todas as pessoas fazem, de forma livre, sim”: depravada, que entra para concluir a oração: “mas fazer sexo, de maneira depravada no Ibirapuera, isso não”. Ou seja, “de maneira depravada” o sexo é condenado pelo leitor. Para ele, o sexo entre homossexuais é assim, por isso não pode ser feito num local público como o Ibirapuera. O leitor não escreveu simplesmente para pedir não ao sexo no parque, mas sim para registra sua posição contra o sexo “de maneira depravada” naquela área. Para ele, “sexo

na rua ou na praça, só para cachorros”, prática que, em sua opinião seria característica apenas dos “gays e lésbicas”. Após as críticas, M. usa o verbo “combinar” para tentar encerrar o seu discurso de forma justa e apaziguadora, para convencer os leitores da seção de cartas do jornal de que quer ser democrático, mesmo que as suas palavras, lá atrás, já tenham expressado intenções diferentes: “Senhor M.B, vamos combinar o seguinte: sexo para nós e para vocês, só em casa, no motel ou em lugar próprio para isso”. Aqui exemplo do que foi colocado no início da missiva, a separação clara entre os dois lados da questão: “para nós e para vocês”. Que o sexo, de ambas as partes, fique restrito a ambientes privados, mas com o detalhe de que o “sexo, de maneira depravada”, é característico de “gays e lésbicas”.

No plano pragmático, M. quer criticar o discurso do missivista M.B, que escreveu para defender o direito ao homossexualismo, pedindo a não repressão policial segundo critérios de orientação sexual. M. reivindica a restrição da intimidade dos casais a locais reservados, evitando a prática do sexo “de maneira depravada” no Autorama.

No plano semântico, M. faz uma crítica ao homossexualismo a partir de um outro discurso em que foi manifestada a defesa, por questões diversas, do sexo entre homossexuais numa determinada área do Ibirapuera. Segundo M, na rua ou na praça, “só para cachorros”. E, quem o fizer, “vai ter que aguentar o cassetete policial”, lógica que serve para “gays, lésbicas e héteros”. Como, de acordo com o leitor, os homossexuais são adeptos do sexo ao ar livre no parque, o cenário em questão, as probabilidades de que o “cassetete policial” seja usado contra esse grupo é maior do que contra os “heterossexuais”. E é assim que as palavras mostram por si mesmas a semântica do discurso.

Para encerrar o debate em torno do homossexualismo entre os missivistas do *Diário do Leitor*, passemos à análise da resposta do leitor M.B ao texto de M sobre a polêmica do Autorama, citada anteriormente. M.B enviou, pelos Correios, uma carta ao jornal em 31 de março de 2008, com publicação em 14 de abril do mesmo ano.

Em relação à carta “Sexo sim, mas entre quatro paredes”, de M, publicada em 29/3, creio que a crítica à minha missiva foi mal

interpretada. Não defendi a prática do sexo em local público nem reclamei da violência policial. Acho que se algum gay, lésbica ou heterossexual estiver praticando tais atos em local público, basta a polícia dar voz de prisão e encaminhar o infrator à delegacia, sem violência, para que se cumpra lei. O que me causa indignação, é que se gays trocam um beijo entre si são considerados depravados e bandidos. Mas quando héteros se beijam, se “alisam” em público, isso é expressão de amor de um casal. Deixemos de ser hipócritas, isto é discriminação aos gays. Penso que os atos sexuais praticados em locais públicos devem ser coibidos na forma da lei, e que os gays deixem de ser “condenados” por praticarem gestos de amor entre si, como um beijo em lugar público.

A carta original de M.B era maior do que o conteúdo publicado no jornal. Citemos os trechos suprimidos durante a edição: “Inicio estas linhas, movido pela publicação do comentário do Sr. M, publicada em 29.03. Primeiramente, espero que o Sr. M da missiva não seja o mesmo que “dirigia” a Mancha Verde, pois se assim for, não haverão argumentos que lhe mostrem que a violência não é o caminho! Acredito que a minha carta foi mal interpretada, pois não defendi, e nem defendo a prática do sexo em locais públicos, apesar de ver isso acontecer no meio heterossexual, sem que haja repressão. Também não “reclamei” da violência policial, já que nunca fui vítima dela. Conheço as leis e sei o que é permitido ou não, e o que pode ou não ser feito em locais públicos”, “Não há necessidade de violência nenhuma”, “Creio que se um filho ou filha sua estiver se beijando e se “abrasando” em um local público, o senhor não gostaria que eles fossem reprimidos com cassetetes”, “os gays tem buscado criar seus espaços para evitarem isso, mas sempre tem um ‘pai de família’, muito zeloso a ‘proteger’ sua prole”, “Entretanto, a TV está ligada, a bebida é utilizada, a traição a esposa (o) é comum, e poderia citar muitos outros exemplos de má conduta, para os quais não é utilizado o cassetete. Acredito que essa forma de ‘controle’ deve ser aplicada somente àqueles que usam da violência, como parece ser o caso do Sr. M! Finalmente, penso que atos sexuais praticados em locais inadequados, como praças ou ruas, devem ser coibidos sim nas formas da lei, e que os gays deixem de ser ‘condenados’ por praticarem gestos de amor entre si, como um beijo em lugar público, porque se assim for, deve-se proibir isso de forma geral, inclusive para os heteros”.

No plano morfológico, M.B usa substantivos que, isolados, constituem a essência de seu discurso, abordam os pontos que ele quer discutir com seu texto: sexo, violência, gay, lésbica, heterossexual, polícia, delegacia, violência, lei, indignação, beijo, expressão, amor, discriminação, lugar. O missivista faz uso de um discurso em tom de desabafo, de revolta em relação à repressão ao namoro gay em locais públicos, com a gradativa exposição dos argumentos. O uso de adjetivos é feito para destacar a “indignação” colocada pelo leitor em trechos como “se gays trocam um beijo entre si são considerados depravados e bandidos” ou “Deixemos de ser hipócritas”. Diferentemente do que acontece com os heterossexuais, segundo as palavras de M.B, os gays são tidos como “depravados e bandidos” se namoram em público, interpretação que, para ele, é uma postura que denota hipocrisia (“Deixemos de ser hipócritas”).

No plano pragmático, M.B quer reforçar seus argumentos em relação à discriminação contra os homossexuais, reivindica a liberdade para o namoro em público entre pessoas do mesmo sexo. E o faz a partir dos pontos apontados pelo missivista anterior em seu discurso, consolidando o debate em pleno *Diário do Leitor*. Para persuadir e se mostrar alinhado com as palavras de M., M.B se mostra de acordo com a repressão da prática de sexo em local público, mas pede que tal controle seja feito sem violência tanto entre heteros quanto entre homossexuais: “basta a polícia dar voz de prisão e encaminhar o infrator à delegacia, sem violência, para que se cumpra a lei”. A estratégia do discurso, nesse ponto, é não bater de frente com o outro lado, mas sim apresentar sua visão a partir de um argumento que sirva para todos, e, na opinião do missivista, seja justo. Isso para, a partir daí, concluir que a repulsa acompanhada do pedido de repressão ao namoro gay em público são, para M.B, frutos do preconceito.

No plano semântico, o objetivo do discurso é pedir o fim do preconceito contra os homossexuais, contra a expressão da orientação sexual de cada um em público, como ocorre com os casais heterossexuais, esses sim, segundo o leitor, livres para manifestar expressões de amor.

A próxima missiva a ser analisada também foi escrita pelo leitor M, um dos participantes do “debate” apresentado nas últimas linhas. Escrevendo da capital paulista, M. enviou, em 20 de outubro de 2008, um e-mail para a redação do *Diário*, com a publicação de seu texto no dia 25 do mesmo mês e ano. Desta vez, M escreve sobre o

caso do sequestro e morte da jovem Eloá por seu ex-namorado, em Santo André, em outubro de 2008.

Só o tempo para mostrar quem errou e quem acertou na educação dos filhos. No caso das garotas sequestradas de Santo André, boa parte da culpa é dos pais, que aceitaram que a Eloá, de 12 anos, namorasse um rapaz de 19 anos. Será que os pais aceitaram o namoro com medo de falar “não”, medo que Eloá ficasse com trauma? Será que acharam que a menininha, de 12 anos, repito, fosse namorar, casar e ser feliz para sempre? Hoje, se os pais negam, os filhos ficam traumatizados. Dar palmadas, então, nem pensar, podem parar na cadeia. No meu tempo não tinha nada disso, pai era pai, era educador. Apanhava quem tinha que apanhar e não existia esse tal de trauma. Do jeito que caminha a humanidade, a educação à antiga era a que estava certa. Graças a Deus meus filhos já estão criados!

Mais uma vez, por meio de um texto coloquial, em tom de conversa com seus interlocutores, M. expõe algumas de suas opiniões sobre a educação que os pais, na opinião dele, deveriam dar aos filhos. M. é cuidadoso com seu texto. Em sua carta, é possível perceber que as orações são curtas e escritas de forma a conduzir o leitor a um debate, a uma linha de raciocínio construída a partir de questionamentos e frases assertivas, de efeito, capazes de chamar a atenção. M. não escreve simplesmente que os pais hoje não batem mais nos filhos, mas elabora a sua ideia a partir de construções como “Dar palmadas, então, nem pensar, podem parar na cadeia”.

Assim, no plano morfológico, percebe-se o uso de substantivos em pontos que estão de acordo com a linha de pensamento apresentada no texto. Por exemplo: “Será que acharam que a menininha, de 12 anos, fosse namorar, casar e ser feliz para sempre?”. O emprego de “menininha”, numa referência a uma pré-adolescente de 12 anos, entra aqui para mostrar como, na opinião de M, os pais cedem muito na hora de educar seus filhos, os tratam de forma infantil, sem muita rigidez. “No meu tempo não tinha nada disso pai era pai, era educador”, escreve o leitor, numa demonstração de que, para ele, a educação atual não educa como antes, como se, atualmente, já não houvesse a lógica do pai que era, de fato, pai. Segundo M, “boa parte da culpa” pela tragédia do caso Eloá “é dos pais que aceitaram que a Eloá, de 12 anos, namorasse um rapaz de 19 anos”. O leitor se refere ao assassino da jovem, seu ex-namorado, sete anos mais velho do que ela. E nesse ponto entra outro substantivo empregado numa situação estratégica:

trauma. “Será que os pais aceitaram o namoro com medo de falar “não”, medo que Eloá ficasse com trauma?”. M vai deixando cada vez mais claros seus argumentos no texto a partir desses usos, passo a passo convencendo, ou tentando convencer, seus interlocutores.

No plano pragmático, trabalhando a partir do gancho do caso Eloá, M pretende fazer uma crítica à educação que os pais dão aos seus filhos hoje, pedir mais rigidez : “No meu tempo, não tinha nada disso, pai era pai, era educador. Apanhava quem tinha que apanhar e não existia esse tal de trauma”. Para ele, “a educação à antiga era a que estava certa”.

Já no plano semântico, além de tentar culpar os pais da jovem sequestrada e assassinada pelo ocorrido, M quer atribuir para si um modelo de educação mais duro e eficiente, uma educação “certa”: “Graças a Deus, meus filhos já estão criados”. Ou seja, M cumpriu sua missão de pai “educador” num tempo em que a lógica que rege e educação atual, segundo ele, ainda não existia.

A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão nos são poupadas. Os benefícios da ordem são incontestáveis. Ela capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para seu melhor proveito, conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas deles. Deveríamos ter o direito de esperar que ela houvesse ocupado seu lugar nas atividades humanas desde o início e sem dificuldade, e podemos ficar admirados de que isso não tenha acontecido, de que, pelo contrário, os seres humanos revelem uma tendência para o descuido, a irregularidade e a irresponsabilidade em seu trabalho, e de que seja necessário um laborioso treinamento para que aprendam a seguir o exemplo de seus modelos celestes. (FREUD, 2006, p. 100)

A ânsia pela ordem, a “compulsão” apontada por Freud de “estabelecer um regulamento” que “decide quando, onde e como uma coisa será efetuada”, pode ser vista no discurso de M., na sua ênfase ao criticar a frouxidão com a qual, segundo ele, os pais orientam seus filhos hoje. O leitor aponta a educação “certa” e agradece a “Deus” o fato de ter educado seus herdeiros em outro tempo, o tempo do pai “educador”. Conforme apontou Freud, nosso missivista não registrou, em seu texto, que

é preciso um “laborioso treinamento” para aprender a seguir “o exemplo de seus modelos celestes”, para viver na mais completa ordem.

A carta a seguir também trata do caso Eloá. A diferença é que, desta vez, o leitor L.N, da capital, escreve para elogiar uma atitude dos pais da jovem: a doação dos órgãos da vítima. O texto de L.N foi enviado ao jornal, por e-mail, em 19 de outubro de 2008, tendo sido publicado no dia 11 de novembro do mesmo ano.

Enquanto atitudes nobres como a dos pais da menina Eloá, que concordaram com a doação de seus órgãos, se contrapuserem às atitudes insanas e violentas como a do algoz de sua filha, ainda haverá esperança para a humanidade. Que a justiça dos homens se aplique com o máximo rigor a esta “besta” que contraria a máxima de quem ama não mata e que possa aliviar nem que seja minimamente a dor dos que conviviam com mais uma vítima inocente.

No plano morfológico, podemos que dizer que na missiva de L.N destacam-se os adjetivos empregados para elogiar a decisão tomada pelos pais de doar os órgãos da filha morta. Vejamos: “atitudes nobres”, “atitudes insanas e violentas”, “vítima inocente”. O assassino da adolescente é citado no texto como “besta”. Depois de apoiar o gesto da família da moça sequestrada e morta em Santo André, L.N pede “a justiça dos homens”, “com o máximo rigor” para o crime. O discurso do missivista é de apoio e vai sendo construído dessa forma: primeiro o elogio, depois o registro de que aquele crime merece ser punido com rigor, de forma a “aliviar nem que seja minimamente a dor dos que conviviam com mais uma vítima inocente”.

No plano pragmático, conforme já foi apontado, L.N faz um elogio à decisão pela doação dos órgãos e pede justiça para o episódio, numa tentativa de confortar os pais da jovem. Já no plano semântico, expressa que, apesar da tragédia, ainda tem “esperança” na “humanidade”, mesmo diante da barbárie envolvida naquele crime passional: “a esta ‘besta’ que contraria a máxima de quem ama não mata”. Seu discurso é um gesto de conforto, acima de tudo.

Por fim, a última missiva selecionada para o tema sexualidade é a da leitora M.A, da capital, sobre a denúncia de abuso sexual por parte do médico Roger Abdelmassih, um dos maiores especialistas em reprodução assistida no Brasil. M.A

enviou um e-mail para o jornal em 14 de janeiro de 2009 e o texto foi publicado no dia 26 do mesmo mês e ano.

Cerca de 30 mulheres que não se conheciam entre si e de diferentes lugares do país resolvem tomar a mesma medida processando o médico Roger Abdelmassih por abuso sexual. Como todo médico famoso, ele tem uma vasta lista de pacientes em meio à qual se destaca um segmento muito especial, que é o da classe artística. Depoimentos à favor do médico partem justamente deste grupo, afinal, é ele que lhe dá sustentação e aconchego na mídia. Pergunto-me se estes artistas – no caso hipotético de serem verídicas as denúncias feitas por estas senhoras – estão seguros de que este médico não teve mau comportamento com as esposas de atores da TV. Já o médico se defende dizendo que não há uma única prova contra si. A meu ver a palavra das denunciantes deve valer tanto quanto a do médico, e são 30 contra 1. Ele é quem vai ter que arrumar as provas para alicerçar a sua defesa.

No plano morfológico, a argumentação da leitora é construída a partir de substantivos e verbos organizados em orações que, em sequência, vão apresentando os desdobramentos do caso, com a opinião da missivista a esse respeito. A exemplo do que já fizeram alguns outros autores de cartas publicadas no *Diário do Leitor*, o texto de M.A não traz muitos adjetivos porque ela defende suas ideias com argumentos, com a colocação de alguns questionamentos em relação à conduta profissional de Roger Abdelmassih.

No plano pragmático, a leitora quer registrar sua desconfiança em relação à defesa do médico por parte das suas clientes famosas, “da classe artística”, dando a entender que, na sua opinião, ele pode sim ter culpa no cartório, ter abusado das cerca de 30 pacientes que o acusam.

Já no plano semântico, M.A defende a ideia de que o profissional pode adotar posturas diferentes no atendimento às mulheres que precisam dos seus serviços, atendendo as famosas de forma diferenciada. Para a leitora, “a palavra das denunciantes deve valer tanto quanto a do médico, e são 30 contra 1”. O trecho, colocado perto do final da carta, faz referência à primeira informação dada pela leitora em sua missiva: “Cerca de 30 mulheres que não se conheciam entre si e de diferentes lugares do país resolvem tomar a mesma medida processando o médico Roger Abdelmassih por abuso sexual”. Ou seja, para M.A, o médico que faz distinção entre as suas pacientes segundo

critérios de fama e anonimato tende a ser culpado. E a leitora deixa isso claro ao encerrar sua argumentação fazendo referência ao ponto central de seu discurso, o “30 contra 1” no episódio em questão.

3.3 POLÍTICA

As cartas com conteúdo político selecionadas para análise se referem a episódios recentes e marcantes da cena nacional. E isso numa esfera que vai do local, a Prefeitura de São Paulo, até a presidência, com críticas à figura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a algumas atitudes de seu ministro, como foi o caso do “relaxa e goza”, recomendação dada pela ex-ministra do Turismo, Marta Suplicy, aos usuários do transporte aéreo no país no auge do caos no setor, em 2007. É importante lembrar que política é o segundo assunto que mais motiva cartas por parte dos leitores do *Diário de S. Paulo*, ficando atrás apenas das reclamações e pedidos referentes a serviços públicos.

O primeiro texto selecionado é o do leitor J. C, que enviou um e-mail para o periódico em 26 de dezembro de 2006, com sua publicação em 4 de janeiro de 2007.

O secretariado do Governo Serra, além de ter somente uma mulher entre 19 homens, os demais 18 compõem o retrato fiel da “elite branca paulista”. Para quem é cotado como potencial pretendente ao Palácio da Alvorada, foi uma atitude destoante da atual tendência do no país em valorizar a mulher e a nova política de inclusão, com nomes que representem as diversas camadas que compõem a população brasileira na administração pública. Senhor Serra, o mito a que lhe foi atribuído (ministro dos genéricos e dos mutirões) é pouco, se comparado à sua passagem pelo Ministério do Planejamento, no governo FH, período das “privatiza-dão” e da URV, que, entre outros males, “surgou” em até 39% dos proventos de mais de 1,8 milhão dos aposentados entre 1994 e 1997, pago somente entre 2004 e 2006, já no governo do presidente Lula.

O e-mail original de J.C continha apenas um trecho que foi eliminado na edição da carta, após “já no governo do presidente Lula”, encerrando o texto: “O povão está de ‘antenas ligadas’”. Feita essa observação, pode-se dizer, para começar, que o texto em questão é, claramente, de opositor ao governador José Serra, que escreve para fazer críticas ao trabalho dele, José Serra. J.C começa sua mensagem criticando o fato de que

o secretariado do governador paulista tem “somente uma mulher”. E complementa a crítica dizendo que essa foi “uma atitude destoante da atual tendência no país em valorizar a mulher e a nova política de inclusão, com nomes que representem as diversas camadas que compõem a população brasileira na administração pública”, para em seguida apontar falhas na conduta do político à frente dos ministérios da Saúde e do Planejamento.

No plano morfológico, o leitor se baseia na apresentação de argumentos para firmar sua opinião, mas não o faz sem adjetivos, ou seja, não deixa de registrar seu ponto de vista por meio de algumas qualificações atribuídas a Serra. Vejamos: “retrato fiel”, “elite branca”, “potencial pretendente” e “atitude destoante”, por exemplo. J.C chega a usar um vocativo para dirigir-se a Serra de forma mais direta, tentar diminuir os méritos a ele atribuídos: “Senhor Serra, o mito a que lhe foi atribuído (ministro dos genéricos e dos mutirões) é pouco, se comparado à sua passagem pelo Ministério do Planejamento, no governo FH, período das ‘privatiza-dão’. Ainda no plano morfológico, merece atenção um neologismo apresentado pelo missivista para criticar as privatizações: “privatiza-dão”. Ou seja, é um recurso a mais para chamar a atenção, para recheiar a mensagem. O desejo de ser escritor, inclusive um escritor capaz de criar palavras novas.

Já no plano pragmático, J.C visa criticar a atuação de José Serra como homem público em diferentes situações, do governo paulista aos ministérios ocupados quando Fernando Henrique Cardoso esteve à frente da presidência.

No plano semântico, pode-se dizer que a crítica a Serra tem por objetivo reduzir os possíveis méritos do político para ressaltar que quem, segundo o leitor, de fato arcou com a conta de algumas medidas do então ministro foi o presidente seguinte: “que, entre outros males ‘surgou’ em até 39% dos proventos de mais de 1,8 milhão dos aposentados entre 1994 e 1997, pago somente entre 2004 e 2006, já no governo do presidente Lula”.

A próxima carta foi escrita pelo leitor D.N, da capital, que enviou um e-mail à redação em 2 de janeiro de 2007, com publicação de sua mensagem em 9 de janeiro do mesmo ano. Desta vez, o político escolhido como alvo foi o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em seu discurso Lula diz não ser populista, fala novamente no pau-de-arara, na redução dos juros, critica as elites da qual faz parte, reafirma que irá destravar a economia e melhorar a distribuição de rendas, geração de empregos, inclusão etc., ou seja, a mesma retórica de sempre. Além desse blábláblá, anuncia a criação de uma nova sigla, PAC- Programa de Aceleração do Crescimento. A questão é que Lula não explicou ao país de onde virão os recursos, quais serão os segmentos prioritários a serem atacados, de que forma e em que prazo irá implementar as transformações prometidas e assim por diante. Como o presidente está em férias – ninguém é de ferro – talvez, tenhamos as respostas algum dia. Vale lembrar, quando da posse do primeiro mandato, o ovo de Colombo era o Fome Zero.

Em sua missiva, D.N acusa Lula de ser “populista” e de apresentar ovos de Colombo ao país a partir do anúncio de determinadas medidas, como o programa Fome Zero: “Vale lembrar, quando da posse do primeiro mandato, o ovo de Colombo era o Fome Zero”. No plano morfológico, chama a atenção o uso da ironia no texto através do emprego de expressões como “a mesma retórica de sempre”, “blábláblá”, “ninguém é de ferro” (após a informação de que o presidente estava de férias naquele momento), “talvez, tenhamos as respostas algum dia”, “o ovo de Colombo era o Fome Zero”, essa última já citada acima. Assim, percebe-se que não basta que o leitor apresente seus argumentos contra a atuação de Lula, é preciso, ainda, que os reforce a partir de tais recursos, chamando a atenção dos demais leitores para a sua argumentação.

Já no plano pragmático, D.N pretende criticar a aplicação de programas pelo governo Lula sem um planejamento mais criterioso: “Lula não explicou ao país de onde virão os recursos, quais serão os segmentos prioritários a serem atacados, de que forma e em que prazo irá implementar as transformações prometidas e assim por diante”. As “transformações prometidas”, ou seja, segundo o leitor, o presidente promete mais do que efetivamente pode oferecer, não anuncia medidas, mas sim “transformações”.

Nessa linha, indo mais a fundo na análise da crítica no plano semântico, pode-se dizer que a missiva de D.N visa registrar que o governo Lula é “populista” e demagogo, prometendo aquilo que não pode cumprir e criando factóides para convencer a população de suas ações, ou seja, seria um governo raso, baseado na “retórica de sempre”, como definiu o leitor.

Passando para o plano da administração municipal, a leitora G.N enviou, no dia 6 de fevereiro de 2007, um e-mail para o jornal com críticas ao prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab. Sua carta foi publicada já no dia seguinte, 7 de fevereiro.

Que coisa feia a atitude de Gilberto Kassab! Não tem estatuto para corrigir esse servidor público que é o prefeito de São Paulo? Cabe lembrar ao prefeito que o cidadão autor das reclamações é pagador de impostos, inclusive pagador do salário do prefeito nervoso! Onde já se viu o representante da principal cidade do país por qualquer coisa agora perder a compostura. O que incomoda nessas atitudes destemperadas do prefeito é que ele está lá por mero descuido (sim! Descuido de quem não tem compromisso com a coisa pública e abandona o cargo para voar, como fez o ex-prefeito José Serra). Rasgaram a Constituição e esqueceram de avisar a população!

A mensagem original da leitora trazia alguns trechos adicionais, tais como: “Esqueceram de avisá-lo da propaganda do TSE: “VOCÊ É O PATRÃO (NO CASO O CONTRIBUINTE)”, “e dá nisso né, um servidor público (sim, porque prefeito e vereador são servidores da cidade, porém desconhecedores do princípio da urbanidade e probidade administrativa)”, “Que esse meio de comunicação seja isento e cumpra o verdadeiro papel de informar o cidadão da cidade que não tem mais o direito de reclamar!”.

No plano morfológico, a leitora critica a atitude do prefeito, que consiste em tratar com rispidez e aos gritos de “vagabundo” o microempresário Kaiser Paiva Celestino, que o abordou durante uma visita a um posto de saúde. E o faz em um texto exaltado, o que pode ser percebido, primeiramente, pelo uso de frases exclamativas, em claro tom de reclamação. Tal ênfase é dada ainda com o apoio de adjetivos que complementam o objetivo do discurso. Vamos a eles: “Que coisa feia a a atitude de Kassab!”, “prefeito nervoso!”, “nessas atitudes destemperadas”. Para a missivista, Kassab é um homem público que perde a compostura “por qualquer coisa”. Vale destacar ainda o uso de verbos que acentuam a bronca dada ao prefeito de São Paulo no *Diário do Leitor*: corrigir (“Não tem estatuto para corrigir esse servidor público que é o prefeito de São Paulo?”), ver (“Onde já se viu o representante”), perder (“perder a

compostura”), incomodar (“O que incomoda nessas atitudes”), rasgar (“Rasgaram a Constituição”), esquecer (“e esqueceram de avisar a população!”).

No plano pragmático, G.N tem por objetivo criticar a atitude de Kassab, que foi rude com um cidadão durante um evento público. Afirmar que o chefe da administração da “principal cidade do país” perde a “compostura” e toma “atitudes destemperadas”.

No plano semântico, podemos dizer que a crítica da leitora vai além e envolve, além do gesto recente do prefeito, a sua própria atuação e chegada à prefeitura. Segundo ela, Kassab ocupava o cargo, naquele momento, ao assumir o posto que era de José Serra, por “mero descuido”, “descuido de quem não tem compromisso com a coisa pública e abandona o cargo para voar, como fez o ex-prefeito José Serra”. É importante destacar que Kassab foi reeleito para o posto nas eleições de 2008.

Ainda sobre o episódio do posto de saúde, vejamos a análise de uma carta que veio para apoiar o chefe da administração municipal da capital. Foi o caso do leitor J.N, da capital, que teve a sua opinião publicada no *Diário de S. Paulo* no mesmo dia em que G.N: 7 de fevereiro de 2007. A exemplo de G.N, ele também tinha enviado um e-mail para a redação do jornal no dia anterior, 6 de fevereiro.

Quero expressar meu apoio à atitude do prefeito, reagindo com indignação a uma manifestação inoportuna e inadequada. Kassab tem agido com firmeza em suas decisões, mesmo que estas causem descontentamento a setores localizados. Porém, prioriza o coletivo. Isso é o que importa. O prefeito é autêntico, não esconde seus sentimentos, demonstrando transparência difícil de se ver na administração pública. Espero que a população saiba valorizar atos de coragem a seu favor.

Na mensagem original, o missivista escreveu “Reitero a minha solidariedade e espero que a população saiba valorizar atos que coragem que vêm a seu favor”, encerrando dessa forma o seu texto.

Feita essa observação e passando à análise da carta, pode-se dizer que, no plano morfológico, J.N registra o seu apoio a Kassab com palavras firmes, sejam substantivos ou adjetivos, como, por exemplo, “apoio”, “atitude”, “indignação”, “manifestação”, “firmeza”, “decisões”, “coletivo”, “transparência” e “coragem”, no primeiro caso e

“inoportuna”, “inadequada” e “autêntico”, no segundo. O texto não poderia ser mais claro: “Quero expressar o meu apoio”, “Isso é o que importa”, “O prefeito é autêntico, não esconde seus sentimentos” e assim por diante.

No plano pragmático, J.N pretende dizer que, ao contrário de muitos leitores, viu “firmeza” e autenticidade no gesto do prefeito quando esse discutiu com um cidadão durante um evento público.

Indo mais além, é possível afirmar, no plano semântico, que o leitor defende homens públicos que agem de forma autoritária, firme, desde que esses priorizem “o coletivo”, sejam autênticos, não escondam seus sentimentos, demonstrem “transparência difícil de se ver na administração pública”. Nosso interlocutor espera que “a população saiba valorizar atos de coragem a seu favor”. Uma voz de apoio à figura do caudilho/coronel/líder ainda tão presente na cena política brasileira. E no imaginário de muitos cidadãos.

A próxima missiva a ser analisada aborda um outro caso polêmico da cena política em 2007: a declaração da então ministra do Turismo, Marta Suplicy, de que, diante do caos aéreo que tomou o país após o acidente da TAM no Aeroporto de Congonhas, São Paulo, os passageiros deveriam “relaxar e gozar” quando tivessem problemas com seus voos, não esquentar a cabeça diante do assunto. A carta foi escrita pelo leitor S.B, da capital, que enviou um e-mail para a redação em 14 de junho de 2007, com publicação já no dia seguinte, 15 de junho.

A “ministra” Marta Suplicy, no melhor estilo de seus tempos de sexóloga em programas de TV, parece que não entendeu que seu ministério é o do Turismo, e não do Turismo, Lazer e Prazer. Desculpas em notas de imprensa soam inúteis diante de sua declaração. Como se não bastasse o sofrimento dos brasileiros nos aeroportos, por conta da mais absoluta inépcia das autoridades, a “ministra”, outra vez, ratifica sua completa falta de respeito, lembrando episódios recentes, com a mesma espontaneidade, a exemplo da famosa “dança da pizza”, da petista Angela Guadagnin, no Congresso. Políticos como esses, que não têm um mínimo de elegância e bom senso ao darem declarações, devem ser varridos da política pelo voto popular.

No plano morfológico, o texto de S.B chama a atenção, de saída, pelo uso de um recurso específico que parece estar de acordo com tudo aquilo o que ele quer dizer: o emprego de aspas para marcar o cargo ocupado por Marta Suplicy naquela época. Assim, o leitor escreve “ministra” ao invés de ministra simplesmente, numa atitude de questionamento da capacidade dela para exercer a função. Para S.B, Marta Suplicy não é ministra, mas “ministra”. Ou seja, em seu discurso, o leitor questiona se ela de fato estava habilitada para tanto. Para ele, ela não merecia ser chamada de ministra sem aspas. As palavras e orações de S.B são organizadas de forma a compor um perfil da “sexóloga” que, quando “ministra”, age com “completa falta de respeito” e “com a mesma espontaneidade” de figuras políticas como a “petista Angela Guadagnin”, que ficou conhecida pela “dança da pizza”. Além dos já citados “ministra” e “sexóloga”, destaquemos substantivos como “estilo”, “tempos”, “programas”, “TV”, “ministério”, “turismo”, “lazer”, “prazer”, “desculpas”, “imprensa”, “sofrimento”, “respeito”, “política”, “voto”. E o adjetivo “inúteis” colocado após a citação de que a titular do Ministério do Turismo naquele momento havia pedido “Desculpas em notas de imprensa”.

No plano pragmático, o leitor quer criticar a postura de Marta Suplicy naquele episódio, deixar claro que, para ele, ela é “ministra”, com aspas que marcam a avaliação negativa que faz dela. Já no plano semântico, podemos dizer que S.B ultrapassa a linha da crítica pontual, ligada a um episódio específico, para criticar a postura de políticos que, para ele, não têm “elegância” e “bom senso”, agem com “completa falta de respeito”. Tanto que, além de Marta Suplicy, o missivista cita a petista Angela Guadagnin em seu texto, a senhora da “dança da pizza”. Concluindo sua avaliação do caso, o leitor afirma que “políticos como esses”, em sua opinião, “devem ser varridos da política pelo voto popular”.

Além dos atos, gafes e grosserias cometidos por mulheres e homens públicos, até mesmo fatos como a tragédia com o Airbus da TAM, em 17 de julho de 2007, no Aeroporto de Congonhas, são analisados sob um prisma político por alguns missivistas do *Diário de S. Paulo*. O avião caiu num galpão da própria empresa após uma aterrissagem mal sucedida, explodindo em seguida. Assim, passemos à análise da carta

do leitor T.L, de São Caetano do Sul. Ele enviou um e-mail para o jornal, com publicação de seu texto em 20 de julho de 2007.

O acidente com o voo 3054, da TAM, é algo que era previsível depois do que aconteceu no ano passado com o avião da Gol, que desencadeou o apagão aéreo. De lá para cá, pouca coisa mudou. O que vemos é a total ineficiência e má gestão pública dos que deveriam ter a responsabilidade de fiscalizar e investir em infra-estrutura dos aeroportos e do sistema aéreo no país. Tivemos CPIs que não deram em nada, o “relaxa e goza” de Marta, Mantega culpando a prosperidade do país pelo caos, Lula dizendo: “Quero prazo, dia e hora para o fim do problema” e passageiros mofando nos aeroportos. Quem será responsabilizado por essa última tragédia? Se é que será a última...

A mensagem original de T.L continha algumas frases a mais, como “que vitimou mais de 190 pessoas”, após a citação do acidente da TAM, “matando 154 pessoas”, depois da referência à tragédia com o avião da Gol, “em 31/03/2007, ao ser entrevistado, o presidente Lula disse”, antes das aspas do presidente e “O avião é o meio de transporte mais seguro do mundo, exceto no Brasil”, antes do questionamento sobre quem seria responsabilizado pela tragédia.

Em seu texto, o leitor ambienta o cenário pré-tragédia de Congonhas ao apontar vários erros administrativos que teriam levado à queda daquele avião. E compõe esse cenário a partir de orações compostas por informações, por argumentos, mais que por juízos de valor. Assim, no plano morfológico, temos o uso de substantivos apoiados por adjetivo em momentos importantes do texto, como “total ineficiência” e “má gestão pública”, por exemplo. Entre os verbos escolhidos por T.L, estão alguns que passam bem essa relação entre causa e consequência: “aconteceu”, “desencadeou”, “mudou” (“pouca coisa mudou”), “deveriam” (“ter a responsabilidade”), “fiscalizar”, “investir” (“investir em infra-estrutura”), “deram” (“não deram em nada”), “relaxa e goza” (“de Marta”), “culpando”, “dizendo” (“Lula dizendo”), “mofando” (“passageiros mofando”). Ou seja, para o nosso missivista, as autoridades não fiscalizam, investem ou são responsáveis pela segurança de voo no país, pelo contrário, fogem do problema culpando outros fatores, dizendo aquilo que não vão fazer depois, orientando os passageiros com problemas nos aeroportos a “relaxar e gozar”.

No plano pragmático, T.L quer registrar sua opinião de que o acidente com o Airbus da TAM já era “previsível” devido a uma série de falhas de ordem administrativa.

No plano semântico, o leitor vai além da tragédia em si e alcança o plano político em seu discurso ao apontar, nominalmente, dois representantes do Governo Lula naquele momento, além do próprio presidente: Marta Suplicy e Guido Mantega. Diz que o presidente era pura retórica ao dizer “Quero prazo, dia e hora para o fim do problema” ao mesmo tempo em que os passageiros continuam “mofando” nos aeroportos. Completando a crítica, T.L faz um questionamento: “Quem será responsabilizado por essa última tragédia?” E encerra sua carta com três pontos, para que seus leitores continuem pensando naquilo que ele, concretizando seu desejo autoral ao obter um espaço no *Diário do Leitor*, escreveu: “Se é que será a última...”

Vejamos agora o texto do leitor O.B, da capital, que escreveu para o periódico a fim de comentar o uso dos cartões corporativos do governo federal para fins pessoais por parte de funcionários públicos de escalões variados, incluindo ministros de estado. O.B enviou um e-mail para o jornal em 13 de fevereiro de 2008, com publicação em 3 de março do mesmo ano.

A festa dos cartões corporativos faz o povo pensar como seria bom ter um desses. Podemos listar os 11 mandamentos dos políticos: 1) Usar o cartão de crédito para pagar contas pessoais desde que seja dinheiro público. 2) Falar que tudo isso será investigado, já que caiu no conhecimento do povo. 3) Falar que culpados serão investigados. 4) Dizer que as pessoas que aproveitaram deste recurso não sabiam que era irregular. 5) De preferência, sacar direto na boca do caixa, em dinheiro. 6) Usar o dinheiro em proveito próprio, mas não declarar para o Fisco. 7) Afastar-se do cargo para não levantar suspeitas. 8) Continuar no partido com outras atribuições e ser perdoado. 9) Acreditar que a imunidade está a nosso favor, nós é que fizemos as leis. 10) Falar na TV que “fulano, beltrano e sicrano” estão sendo perseguidos. E o principal de todos: 11) E o povo que se dane, que continue a acreditar em coelho da Páscoa.

Em relação ao original, o conteúdo publicado continha apenas o emprego de “etc, etc, etc” ao final, encerrando a carta. O desejo autoral é claro no texto de O.B. Em sua interação com o jornal, a fim de registrar uma crítica ao uso do cartão corporativo, o

missivista o faz a partir de um texto construído de forma muito pessoal, longe do padrão da carta simples, feita para emitir uma opinião de forma mais objetiva. Sim, nosso leitor quer emitir uma opinião, mas o faz a partir da sua lista dos “11 mandamentos dos políticos”, usando da ironia, de um discurso diferenciado, mais elaborado, digamos assim. O.B é o autor dos “11 mandamentos dos políticos”, não tirou essa expressão de nenhum lugar. Construiu-a ele mesmo.

Assim, no plano morfológico, o texto é baseado em verbos distribuídos em orações afirmativas, que apontam como os políticos devem agir. Alguns exemplos: “Usar cartão de crédito para pagar contas pessoais desde que seja dinheiro público”, “Falar que os culpados serão investigados”, “Usar o dinheiro em proveito próprio”. Dessa forma, predominam as ações descritas no texto, num encadeamento que leva os leitores da seção de cartas do jornal a elaborar eles mesmos, no ato da recepção, as qualificações que merecem ser atribuídas a políticos que agem de forma desonesta. É com uma oração afirmativa, inclusive, que o missivista encerra a sua carta: “E o povo que se dane, que continue a acreditar em coelho da Páscoa”. Não há adjetivos, mas o leitor/ autor/ missivista expressa a sua indignação ao escrever que o “povo” acredita em “coelho da Páscoa”.

No plano pragmático, O.B critica a postura dos políticos que fazem uso do dinheiro público através de subterfúgios como o pagamento de contas pessoais com cartão corporativo, autorizado apenas para quitar débitos de caráter administrativo, digamos assim.

No plano semântico, pode-se dizer que a crítica de O.B é feita a partir da descrição do modo como operam essas figuras, que parecem seguir um script, ou lista de mandamentos, os “11 mandamentos dos políticos”, melhor dizendo. Fazendo uso de ironia, conforme já foi exposto anteriormente, o missivista conclui seu raciocínio afirmando que tais comportamentos são possíveis, e se repetem a ponto de virarem “mandamentos”, por que o “povo” é passivo, fácil de ser enganado, aceita tais atitudes. O desejo autoral de O.B com sua missiva é claro e baseado no fazer persuasivo a partir de atos argumentativos.

Em primeiro lugar, essa diferença poderia ser involuntária. Duas correntes críticas postulam isso. A psicanálise diz que a escritura contém projeções inconscientes do autor real; logo o autor implícito seria a imagem construída pelo texto que revelaria, de maneira involuntária, a personalidade inconsciente do autor. (FIORIN, 2008, p. 64)

Nosso leitor missivista, com desejo autoral, tem sua imagem de escritor construída a partir do que o texto revela; há habilidade em apresentar uma carta diferenciada em relação às demais, que visam emitir uma opinião de forma mais objetiva, direta. Do discurso que revela, de forma involuntária, a personalidade do autor, como apontou Fiorin.

Passemos agora à carta de G.S, do Guarujá, litoral paulista. O leitor enviou um e-mail ao jornal, no qual faz uma defesa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 25 de março de 2008, com publicação em 5 de abril do mesmo ano.

É lamentável como tantos brasileiros desqualificam o presidente Lula, alegando semi-analfabetismo ou ignorância, sendo que o ex-presidente Lech Walesa, da Polônia, tendo origens semelhantes às do presidente Lula, pôde levantar aquele país “do fundo do poço” a um patamar de igual para igual com outros países da Europa. Isso, a meu ver, é algo que não se aprende na universidade: isto é vivência e capacidade de se relacionar com os diferentes.

A partir de um texto curto e, a exemplo da maioria das outras missivas, bastante factual, G.S expressa sua discordância em relação aos críticos de Lula, aos que “desqualificam” o presidente pelo fato de este não ter estudado além do chamado primeiro grau de ensino.

Desta forma, no plano morfológico, o leitor constrói um texto com mais verbos e substantivos do que com adjetivos. Alguns exemplos de verbos: desqualificar, alegar, ser, ter, poder, aprender, relacionar-se. Substantivos: brasileiros, presidente, semi-analfabetismo, ignorância, origens, país, patamar, Europa, universidade, vivência, capacidade. É como se, lidos de forma isolada, verbos e substantivos pudessem falar por si sós, expressar aquilo que o missivista em questão quis dizer.

No plano pragmático, G.S quer deixar claro que não concorda com os críticos da pouca escolaridade de Lula. No plano semântico, indo mais fundo na análise, conclui-se que esses mesmos críticos têm seus argumentos derrubados pela analogia com o desempenho de Lech Walesa à frente da presidência da Polônia, país que teria saído “do fundo do poço” a um “patamar de igual para igual com os outros países da Europa”. Isso porque “isto é vivência e capacidade de se relacionar com os diferentes”.

No que diz respeito à competência interdiscursiva, com seus conhecimentos culturais e ideológicos, em determinados tipos de discursos é enfatizada sua dessemelhança (como no discurso polêmico), enquanto em outros é posta em relevo sua similitude (como no discurso cúmplice, em que se procura confirmar um consenso prévio). (FIORIN, 2008, p. 33)

Na tentativa de confirmar um consenso prévio é que G.S faz um paralelo entre Lech Walesa e Lula. Para ele, quem conhece o exemplo do polonês há de refletir sobre a hipótese de que competência administrativa não necessariamente tem relação com formação escolar.

Outra figura citada nas cartas ligadas a conteúdos políticos é o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin. A leitora R.G, por exemplo, o citou em carta publicada em 13 de outubro de 2008, nas proximidades das eleições para a prefeitura paulistana, realizadas no mesmo ano. Se texto foi enviado ao jornal, por e-mail, em 7 de outubro de 2008.

Parabenizo Geraldo Alckmin pela digna campanha alicerçada por valores éticos e realizada pela militância nas ruas. Alckmin, com seus 1,5 milhão de votos, ajudou a eleger a maior bancada do PSDB, com 13 vereadores, mesmo que a maioria não tenha sido fiel ao partido e nem a Geraldo, mas que beneficiaram-se por ele ser um grande puxador de votos. Alckmin provou ser um fiel soldado do PSDB, numa guerra desigual contra várias máquinas eleitorais, mas com o apoio dos verdadeiros tucanos do partido. Mesmo sem se eleger, terminou sua campanha de cabeça erguida, pois se valeu da ética e da fidelidade partidária, ao contrário de outros. Eleição se ganha ou se perde, mas nestas eleições municipais, a meu ver, ganhou o oportunismo e perdeu o PSDB e o povo de São Paulo.

Para R.G, o *Diário do Leitor* foi um canal para parabenizar Geraldo Alckmin pela sua participação na disputa pela prefeitura da capital paulista em outubro de 2008,

da qual saiu vitorioso Gilberto Kassab, que concorria à reeleição. E criticar o partido do ex-governador, o PSDB, por não tê-lo apoiado como devia. Assim, R.G elaborou um texto dedicado, exaltando as qualidades que vê no tucano. Tanto que, do ponto de vista morfológico, pode-se dizer que chama a atenção, na carta, o volume de adjetivos empregado para compor o cenário de apoio a Alckmin. Vejamos: “valores éticos”, “fiel ao partido”, “grande puxador de votos”, “fiel soldado do PSDB”, “verdadeiros tucanos”. Além dos adjetivos, a leitora adota outras nuances no texto para qualificar seu candidato, ao afirmar que ele encerrou sua campanha “de cabeça erguida” já que “se valeu da ética e da fidelidade partidária”.

No plano pragmático, a leitora quer registrar que, apesar de toda a falta de apoio, Alckmin conseguiu fazer uma boa campanha. E o faz através do desejo autoral, nesse caso, de dizer ao mundo que ele era o seu candidato, a melhor opção, segundo ela, para a disputa. Tanto que o texto já começa com uma referência ao político: “Parablenizo Geraldo Alckmin”. E termina com o registro da opinião da missivista: “a meu ver, ganhou o oportunismo e perdeu e o PSDB e o povo de São Paulo”. Ou seja, a missivista é a autora que fala diretamente ao seu destinatário, o que poderia ser feito através do envio de uma carta ao próprio, com a diferença de que no *Diário do Leitor* isso é feito para a coletividade, o seu texto chega a muitos. Como chega o texto de um autor.

Já no plano semântico, entende-se que o apoio maior a Alckmin inclui uma crítica à postura de seu partido, o PSDB, envolto numa “guerra desigual contra várias máquinas eleitorais”. Assim, o candidato derrotado teve apenas o apoio dos “verdadeiros tucanos”. Trata-se de uma referência ao fato de que, no pleito em questão, o partido se dividiu, numa espécie de apoio velado à candidatura de Gilberto Kassab, do DEM, à reeleição. Alckmin não teria vencido, entre outros motivos, porque, “ao contrário de outros”, teria sido ético. E não se rendido ao “oportunismo” que, segundo R.G, imperou naquela eleição.

De acordo com os secretários gráficos do *Diário de S. Paulo*, responsáveis pelo recebimento, edição e publicação das cartas, conforme já foi explicado anteriormente, missivas como a da leitora R.G costumam aparecer com mais frequência em períodos

eleitorais, embora não existam estatísticas que mostrem a real dimensão desse aumento no período incluído neste trabalho.

Para encerrar a análise dos textos de conteúdo político, vejamos a carta do leitor T.L, de São Caetano do Sul, que inclusive já teve outra missiva analisada neste tópico. Desta vez, T.L, que por sinal é um assíduo leitor/missivista do jornal, aborda as relações entre o governo de Luiz Inácio Lula da Silva e o PMDB. Sua carta foi publicada em 10 de fevereiro de 2009.

Não resta dúvida que com a vitória de Michel Temer na Câmara dos Deputados e de José Sarney no Senado, o PMDB, maior partido do país, ficou ainda mais fortalecido para 2010. Claro que o PMDB é uma federação de partidos dentro da mesma legenda, mas, com a vitória dos dois peemedebistas, o partido venceu a disputa fazendo, barba, cabelo e bigode. Só falta agora o partido assumir a cadeira de Lula? De uma coisa tenho certeza, a barganha em torno de mais poder para os apadrinhados vai ser recorrente de hoje em diante. Lula que vá botando as barbas de molho, que muitos pedidos virão por aí.

T.L expõe sua crença no maior poder do PMDB junto ao governo após as vitórias de Michel Temer e José Sarney na Câmara dos Deputados e no Senado, respectivamente. E o faz através de um texto irônico, escrito sim com a intenção de dar seu recado fazendo graça, chamando a atenção dos demais leitores. Esse é o seu trunfo para manifestar seu desejo autoral.

Assim, no plano morfológico, observemos o uso de verbos distribuídos em orações de caráter afirmativo. São eles: restar, ficar, ser, vencer, assumir, ir, vir. Não há adjetivos, já que a intenção aqui é exhibir argumentos.

No plano pragmático, T.L quer externar sua avaliação de que, “ainda mais fortalecido”, o PMDB fez “barba, cabelo e bigode”. E questiona: “Só falta agora assumir a cadeira de Lula?”.

Já no plano semântico, o leitor quer afirmar, na verdade, que tamanha expansão significa que “a barganha em torno de mais poder para os apadrinhados vai ser recorrente de hoje em diante”. Ou seja, que o PMDB vai estender ainda mais seus domínios sob o governo federal, alimentando o toma lá dá cá da política nacional. E até

dá um aviso a Lula: “que vá botando as barbas de molho, que muitos pedidos virão por aí”.

3.4 AS DEMANDAS DO LEITOR NO JORNAL

Entre outros objetivos, este trabalho se propunha a observar se as cartas dos missivistas do *Diário de S. Paulo* lançavam novos temas na agenda do jornal. Se essas respostas dos receptores ajudavam a diversificar o trabalho dos jornalistas, a produzir reportagens diferenciadas, mais focadas nos interesses dos leitores. Para chegar a tal constatação, foram analisadas as edições do jornal nos sete dias seguintes à publicação de cada uma das 30 cartas aqui destacadas. O objetivo era descobrir se, nesses períodos, seria possível identificar, de alguma forma, a influência desses textos nas páginas do periódico.

Em linhas gerais, é possível afirmar que as missivas referentes a religião, sexualidade e política, assuntos escolhidos para este trabalho, não geram, pelo menos de forma direta, novos temas para a agenda do jornal. Acontece que, em diferentes ocasiões, que serão apontadas nas próximas linhas, as cartas estão em sintonia com as notícias daquele momento específico. Ou seja, os leitores estão pensando naquilo que o jornal anda oferecendo em suas páginas mesmo. Conteúdos que fariam parte das edições do *Diário de S. Paulo* de qualquer maneira.

Para exemplificar essa tendência, podemos citar a carta da leitora J.D, publicada no *Diário do Leitor* em 11 de maio de 2007, sobre a presença do Papa Bento XVI em São Paulo naquele período. No dia seguinte à publicação da missiva, 12 de maio de 2007, o assunto ocupou a página A3 do jornal, a mais importante do primeiro caderno, com a seguinte manchete: “1,2 milhão assistem canonização”, sobre a missa de canonização de Frei Galvão, ministrada pelo líder máximo do catolicismo na capital paulista. A cobertura da passagem de Bento XVI se estendeu até a página A13 naquele dia. E mereceu destaque no jornal até 15 de maio, quando o papa inclusive já tinha ido embora do Brasil. Nesse dia, a manchete de abertura da página A8 foi “Público poderá visitar quarto que hospedou o Papa em Aparecida”. Assim, não se pode negar que a pauta apresentada por J.D esteve na agenda do *Diário de S. Paulo*. Só que a passagem

do religioso pela cidade era presença certa no periódico independentemente disso, não poderia ser ignorada num país onde a maioria da população é católica. Trata-se, portanto, de um caso de sintonia. Não de lançamento de um tema novo a ser aproveitado. Até porque aquele já era um tema “obrigatório”.

Vejamos também a carta do leitor G, que escreveu em 19 de abril de 2008 sobre o caso Isabella Nardoni e teve seu texto publicado em 1º de maio do mesmo ano. O assassinato, na cidade, de uma menina de cinco anos arremesada pela janela do sexto andar que tem como principais suspeitos seu pai e sua madrasta não passaria incólume em jornal algum. Assim, independentemente das manifestações dos leitores, o assunto entraria na pauta do periódico em questão. Nesse contexto, a missiva de G é destacada aqui pelo fato de ter levantado um ponto específico da tragédia da Zona Norte: a atitude do pai diante da morte da filha. Ele escreveu: “O pai, sempre nosso herói, às vezes pode ser bandido...O pão lhe foi negado, o amor também...”. No dia seguinte à publicação da carta, a página A3 do *Diário de S. Paulo*, que conforme já foi citado anteriormente é a mais nobre do periódico, trouxe a seguinte manchete: “Alexandre ficou ‘inerte’ vendo a filha ser asfixiada pela mulher”. Tem-se aqui mais um caso de sintonia. O missivista destacou a posição de Alexandre Nardoni no crime policial mais impactante do ano e, coincidentemente, as novidades nas investigações da polícia naquele dia apontavam para o seu comportamento na hora do assassinato.

Também sobre o caso Isabella, o leitor M. escreveu ao jornal em 22 de abril de 2008, tendo seu texto publicado no dia 26 do mesmo mês e ano. Seu texto traz uma crítica ao “sensacionalismo exacerbado” na cobertura do caso. Um dia depois, em 27 de abril, uma reportagem da página A4 trazia o seguinte título: “Lula critica excesso de ‘pirotecnia’”. O texto trazia uma crítica do presidente ao estardalhaço provocado pelo caso tanto no âmbito policial quanto do ponto de vista da cobertura da imprensa. Se o material tivesse sido produzido por algum jornalista do *Diário de S. Paulo*, poderia ser um caso de direcionamento, de cartas lançando temas para o jornal. Mas, como a reportagem foi feita pela equipe de *O Globo* (os dois periódicos, pertencentes à mesma empresa, eventualmente trocam notícias) trata-se de mais um caso de sintonia entre jornal e leitor, não de influência propriamente.

Nessa mesma linha de sintonia e casualidade pode ser apontado um exemplo na cobertura do sequestro e morte da jovem Eloá, em Santo André. O leitor M escreveu ao jornal sobre o assunto em 20 de outubro de 2008, com publicação de sua mensagem em 25 de outubro. Em sua carta, M faz uma crítica aos modelos atuais de educação dos filhos, afirmando que, no caso Eloá, “boa parte da culpa é dos pais”. Um dia depois, 26 de outubro, a página A8 do periódico traz como manchete “Mãe de Eloá quer ser indenizada”. São repercussões, desdobramentos “naturais” do caso, nada que tenha relação direta com a exposição pública do posicionamento do leitor.

Assim ocorreu também com a missiva de M.O, enviada em 10 de março e publicada em 13 de março, com ataques à postura da Igreja católica diante da excomunhão da família e dos médicos da menina pernambucana que fez aborto após engravidar, de gêmeos, do padrasto. Uma Igreja que, para ele, “se consome por dentro, pusilânime, jurássica, aterrorizante”. Dois dias depois, em 15 de março, a página A13 do jornal trouxe a seguinte reportagem, escrita por profissionais da *Agência Globo* em Roma, na Itália: “Vaticano ataca excomunhão no Brasil”.

Como se percebe, não há relação direta entre as colocações dos missivistas e a produção e publicação de reportagens sobre religião, sexualidade e política no período analisado. Dessa forma, o leitor do *Diário de S. Paulo* nunca é ouvido de forma pró-ativa, ou seja, de modo a influenciar reportagens? Não é bem assim. A diferença é que, no cotidiano da redação, merecem destaque as cartas, faxes, e-mails e ligações telefônicas que apontem problemas da cidade, questões pontuais e objetivas, que rendam bons “abres de página”, como se costuma dizer no jargão jornalístico. Se o leitor denuncia um problema grave de falta d’água em sua rua há uma semana, por exemplo, muito provavelmente algum repórter irá até o local averiguar a situação. Caso o mesmo leitor escreva dizendo que se preocupa com a escassez de água no planeta daqui a 50 anos, suas chances de lançar um tema na agenda do jornal são menores. Vale lembrar ainda que, conforme já foi exposto anteriormente, as cartas referentes a reclamações e pedidos de melhoria de serviços públicos são maioria entre as missivas enviadas para um jornal popular como é o caso do veículo em questão. Uma

constatação que certamente poderá servir de inspiração para futuros trabalhos de pesquisa.

3.5 O LEITOR IMERSIVO DO DIÁRIO

Criado em outubro de 2008, o *Blogão do Diário* (www.diariosp.com.br) é formado por 13 blogs alimentados por jornalistas do periódico. São espaços que abordam assuntos como comportamento, lazer, esportes, religião, gastronomia e música, entre outros. Desses, três oferecem conteúdo noticioso propriamente dito em vez de resenhas, comentários e textos opinativos de modo geral. São eles: *É Cada Coisa!*, de notícias bizarras, *Emprego e Talento*, sobre vagas de trabalho e desenvolvimento profissional e o *Blog dos Aposentados*, com notícias de interesse da categoria, principalmente aquelas relativas a leis e eventuais mudanças na legislação. Assim, devido a esse caráter de notícia, digamos, os três serão usados aqui para exemplificar a postura do leitor imersivo dos conteúdos do *Diário de S. Paulo* veiculados na internet. Para tanto, serão destacados os textos que mais geraram comentários em cada um desses canais, com o registro das reações dos leitores.

Começando pelo *Blog dos Aposentados*, que entrou no ar depois dos outros, em 23 de abril de 2009, o post de inauguração do espaço, “Novidade para os aposentados”, foi o mais comentado até o dia 10 de junho de 2009, com três opiniões de leitores. O canal é de responsabilidade das jornalistas Karina Lignelli e Larissa Morais.

A partir de hoje, o leitor do DIÁRIO tem mais uma alternativa de informação sobre Previdência e o mundo dos aposentados. Este blog trará notícias com frequência sobre ações do INSS, mudanças nas regras de aposentadoria, atividades de sindicatos e associações de aposentados, entre outras atrações. Sejam bem-vindos!

Passemos agora aos comentários. O primeiro deles deixado em 25 de abril pelo internauta R.C, às 19 horas e 40 minutos: *Achei uma grande oportunidade para os aposentados como eu que gostam de notícias e ficar ligado no que diz a respeito. Valeu.* O segundo registro é do leitor V.S e entrou no ar também no dia 25 de abril, às 21 horas e 56 minutos: *Achei, uma boa ideia a criação desse blog para os problemas da*

categoria. Vejamos a terceira manifestação referente ao texto, da leitora M.S, deixado em 17 de maio de 2009, à 1 hora e 13 minutos.

Vocês estão de parabéna! Até que enfim alguém pensa em nós aposentados, pois sempre somos esquecidos, principalmente pelo nosso Presidente, que antes de ser eleito prometeu mundos e fundos para nós e agora além de nos dar um reles 5% de aumento por ano ainda tem a capacidade de vetar o que foi aprovado na Camara. É um absurdo! Mas ainda bem que tem pessoas dignas que ainda pensam em nós, pobres coitados!

Aqui já é possível perceber claramente as marcas do leitor imersivo, aquele que lê pela internet, que vivencia uma nova relação com a leitura, de caráter mais imediato e interativo, conforme já foi visto no primeiro capítulo deste trabalho. Em comparação com as cartas publicadas no *Diário do Leitor*, um traço chama a atenção em primeiro lugar: o tamanho dos textos, bem mais curtos quando voltados para a publicação na internet. No blog citado, os internautas dão seu recado de forma objetiva, mais direta e efêmera, como se fosse preciso continuar navegando, visitando outros espaços, sem muito tempo a perder. O leitor imersivo não tem muito tempo a desperdiçar, mas, ao mesmo tempo, se deixa guiar pelas possibilidades da leitura, pelo link que chama a sua atenção entre um texto e outro. E assim segue o seu curso, sem roteiro pré-definido.

O pouco cuidado com a correção da escrita pode ser citado como prova dessa efemeridade e agilidade do leitor imersivo. Não que os leitores missivistas não cometam erros de ortografia e gramática, o que já foi visto na citação dos trechos originais das cartas, mas, na internet, tal característica é mais acentuada. Alguns exemplos extraídos dos comentários acima: “que gostam de notícias e ficar ligado no que diz a respeito”, “Achei, uma boa ideia”, “Vocês estão de parabéna!”. São erros básicos, de concordância e digitação, que teriam facilmente sido descobertos caso tivessem sido revisados depois de escritos. O leitor imersivo, nesse caso, escreve e vai embora, registra a sua opinião e parte para o site seguinte. Uma observação importante: o blog em questão é o *Blog dos Aposentados*, que, em tese, tem como público-alvo pessoas de mais idade, ou seja, leitores com menos afinidade com a leitura imersiva do que os internautas mais jovens, acostumados a lidar com o ciberespaço há mais tempo. Tanto que o último comentário apresentado, da leitora M.S, até poderia ser publicado no *Diário do Leitor*, pelo perfil

do texto apresentado, mesmo com o “parabéna!” que prova a velocidade da escrita em meio virtual.

Em qual condição se pode verificar a efetivação de processos identitários desvinculados da tutela da essencialidade e da unicidade, a totalidade e da universalidade, da estabilidade e da perdurabilidade, da ordem, da coesão e da harmonia? Justamente no universo dos fenômenos, fatos, processos e tendências da cibercultura. (TRIVINHO, 2007, p. 384)

A desvinculação da tutela da essencialidade e da unicidade apontada pelo autor pode ser observada entre os leitores imersivos do *Blogão do Diário*. Até mesmo no *Blog do Aposentado*, como pudemos observar acima. Não há coesão, ordem, harmonia nesses casos. E isso é próprio da cibercultura.

Passando para o blog *Emprego e Talento*, assinado pela jornalista Nany Kimizuka, o post mais comentado até 10 de junho de 2009 foi “Nestlé selecionará promotores”, com duas manifestações de leitores. O texto entrou no ar em 29 de dezembro de 2008.

A Nestlé vai recrutar mais de 3.500 promotores de vendas temporários, em todo o Brasil, entre janeiro e abril. Eles estão encarregados de divulgar os produtos de Páscoa para consumidores em supermercados e lojas. A indústria ainda não divulgou as agências que farão a seleção e prevê que fará isso a partir do próximo mês. Os contratados começam a trabalhar em março.

Examinemos os comentários a que tudo isso dá margem.

O primeiro deles é do leitor R.M e foi deixado às 13 horas e 56 minutos do dia 30 de dezembro de 2008: *Como faço para me candidatar a uma vaga?* O segundo registro é da leitora C.L e entrou no ar às 2 horas e 43 minutos do dia 20 de janeiro de 2009: *Gostaria muito de me candidatar a vaga. Como faço? Já está disponível os endereços?*

Note-se aqui que ambas as interlocuções são ainda mais diretas e objetivas que no exemplo anterior, o do *Blog dos Aposentados*. E isso acontece principalmente por dois motivos: 1) não há o caráter de novidade, de apresentação de mais uma atração no

Blogão do Diário, como foi o caso do primeiro post citado e 2) o internauta que navega em *Emprego e Talento* tende a ser mais jovem que no caso anterior, sendo ainda mais familiarizado com a efemeridade e agilidade do ciberespaço, vai mais direto ao ponto em sua interação com o canal.

O terceiro blog de caráter mais noticioso a ser citado, o *É Cada Coisa!*, focado em notícias bizarras e inusitadas, é feito pelo jornalista Fábio Saraiva. Dos três selecionados aqui, é o que reuniu mais comentários de internautas desde a sua criação, em outubro de 2008, até 10 de junho de 2009: 27 ao todo, para 13 do *Blog dos Aposentados* e 5 de *Emprego e Talento*. O post mais comentado do canal, com três participações de leitores, é “Mulher paga mico e na rede ganha fama”, tendo entrado no ar em 18 de fevereiro de 2009.

Um vídeo de três minutos, em que uma passageira de meia idade é flagrada gritando e esperneando no saguão de um aeroporto, diante de funcionários atônitos, é um dos mais novos hits da internet. O mico ocorreu em 4 de fevereiro no Aeroporto Internacional de Hong Kong, e a mulher viajaria num voo da empresa Cathay Pacific rumo a San Francisco, nos EUA, informou um porta-voz da companhia. Somente uma das muitas versões do filminho, feito com um aparelho celular e postado no site You Tube, já foi apreciado por mais de 3 milhões de pessoas. Aparentemente, a “senhora piti” perdeu apenas o voo, mas se porta como se tivesse perdido três prêmios acumulados da megasena de Hong Kong. O pessoal da faxina do aeroporto deve ter ficado feliz, uma vez que a maluca limpou o chão do saguão, enquanto se debatia loucamente nele.

O primeiro dos três comentários deixados é assinado por um leitor (ou leitora) auto-denominado “DonArgusta”. O registro foi deixado em 19 de fevereiro de 2008, às 11 horas e 8 minutos: *quequeisso?* A segunda manifestação é da leitora M.L, que colocou sua opinião no ar no mesmo dia, às 13 horas e 54 minutos: *TPM braba!*. Já o terceiro e último comentário é de uma leitora que se identifica como “Denize”: *Essa jogadinha de cabelo é tudo. KKK!!!*

Diante de manifestações como essas, é possível concluir que, do primeiro canal citado, o *Blog dos Aposentados*, até aqui, houve um reforço da condição imersiva da leitura, digamos assim. Pelo tipo de notícias que oferece e pelo uso de um texto mais

bem humorado nas notas, o *É Cada Coisa!* tende a atrair um público mais jovem e familiarizado com a internet. Tanto que o próprio post campeão de comentários trata de um vídeo que fez sucesso na rede, “é um dos novos hits da internet”, como escreveu o jornalista. Assim, os registros recebidos deixam claro que foram escritos pelos leitores internautas, tanto pelo caráter breve e sucinto como pelo viés coloquial das expressões usadas. É como se, ao comentar o texto do jornalista, os internautas falassem diretamente ao próprio. E eles o fazem, efetivamente. Estão a poucos cliques do registro de sua opinião no *Blogão do Diário*. Por isso se manifestam com “quequeisso?”, “TPM Braba!” ou “Essa jogadinha de cabelo é tudo!”. Uma interlocução direta própria do ciberespaço, da leitura imersiva, da interatividade maximizada.

Convém reconhecer que, enquanto nos chats a identidade é flagrantemente corroída, em outros setores funcionais do cyberspace – como em sites destinados à apresentação e auto-afirmação de culturas locais e suas peculiaridades, ou em sistemas de mailing lists (de caráter privado ou público) – pode haver não essa erosão, mas, ao contrário, a ratificação de uma identidade previamente ou posteriormente articulada em contextos presenciais. (TRIVINHO, 2007, p. 395)

É interessante observar, aqui, como a autoafirmação da cultura local do *Diário de S. Paulo* na internet é capaz de atrair internautas mais próximos do perfil do leitor movente, o leitor clássico dos jornais e do mundo em movimento, advindo da maior urbanização e da revolução industrial, e leitores típicos imersivos, numa identidade ratificada e ampliada de um jeito novo, que se abre e se fortalece nos caminhos e descaminhos do ciberespaço.

Nota-se, a propósito, que, ao contrário do que acontece em outros canais, como os próprios chats, a patologia que acomete alguns internautas, o viés do adicto ao ciberespaço e a sua interação com ele, são traços que não foram observados nos blogs analisados no *Blogão do Diário*. E isso pode ser entendido, entre outras razões, pelo caráter novo do espaço, lançado em outubro de 2008, e pela atualização menos frequente em relação a outros veículos fornecedores de notícias na internet. Os blogs, no caso do *Diário de S. Paulo*, seriam assim uma oferta extra de conteúdo por parte do jornal, não um esforço no sentido de ganhar leitores internautas de forma mais

abrangente. Tanto que são produzidos por alguns jornalistas do periódico em seus poucos momentos livres, sem a montagem de uma equipe própria para isso.

CONCLUSÃO

As formas de acesso à informação nunca foram tantas e tão diversificadas. Do rádio de pilha à internet, passando pela televisão, nem é preciso comprar jornal ou revista para se manter informado. Mas, mesmo assim, os leitores o fazem.

No caso do *Diário de S. Paulo*, escolhido como objeto de estudo para este trabalho, mais precisamente 58 mil pessoas seguem tal opção de consumo nos dias úteis, segundo números de fevereiro de 2009. Além do objetivo primordial de inteirar-se sobre o que acontece na cidade e no mundo, os leitores do periódico em questão, mais especificamente aqueles que escrevem cartas à redação, podem ter outra ideia em mente: a busca pela concretização do desejo autoral. Um desejo realizado na seção *Diário do Leitor* e revelado na análise do discurso de alguns dos autores das 30 missivas apresentadas aqui.

E isso, destaque-se, num contexto em que é cada vez mais rápido e fácil comunicar-se com o veículo que produziu a informação, principalmente devido ao advento da leitura imersiva, que permite ao internauta manifestar-se sobre esse ou aquele conteúdo com apenas alguns cliques, num contexto em que ficou mais simples ser autor, editor e divulgador do próprio texto na internet, conforme pudemos constatar em nossa breve perspectiva histórica e dos diferentes tipos de leitores. Não importa: o leitor missivista com desejo autoral escreve a sua carta, enviada por e-mail ou pelos Correios, e trabalha seu texto de modo a chamar a atenção dos profissionais do *Diário de S. Paulo*, primeiramente, e depois dos demais leitores. É uma interação preciosa aos profissionais da redação, um gesto que só tem a acrescentar ao seu trabalho, ao aprimoramento do jornalismo de modo geral, visto que, como discutimos ao longo desta dissertação, os homens e mulheres da imprensa devem ter sempre em mente que, acima de quaisquer determinações ou vaidades, trabalham para os seus leitores, ouvintes, telespectadores, internautas. E a eles devem o salário que recebem todos os meses.

A falta de retorno por parte do público, por intermédio das cartas, não é um problema para a redação do *Diário de S. Paulo*, a que chegam por volta de 600 cartas por mês, sendo 500 e-mails e 100 textos entregues pelos Correios. O que não leva os jornalistas a precisarem usar recursos como a invenção e escrita de missivas, situação retratada, com muito charme e graça, diga-se de passagem, pelo escritor Rubem Fonseca no conto *Corações Solitários*, extraído do livro *Feliz Ano Novo*. A história em questão se passa na redação do fictício jornal “Mulher”.

Perguntei a ele se alguém trazia as cartas dos leitores na minha mesa. Ele me disse para falar com Jaqueline, na expedição. Jaqueline era um crioulo grande de dentes muito brancos.

Pega mal eu ser o único aqui dentro que não tem nome de mulher, vão pensar que eu sou bicha. As cartas? Não tem carta nenhuma. Você acha que toda mulher da Classe C escreve cartas? A Elisa inventava todas.

Prezado dr. Nathanael Lessa. Eu arranjei uma bolsa de estudos para minha filha de dez anos, numa escola grã-fina da zona sul. Todas as coleguinhas dela vão ao cabeleireiro, pelo menos uma vez por semana. Nós não temos dinheiro para isso, meu marido é motorista de ônibus da linha Jacaré-Caju, mas disse que vai trabalhar extraordinário para mandar Tânia Sandra, a nossa filhinha, ao cabeleireiro. O senhor não acha que os filhos merecem todos os sacrifícios? Mãe dedicada. Vila Kennedy.

Resposta: Lave a cabeça da sua filhinha com sabão de coco e coloque papelotes nela. Fica igual ao cabeleireiro. De qualquer maneira, sua filha não nasceu para ser bonequinha. Aliás, nem a filha de ninguém. Pega o dinheiro do extraordinário e compra outra coisa mais útil. Comida, por exemplo.

Diferentemente dos missivistas fictícios de “Mulher”, os leitores do *Diário de S. Paulo* escrevem, na maioria das vezes, para registrar reclamações e ou fazer pedidos referentes a serviços públicos. Tanto que, no período analisado neste trabalho (2007, 2008 e os três primeiros meses de 2009), foram identificadas 704 missivas nessa linha, seguidas em volume por aquelas que abordam conteúdos ligados à política (420). Assim, mais que para submeter ao jornal os seus problemas emocionais, os nossos interlocutores da vida real procuram o periódico para apontar questões concretas, pontuais, ligadas ao seu cotidiano e, num nível mais amplo, ao cotidiano da cidade. Ou seja, fornecem material para a produção de notícias de interesse coletivo.

É importante destacar que essa entrega de informação, digamos assim, que pode dar origem a novas reportagens, está em cada missiva enviada à redação. Se um leitor, como foi o caso de G, que teve seu texto apresentado aqui, escreve expressando o seu choque por um jovem pai, como Alexandre Nardoni, ser suspeito de participar do assassinato da filha de cinco anos, Isabella Nardoni, por que não produzir, para a edição do próximo domingo, uma página sobre pais acusados de crimes semelhantes, com especialistas em psicologia e polícia opinando sobre o assunto? Outro exemplo nessa linha pode ser identificado na carta da leitora M.A sobre as denúncias de abuso sexual envolvendo o médico Roger Abdelmassih. Em sua participação no *Diário do Leitor*, apresentada de forma mais detalhada no capítulo 3 desta dissertação, M.A questionou o apoio dado ao mais conhecido especialista em reprodução humana do país por suas clientes famosas, entre as quais se encontram atrizes e apresentadoras de TV. Dessa forma, por que não se inspirar na dúvida da missivista e checar o tratamento dado por Roger Abdelmassih para suas diferentes pacientes. As “celebridades” são recebidas de forma mais privada e atenciosa no consultório? Passam na frente das demais, que chegam a ficar horas esperando a sua vez? Como funciona isso no dia a dia da clínica da Avenida Brasil, nos Jardins, na capital paulista?

E assim sucessivamente, já que, lidas e analisadas com atenção, todas as missivas podem lançar luzes e ajudar a direcionar melhor o trabalho dos jornalistas. Até porque, o leitor que escreve, principalmente aquele que o faz de forma opinativa, com texto mais elaborado e bem cuidado, o faz para concretizar seu desejo autoral. E, se além da resposta positiva que é a publicação de seu texto no *Diário do Leitor*, ainda tiver o retorno de ver a sua colocação debatida nas páginas do periódico, ficará duplamente satisfeito. E leitor satisfeito é sinônimo de dever cumprido do ponto de vista jornalístico, além de, claro, vendas maiores nas bancas e mais ligações de interessados no setor de assinaturas, garantindo o emprego e os salários de repórteres e editores.

Esse desejo autoral está ligado à vontade de reconhecimento do texto escrito na intimidade do leitor pelos profissionais do jornal em questão, que o escolheram no meio de outros para a publicação na seção de cartas. E, lógico, à vaidade que vem da aura do status de escritor. Afinal, agora as suas palavras serão lidas por muitos leitores, de

diferentes partes da cidade, do estado, do país, já que foram citados neste trabalho textos de missivistas que vivem fora de São Paulo.

Assim se prolonga o mito das “férias literárias” muito para além do verão: as técnicas do jornalismo contemporâneo procuram oferecer uma imagem prosaica do escritor. Mas não devemos pensar que se trate de um esforço de desmistificação. Muito pelo contrário. Sem dúvida que participar, por meio de confidências, da vida cotidiana de uma raça selecionada pelo gênio pode parecer comovente e mesmo lisonjeiro para o simples leitor: acharia com toda a certeza deliciosamente fraterna uma humanidade se soubesse pelos jornais que tal grande escritor usa pijamas azuis e que algum jovem romancista gosta de “moças bonitas, queijo de Sabóia e mel de alfazema”. Isto não impede que o saldo da operação seja o escritor tornar-se ainda um pouco mais vedete, distanciar-se ainda mais desta Terra para se refugiar num hábitat celeste, onde os seus pijamas e os seus queijos não o impeçam de utilizar de novo a sua nobre e demiúrgica palavra. Atribuir publicamente ao escritor um corpo bem carnal, revelando que ele adora o vinho branco seco e o filé malpassado, equivale a tornar aos nossos olhos os produtos da sua arte ainda mais milagrosos e de essência mais divina. (BARTHES, 2007: 34)

Como bem apontou Barthes em sua descrição do mito das “férias literárias”, “as técnicas do jornalismo contemporâneo procuram oferecer uma imagem prosaica do escritor”. É o mito do escritor pessoa comum, que usa “pijamas azuis” no melhor estilo gente como a gente, que está próximo da realidade do leitor. Uma construção que estimula e leva o missivista a querer, ele também, concretizar seu desejo autoral. Como se estivéssemos diante de uma mistificação acessível, do eu posso e eu quero ser autor no *Diário do Leitor*.

Ao longo deste trabalho, o desejo autoral na seção de cartas do *Diário de S. Paulo* foi revelado a partir da análise do discurso de 30 missivas relacionadas à religião, sexualidade e política. Em cada texto, em alguns mais, em outros menos, foi observada uma particularidade, uma nuance que revelava o cuidado com a escrita, as palavras selecionadas de forma a chamar a atenção, os planos morfológico, pragmático e semântico dessas mensagens. Está se falando aqui do uso de exclamações, reticências, neologismos, recursos diferenciados e fora do padrão da carta convencional, mais objetiva e simples.

A título de conclusão, retomemos alguns exemplos: “Os mais íntimos certamente a tratavam apenas de Isa, a Isa que era muito bela” (leitor L), “Isabella voa no Paraíso como um pássaro encantado” (leitor G), “Daqueles menos esclarecidos que se desfazem do pouco que têm para encher os cofres dos pastores” (leitor R.R), “A Igreja se consome por dentro, pusilânime, jurássica, aterrorizante” (leitor M.O), “A covardia da população em se manter em sua aburguesada indiferença” (leitora M.S), “Eu pergunto: orgulho gay por quê? Orgulho tenho eu, pela minha família” (leitor M), “No Autorama ou em lugar público, não!” (leitor M), “O ovo de Colombo era o Fome Zero” (leitor D.N), “Que coisa feia a atitude de Gilberto Kassab!” (leitor G.N). Isso sem citar o missivista/autor dos “11 mandamentos dos políticos”, O.B, cujo 11º item necessário para agir como político é “E o povo que se dane, que continue a acreditar em coelho da Páscoa”.

Os trechos acima mostram colocações feitas de forma exaltada, elaborada. É como se os leitores subissem no “palanque” para registrar sua opinião no *Diário do Leitor*. E é ótimo que se seja assim, que essa interação não seja sempre objetiva, prática, que vá além do “Sou morador de Cidade Tiradentes, da Rua Tal, e gostaria que a Prefeitura consertasse o poste quebrado há três meses”, por exemplo. A seção de cartas do *Diário de S. Paulo* não seria tão rica se não contasse com essa diversidade, com esse sabor, digamos. Se não tivesse exclamações e reticências, liberdade para escrever do jeito que se quer, do jeito que se acha mais interessante, mais bonito, por que não? Do ponto de vista jornalístico, conforme já foi apontado anteriormente, é ótimo que os leitores se manifestem de forma ampla, reveladora de seus conceitos e ideias, o que fornece subsídios para a ampliação do debate nas páginas do jornal. O desejo autoral é revelador de outras nuances, ajuda os jornalistas a entenderem como pensam e o que querem seus verdadeiros patrões, os leitores. Isso para não falar que a expressão da opinião, seja feita de qualquer maneira, comprova que existe uma relação de proximidade entre o periódico e aqueles que o leem. Se o *Diário de S. Paulo* é o meu jornal, é para ele que eu vou escrever. E o faço da melhor forma, para concretizar meu desejo autoral, minha vontade de ter um texto publicado. Uma vontade que funciona como via de mão dupla, que ajuda o jornal, que completa a cena.

A cena é incompleta sem o leitor. É claro que, genericamente falando, toda cena, todo texto é incompleto sem o leitor, mas, nesse caso, a margem de atuação do leitor, o espaço concedido a ele, é radicalmente maior. Aqui reencontramos a relação estabelecida na frase de Pontalis, e agora podemos começar a pensá-la: o prazer do leitor está também vinculado ao lugar que lhe é concedido. “Tratar” o leitor é pensar o seu espaço na máquina de signos que uma obra produz. O prazer do leitor passa pela incompletude da obra, que lhe assinala o seu lugar decisivo, desenhando o espaço de uma radical co-autoria (BOSCO, 2008: 38).

A importância do espaço de coautoria, do lugar decisivo do leitor com desejo autoral, é a principal conclusão a que este trabalho de pesquisa chegou. Um caso em que o prazer da pesquisa esteve vinculado ao lugar que é concedido ao leitor missivista do *Diário de S. Paulo*.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Glória Carneiro do. Sévigné em ação: sévignações. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella. *Prezado senhor, prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BALZAC, Honoré de. *Os jornalistas*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BLOGÃO DO DIÁRIO. Disponível em www.diariosp.com.br. Acesso em 10/06/2009.
- BLOG DOS APOSENTADOS. Disponível em www.diariosp.com.br/aposentado. Acesso em 10/06/2009.
- BLOG É CADA COISA. Disponível em www.diariosp.com.br/cadacoisa. Acesso em 10/06/2009.
- BLOG EMPREGO E TALENTO. Disponível em www.diariosp.com.br/empregoetalento. Acesso em 10/06/2009.
- BOSCO, Francisco. O ugar do leitor. *Cult*, São Paulo: Out. 2008. Coluna Ensaio, p.38.
- BUCCI, Eugênio. *Em Brasília, 19 horas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. De Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CARDOSO, Marília Rothier. Carta de leitor. Reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella. *Prezado senhor, prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CHARTIER, Roger. As Revoluções da Leitura no Ocidente. In: FISHER, Roger Stephen (org). *História da Leitura*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.
- CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- COELHO, Marcelo. *Crítica cultural – Teoria e Prática*. São Paulo: Publifolha, 2006.
- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- FIORIN, José Luiz. *Astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

- FONSECA, Rubem. *Feliz Ano Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Batella. *Prezado senhor, prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GRAVES, Robert. *Os mitos gregos I*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. França; Vera Veiga. *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: São Paulo, Editora 34, 1999.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo na era virtual*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- LEITE, Paulo Moreira; NUNES, Nelson. *Diário 120 Anos*. São Paulo: RR Donnelley, 2004.
- MAN, John. *A Revolução de Gutenberg*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- MOTTA, Leda Tenório da. *Antígona em São Paulo: um diálogo entre duas tragédias*. Estado de S. Paulo, São Paulo, 1º de jun. 2008. Cultura, Caderno D, p.6.
- PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Paulus Editora, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.
- TRIVINHO, Eugênio. *A dromocracia cibercultural*. São Paulo: Paulus Editora, 2007.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)